
COMPANHIA DAS LETRAS

WILLIAM S.
BURROUGHS

E JACK
KEROUAC

E OS HIPOPÓTAMOS

FORAM COZIDOS

EM SEUS TANQUES





WILLIAM S. BURROUGHS
JACK KEROUAC

E os hipopótamos foram cozidos em seus tanques

Tradução

Alexandre Barbosa de Souza

COMPANHIA DAS LETRAS

AND THE HIPPOS WERE
BOILED IN THEIR TANKS

1945

by
William Lee
and John
Kerouac

Will Dennison
~~chapters~~ chapters written by
William Lee, Mike Ryko chapters
by John Kerouac

1. Will Dennison

Os bares fecham às três nas noites de sábado, então voltei para casa umas quinze para as quatro, depois de tomar o café da manhã do Riker's na esquina da rua Christopher com a Seventh Avenue. Joguei o *News* e o *Mirror* no sofá, tirei meu paletó listrado e deixei em cima dos jornais. Eu estava indo direto para a cama.

Nisso, a campainha tocou. É uma campainha alta que faz a pessoa tremer, então fui logo apertar o botão que abre a porta da rua. Depois tirei meu casaco do sofá e pendurei numa cadeira para ninguém sentar em cima, e coloquei os papéis numa gaveta. Queria ter certeza de que estariam ali quando eu acordasse de manhã. Então fui abrir a porta. Calculei certo, para que não desse tempo nem de eles baterem.

Quatro pessoas entraram na sala. Agora direi a vocês em linhas gerais quem eram essas pessoas e falarei sobre sua aparência, já que a história é basicamente sobre duas delas.

Phillip Tourian tem dezessete anos, metade turco, metade americano. Ele tem vários sobrenomes para escolher, mas prefere Tourian. Seu pai usa o sobrenome Rogers. Cabelos pretos encaracolados na testa, a pele é muito clara, e ele tem olhos verdes. Já estava sentado na cadeira mais confortável com a perna atravessada no braço antes que os outros sequer tivessem entrado.

Esse Phillip é o tipo do menino para quem as bichas letradas escrevem sonetos que começam assim: “Do corvo tens a cor dos cabelos, grego varão...”. Usava umas calças muito sujas e uma camisa caqui com as mangas arregaçadas que exibiam seus antebraços duros e musculosos.

Ramsay Allen é um homem de aparência impressionante, grisalho de seus quarenta e poucos anos, alto e um pouco flácido. Parece um ator decadente ou alguém que já foi alguém um dia. Além disso, ele é do Sul e diz ser de boa família, como todo sulista. É um cara muito inteligente, mas ninguém diria vendo-o agora. Está tão apaixonado pelo Phillip que fica pairando em torno dele como um urubu tímido, com um risinho idiota e forçado na cara.

Al é um dos melhores sujeitos que eu conheço, e a melhor das companhias. Phillip também. Mas quando os dois se juntam sempre acontece alguma coisa;

eles formam uma dupla que deixa todo mundo nervoso.

Agnes O'Rourke tem um rosto feioso irlandês e cabelos pretos curtos, e está sempre de calças compridas. Ela é despachada, viril e confiável. Mike Ryko é um finlandês ruivo de dezenove anos, uma espécie de marinheiro mercante vestido de caqui sujo.

Bem, era só isso, quatro deles, e Agnes tinha uma garrafa.

“Ah, Canadian Club”, eu disse. “Entrem e podem sentar”, o que todos já tinham feito a essa altura, e peguei alguns copos e todo mundo se serviu de uma dose pura. Agnes me pediu um pouco de água e fui buscar para ela.

Phillip tivera alguma ideia filosófica que aparentemente viera desenvolvendo ao longo da noite e agora eu iria ouvi-la. Ele falou: “Imaginei toda uma filosofia baseada na ideia de que o desperdício é o mal e a criação é o bem. Enquanto você está criando algo, tudo bem. O único pecado é o desperdício das suas potencialidades”.

Aquilo me pareceu uma bobagem, então falei: “Eu sei que não passo de um garçom atordoado, mas e os anúncios de sabonete Lifebuoy? Também não são criação?”.

Aí ele disse: “É, mas veja, é o que se pode chamar de criação desperdiçada. É uma dicotomia. E existe também o desperdício criativo, como esta conversa com você”.

Então eu disse: “Certo, mas qual é o seu critério para diferenciar o desperdício da criação? Qualquer um pode dizer que o que está fazendo é criação e que todas as outras pessoas estão só desperdiçando. É muito genérico, não faz o menor sentido”.

Pois bem, isso pareceu atingi-lo bem na testa. Creio que ele não estivesse encontrando muita oposição até ali. De todo modo ele parou com essa filosofia e fiquei feliz porque esse tipo de ideia para mim está no departamento das “coisas sobre as quais ninguém quer ouvir falar”.

Phillip então me perguntou se eu tinha maconha e eu disse que só um pouco, mas ele insistiu que queria fumar, então peguei da gaveta da escrivaninha, acendemos um cigarro e passamos na roda. Era um fumo bem ruim, e um baseado só não fez efeito em ninguém.

Ryko, que ficara no sofá todo esse tempo sem falar nada, disse: “Fumei seis baseados em Port Arthur, Texas, e não me lembro de nada de Port Arthur, Texas”.

Eu disse: “Está muito difícil arranjar maconha, e eu não sei onde vou conseguir mais quando essa acabar”, mas Phillip enrolou outro e começou a fumar mais. Então enchi meu copo de Canadian Club.

Foi quando me ocorreu que aquilo estava estranho, aqueles caras nunca tinham dinheiro, de onde tinha vindo aquele Canadian Club, e então perguntei a eles.

Al disse: “Agnes roubou de um bar”.

Parece que Al e Agnes estavam na ponta do balcão do Pied Piper tomando uma cerveja, quando Agnes de repente disse a Al: “Pega o troco e me segue. Estou com uma garrafa de Canadian Club embaixo do casaco”. Al foi atrás, mais assustado do que ela. Ele nem tinha visto ela pegando.

Isso tinha acontecido naquela noite e a garrafa agora já estava pela metade. Dei os parabéns a Agnes e ela sorriu confiante.

“Foi fácil”, disse ela. “Vou fazer de novo.”

Não quando estiver comigo, eu disse a mim mesmo.

Então houve uma calmaria na conversa, mas eu estava com muito sono para dizer qualquer coisa. Falaram algo que não ouvi e então me virei a tempo de ver Phillip dando uma mordida no seu copo e começando a mascar o vidro, o que fez um barulho que se ouvia pela sala toda. Agnes e Ryko fizeram uma cara como se alguém estivesse arranhando uma lousa com as unhas.

Phillip mascou bastante o seu vidro e depois engoliu com a água de Agnes. Aí Al comeu um pedaço também e dei a ele um copo d’água para ajudar a engolir. Agnes me perguntou se eu achava que eles iriam morrer, e eu disse que não, que não havia perigo se você mastigasse bastante; era como engolir um pouco de areia. Todo aquele papo de pessoas que morriam de mascar vidro era boato.

Foi quando tive uma ideia para uma cena e falei: “Estou faltando com meus deveres de anfitrião. Alguém está com fome? Tenho uma coisa muito especial que chegou hoje”.

A essa altura, Phillip e Al estavam tirando pedaços de vidro do meio dos dentes. Al tinha ido ao banheiro para olhar as gengivas no espelho, e elas estavam sangrando.

“Eu”, Al falou do banheiro.

Phillip disse que andava gostando de comer vidro.

Al me perguntou se era outro daqueles pacotes de comida que a minha mãe mandava, e eu disse que “sim, aliás uma coisa muito gostosa”.

Aí entrei na despensa, vasculhei um pouco ali e voltei com um monte de lâminas de navalha num prato e um vidro de mostarda.

Phillip disse: “Seu puto, estou com uma baita fome”, e eu achei aquilo muito bom e falei: “Que tal uma cena?”.

Ryko disse: “Eu vi um cara comendo lâminas em Chicago. Gillete, copo e lâmpada. No final ele ainda comeu um prato de porcelana”.

A essa altura, todo mundo já estava bêbado, menos Agnes e eu. Al estava sentado aos pés de Phillip olhando para ele com uma expressão idiota no rosto. Comecei a desejar que todos fossem para casa.

Então Phillip se levantou, balançando um pouco, e falou: “Vamos subir no telhado”.

E Al disse: “Certo”, ficando de pé num pulo, como se nenhuma outra sugestão pudesse ser tão maravilhosa.

Eu disse: “Não, não vamos. Vocês vão acordar a minha senhoria. E lá em cima não tem nada para ver”.

Al falou: “Vá pro inferno, Dennison”, ressentido porque eu estava reprimindo uma ideia de Phillip.

Então eles se esgueiraram pela porta e começaram a subir a escada. A senhoria e a família dela ficam no apartamento em cima do meu, e acima deles tem o telhado.

Sentei-me e me servi de mais um pouco de Canadian Club. Agnes não queria mais e disse que ia para casa. Ryko estava cochilando no sofá, então pus o resto no meu copo, e Agnes se levantou para sair.

Dava para ouvir uma movimentação no telhado e depois ouvi um som de vidro estilhaçando na rua. Andamos até a janela e Agnes disse: “Eles devem ter jogado um copo na rua”.

Aquilo me pareceu lógico e então enfiei a cabeça para fora com cuidado, e tinha uma mulher olhando para cima e xingando. Estava ficando claro lá fora.

“Seus loucos de merda”, ela dizia, “o que vocês querem? Matar alguém?”

Ora, eu, como bom amante dos contra-ataques, disse: “Cala essa boca. Você está acordando todo mundo. Saia daí ou vou chamar a polícia”, e apaguei as luzes como se tivesse sido tirado da cama e voltasse a dormir.

Alguns minutos depois ela foi embora ainda xingando, e eu estava xingando a mim mesmo, só que em silêncio, lembrando dos problemas que aqueles dois já tinham me causado. Lembrei de quando eles bateram o meu carro em Newark e me fizeram ser expulso de um hotel em Washington porque o Phillip mijou pela janela. E tinha muito mais desse tipo de coisa. Quero dizer, coisas de amigos de faculdade, naquele estilo dos anos 1910. Isso acontecia sempre que eles se juntavam. Sozinhos, eram ótimos.

Acendi a luz e Agnes saiu. Estava tudo calmo no telhado.

“Espero que eles não resolvam pular dali”, eu disse a mim mesmo, porque Ryko estava dormindo. “Bom, eles que passem a noite empoleirados lá, se quiserem. Eu vou para a cama.”

Tirei a roupa e me deitei na cama, deixando Ryko dormindo no sofá. Eram umas seis horas.

2. Mike Ryko

Saí do apartamento do Dennison às seis e tomei o caminho de casa pela Washington Square. Na rua estava frio e enevoadado, e o sol devia estar atrás dos quebra-mares do East River. Fui para o leste pela Bleecker Street depois de sair do Riker's para ver se encontrava Phillip e Al.

Quando cheguei na Washington Square, estava com tanto sono que não conseguia andar reto. Subi para o apartamento da Janie no terceiro andar, joguei minhas roupas numa cadeira, empurrei Janie para o lado e me enfiei na cama. O gato ficava correndo sem parar pela cama, brincando com os lençóis.

Quando acordei naquela tarde de domingo, estava bem quente, e a Filarmônica tocava no rádio da sala da frente. Sentei e me inclinei para ver a Janie sentada no sofá vestindo só uma toalha e com o cabelo todo molhado do banho.

Phillip estava sentado no chão, de toalha e com um cigarro na boca, ouvindo uma música, que era a Primeira de Brahms.

“Ei”, eu disse, “me joga um cigarro.”

Janie veio andando e disse “Bom dia” como uma menininha sarcástica e me deu um cigarro.

Falei: “Meu Deus, como está quente!”.

E Janie falou: “Levanta e vai tomar um banho, seu bolha”.

“O que foi?”

“Não me venha com o que foi. Você fumou maconha ontem à noite.”

“Não era boa, na verdade”, eu disse e entrei no banheiro. O sol de junho estava lá dentro e quando liguei a água fria foi como mergulhar num lago ensombreado da Pensilvânia numa tarde de verão.

Depois, me sentei no quarto da frente com uma toalha e um copo de suco de laranja e perguntei a Phillip aonde ele tinha ido na noite passada com Ramsay Allen. Ele contou que, depois que saíram do Dennison, resolveram ir ao Empire State.

“Por que o Empire State?”

“Estávamos pensando em pular de lá. Não me lembro direito.”

“Pular de lá, é?”, disse eu.

Conversamos mais um pouco sobre a Nova Visão, que Phillip estava tentando pôr em prática, e depois, quando terminei meu suco, levantei e fui ao banheiro vestir a calça. Falei que estava com fome.

Janie e Phillip começaram a se vestir e eu entrei na pequena alcova que chamávamos de biblioteca e fiquei folheando algumas coisas na escrivaninha. Aos poucos eu estava ficando pronto para uma nova viagem. Deixei algumas coisas em cima da escrivaninha e depois voltei para a sala da frente, e eles já estavam prontos. Descemos as escadas e fomos para a rua.

“Quando você embarca de novo, Mike?”, Phillip perguntou.

“Por quê?”, disse eu, “acho que mais duas semanas.”

“Você não vai pra porra nenhuma”, Janie disse.

“Bem”, disse Phillip quando atravessávamos a praça, “eu também ando pensando em pegar um navio. Sabe, tenho licença de marinheiro, mas nunca viajei. O que eu precisaria fazer para conseguir entrar num navio?”

Dei a ele todos os detalhes resumidamente.

Phillip moveu a cabeça satisfeito. “Eu vou fazer isso”, disse. “E existe alguma chance de nós dois pegarmos o mesmo navio?”

“Claro”, falei. “Você decidiu assim de repente? E o que o seu tio vai achar disso?”

“Ele vai concordar. Vai ficar feliz de me ver fazer algo patriótico e tal. E feliz de se livrar de mim por algum tempo.”

Mostrei-me satisfeito com tudo aquilo. Disse a Phil que era sempre melhor embarcar com um parceiro, para não ter problemas a bordo com os outros membros da tripulação. Contei a ele que às vezes um sujeito solitário acaba se dando mal, principalmente se gosta de ficar sozinho o tempo todo. Esse tipo de marujo, eu disse, sem querer desperta suspeitas nos outros homens.

Fomos ao Frying Pan da rua Oito. Janie ainda tinha algum dinheiro sobrando do seu último cheque de pensão. Ela era de Denver, Colorado, mas fazia um ano que não ia para casa. O pai dela, um viúvo rico, morava num hotel elegante de lá, e às vezes ela recebia cartas dele contando como era boa a sua vida.

Janie e eu pedimos ovos fritos com bacon, mas Phillip pediu dois ovos moles. A garçonete atrás do balcão era nova e fez uma cara azeda para ele. Muita gente estranhava a aparência exótica de Phillip, e olhavam para ele com desconfiança como se achassem que ele era viciado ou veado.

“Não quero que o Allen saiba que eu vou embarcar”, Phillip estava dizendo. “A ideia é fugir dele. Se ele descobre, é capaz de melar o negócio.”

Dei uma risada.

“Você não conhece o Allen”, Phillip disse a sério. “Ele é capaz de qualquer coisa. Eu já o conheço há bastante tempo.”

Falei: “Se você quer se livrar do cara, simplesmente diga para ele sair do seu pé e ficar longe de você”.

“Não adianta. Ele simplesmente não sai de perto.”

Bebemos calados nosso suco de tomate.

“Não entendo a sua lógica, Phil”, eu disse. “Tenho a impressão de que você não se incomoda muito com ele grudado em você o tempo todo, contanto que não te passe uma cantada. E às vezes ele é bastante conveniente para você.”

“Ele está ficando inconveniente”, disse Phillip.

“O que aconteceria se ele descobrisse que você vai embora?”

“Qualquer coisa, várias coisas.”

“O que ele poderia fazer se descobrisse só quando você já estivesse no navio?”

“Ele provavelmente estaria me esperando no próximo porto, de boina, quebrando conchas na praia com cinco ou seis meninos árabes aos seus pés.”

Dei outra risada. “Essa foi boa”, falei.

“Você não quer essa bicha metida na sua vida”, Janie disse a Phillip.

“Essa da praia foi muito boa, muito”, disse eu.

Nossos ovos então chegaram, mas os ovos de Phillip estavam completamente crus. Ele chamou a garçonete e falou: “Esses ovos estão crus”. Fez uma demonstração enfiando a colher nos ovos e tirando um longo fio de clara crua.

A garçonete falou: “Você disse ovos moles quentes, não foi? Não podemos devolver o prato”.

Phillip empurrou os ovos sobre o balcão. “Dois ovos um pouco mais cozidos, quatro minutos”, disse. “Isso deve facilitar as coisas.” Então virou-se para mim e começou a falar sobre a Nova Visão. A garçonete agarrou o prato com os ovos e assobiou para o compartimento por onde a comida vinha da cozinha: “Dois na água mais quatro minutos”.

Quando os ovos voltaram, estavam perfeitos. A garçonete bateu com eles sobre a mesa na frente de Phil. Ele começou a comê-los calmamente.

“O.k”, eu disse depois de terminar meu café da manhã. “Amanhã vá até a Broadway, como eu falei, e se registre. Garanto que vamos conseguir um navio em uma semana. Estaremos em alto-mar antes que o Allen descubra.”

“Boa”, disse Phillip. “Quero ir o quanto antes.”

“Não dá para escolher o destino do navio”, expliquei.

“Não faz mal, embora eu quisesse ir à França.”

“Eu também”, falei, “mas você já esteve na França.”

“Estive com a minha mãe, quando eu tinha catorze anos, e com uma governanta inglesa do lado. Quero conhecer o Quartier Latin.”

“O Quartier Latin é em Paris”, falei, “e nós só vamos ver um pedaço da Normandia. Acho que dessa vez não vamos nem ver Paris.”

“Deve haver um jeito de atravessar até Paris, não importa como. Mas o principal mesmo é sair da América.”

“Você vai conseguir ficar bem longe de Ramsay Allen.”

“Espero que sim”, ele disse.

“Vai ter bastante tempo para escrever poesia no mar”, acrescentei.

“Esse é outro aspecto da coisa.”

“Por que você não consegue escrever poesia e trabalhar na sua Nova Visão aqui em Nova York?”

Phillip sorriu. “Porque o Al está em toda parte, e ele é um peso morto em cima das minhas ideias. Eu tenho ideias novas. Ele é de outra geração.”

“Ah”, falei, “você está sendo ingrato com o seu velho e adorado professor.”

Phillip me deu um sorrisinho maroto e disfarçado.

Janie disse: “Vocês dois só estão falando besteira. Vocês querem ganhar algum dinheiro, não querem? Quando vocês voltarem, a gente podia ir todo mundo para a Flórida ou New Orleans, ou algum lugar para passar o inverno. Dane-se a poesia”.

Tínhamos cigarros, mas não fósforos. Phil chamou a garçonete: “Olha, a senhorita teria um fósforo?”.

A garçonete disse: “Não”.

Phillip falou: “Então arrume um”, nesse tom, calmo e claro.

A garçonete tirou uma caixa de fósforos de debaixo do balcão e atirou para ele. A caixinha caiu no meu prato vazio e espalhou algumas batatas fritas sobre o balcão. Phillip pegou a caixa e acendeu nossos cigarros. Em seguida, jogou a caixa de volta, e ela caiu no balcão perto da garçonete.

Ela se assustou com o barulho e disse: “Ah! Eu não devia ter deixado a caixa com você”.

Phillip riu na cara dela.

Falei: “Ela deve estar menstruada”.

Nisso um garçom baixinho e atarracado chegou perto de mim e disse: “Você se acha esperto?”.

“Claro que sim”, falei. Tudo indicava que ia sair briga.

Então Janie disse: “Foi essazinha aí que começou tudo. Por que você não arranja outra garçonete?”.

O garçom olhou para nós de cara feia e saiu andando.

“Vamos embora daqui”, Janie disse. Ela fez o cheque e saímos.

Voltamos andando até a Washington Square e nos sentamos num banco à sombra. Cansei daquilo, resolvi sentar na grama e comecei a mascar um graveto.

Fiquei pensando nos livros que levaria para a viagem e como seria quando Phil e eu estivéssemos num porto estrangeiro. Phil e Janie estavam falando de uma menina, Barbara Bennington — Babs para os amigos —, e qual seria a reação dela com a notícia dessa súbita partida.

Foi quando apareceu um velhinho cambaleante, bêbado e resmungando sozinho. Parou em frente ao nosso banco e começou a me encarar. Não demos a menor atenção, aí ele se irritou. Ele tinha um tique de alcoólatra que o fazia rosnar. Contraiu-se todo, me disse “Aah” e saiu andando.

Phil e Janie continuaram conversando e de repente o bebunzinho estava de novo me encarando.

“Quem são vocês?”, ele perguntou.

Imitei seu tique nervoso e respondi: “Aah!”.

“Vá embora”, Phil disse a ele, e o bebunzinho se assustou e foi, com seu tique nervoso, rosnando para bancos e árvores.

Ficamos ali sentados mais um pouco até que decidimos ir embora. Phil disse que ia direto para casa para começar a fazer as malas. Ele morava numa pensão virando a esquina do apartamento da Janie, onde tinha uma quitinete com banheiro.

Quando estávamos na esquina, encontramos James Cathcart, que fazia administração na Universidade de Nova York, e ele foi ajudar Phillip com a mala. Phillip pediu para ele ficar de bico calado. Embora Cathcart fosse bem amigo dele, Phil estava tomando cuidado para a notícia não vazar para Ramsay Allen.

Janie e eu subimos e tomamos banho juntos. Então sentamos na sala da frente para conversar. Eu fiquei na cadeira de balanço de frente para ela e ela no sofá só de toalha, feito uma índia. Fiquei olhando para a toalha até ficar irritado, daí levantei e arranquei a toalha dela e voltei para a cadeira de balanço.

Ela perguntou: “O que você vai fazer no mar?”, e eu disse: “Não se preocupe com o futuro”.

3. Will Dennison

Acordei no sábado por volta das duas, varri os copos quebrados, fui até a esquina, tomei um café e comprei a *Racing Form*. Voltei para o meu quarto e li os jornais que estavam lá mesmo. Depois dei uma olhada na *Racing Form* e não achei nenhum cavalo que me interessasse.

Por volta das quatro, Danny Borman apareceu. Danny é segurança e parece o George Raft, só que é alto.

Parecia que as coisas não iam bem para ele nas duas últimas semanas, porque ele não conseguia outro contrato de trabalho temporário, onde está a gorjeta, e não queria se amarrar em lugar nenhum. Por fim, disse: “Will, eu queria pedir um favor”.

“Claro”, falei, “o que é?”

“Queria que você me emprestasse o seu porrete.”

Eu estava esperando que fosse dinheiro, então disse: “Claro, Danny, fico feliz em ajudar”.

Fui até o escritório e pesquei meu porrete de couro debaixo de uma pilha de camisas. Pensava como um cara desses era diferente de Phillip e Al, que nunca moveriam um dedo para conseguir dinheiro se pudessem descolar de alguém. Cuidadosamente, limpei a arma com um lenço de seda e entreguei a ele.

“Tome cuidado”, eu disse.

Ele falou: “Você me conhece. Eu sempre tomo”.

Ele disse que ia sair do centro e eu falei que iria com ele, porque estava pensando em passar no Al.

Na porta ele falou: “Você primeiro”.

E eu disse: “Por favor, a casa é minha”, o que achei um tanto esnobe, e ele saiu primeiro. Danny era rígido com etiqueta e conhecia a obra de Emily Post de cabo a rabo.

Fomos até a rua 42 juntos, e ele saltou ali. Eu desci na rua 50 e andei até o Al, que ficava na 52 entre a Quinta e a Sexta, em cima de uma boate.

Al tinha o melhor quarto da casa. Ficava no segundo andar nos fundos e dava para um quintal. Tinha um quadro em cima da lareira, a imagem, uma foto tirada embaixo d’água, de um cara jovem de sunga com um dedo apontando para a

bochecha, forçado e pensativo, todo em malva e azul-claro e cor-de-rosa. Havia uma espreguiçadeira comprida na sala, a única cadeira confortável em toda a casa.

Havia duas pessoas sentadas na espreguiçadeira e quatro sentadas na cama, então fui até a janela que dava para o quintal e comecei a conversar com Hugh Maddox.

Agnes O'Rourke estava lá, e Della. Agnes estava sentada na espreguiçadeira e Della sentada no braço da cadeira. Della é uma lésbica experiente de vinte anos, com dois ou três casos nas costas, de cortar o coração, e quatro tentativas de suicídio.

Na cama estavam Jane Bole e Tom Sullivan. Esses dois vivem juntos em algum lugar no East Forties e fazem uma rodada de visitas toda tarde. Al estava tentando escapar do caminho deles.

Al também estava sentado na cama com Bunny, uma menina de boa família de Boston que se diz cleptomaníaca. Bunny estava muito apaixonada por Al.

Chris Rivers, que nunca toma banho nem escova os dentes ou limpa seu quarto, estava sentado numa cadeira mostrando seus dentes cobertos de uma crosta verde com um sorriso besta enquanto olhava de um para outro.

Perguntei a Hugh o que estava acontecendo de novo, e ele disse que o FBI estava atrás dele.

“É? Por quê?”

“Deve ser por causa do meu alistamento. É a única coisa que eu consigo imaginar. Eles andaram perguntando por mim no Píer 32. Ninguém ali sabe o meu endereço.”

“Mas como você está com o alistamento?”

“Não sei direito. Dei o endereço de uma outra pessoa para contato, e essa menina se mudou depois disso, e quando eles encontraram o meu novo endereço o zelador achou que eram da financeira e disse a eles que nunca tinha ouvido falar de mim. Depois eu me mudei dali sem deixar meu próximo endereço porque eu devia um mês de aluguel.”

“Qual era a sua classificação original?”

“Era 3-A, mas minha mulher e eu nos divorcíamos depois. Há dois anos.”

Hugh é um estivador, de uns trinta anos, irlandês. Fica com um dos menores quartos do andar de cima pegado ao do Rivers. Ele vem de família rica, mas não tem mais contato com eles.

“Afiml o que você vai fazer?”

“Vou lá procurar saber. Não adianta tentar escapar desses caras. É capaz de eu pegar três anos por causa disso.”

“Ah, só explique a eles que houve um engano.”

“Não é tão simples assim. Jesus Cristo, não sei que porra vai acontecer.”

“Você precisa é de um advogado.”

“É, e pagar com o quê?”

A conversa estava tomando um rumo que não me agradava.

Alguém se levantou e disse que precisava ir embora. Al se ergueu num salto e disse: “Já que é assim”, e todo mundo riu. Jane Bole arrastou Tom Sullivan para ele ficar de pé e disse: “Vamos, querido”.

Foram todos, menos Hugh, e Bunny aborrecida porque Al não havia pedido para ela ficar.

Na saída, Chris Rivers veio se aproximando de mim e pediu vinte e cinco centavos. Ele nunca se dava ao trabalho de pedir a ninguém mais de cinquenta centavos.

Hugh ficou uns dez minutos deprimido e ruminando seus problemas.

Al disse: “Ah, acho que vai acabar dando tudo certo”.

Hugh disse que não sabia que porra ia dar. “E não comente isso com a senhora Frascati. Eu devo a ela um mês de aluguel.” E saiu para encontrar a namorada.

“Graças a Deus”, Al disse. “Até que enfim um pouco de paz. Ora, esse povo me acordou ao meio-dia e estava aqui até agora.”

Sentei na espreguiçadeira e Al sentou na cama.

“Agora eu vou contar a coisa mais extraordinária que aconteceu ontem à noite.”

“Certo”, falei, esfregando as mãos.

“Então, quando nós acordamos lá no telhado, Phillip foi correndo até a beira como se fosse pular dali, e eu fiquei preocupado e gritei com ele, mas ele parou de repente e deixou cair um copo lá embaixo. Levantei correndo e parei ali na beirada com ele e falei: ‘Qual o problema?’, e comecei a colocar o braço em volta dele. Aí o Phillip se virou e me deu um beijo apaixonado na boca e me arrastou para o chão com ele ali mesmo no telhado.”

Falei: “Parece que você está conseguindo chegar lá, depois de quatro anos. Pois bem, continue — o que aconteceu depois?”.

“Ele me beijou várias vezes, mas de repente me empurrou e se levantou.”

Aí eu disse: “Certo, muito bem, e daí?”.

“Bem, aí o Phil disse: ‘Vamos pular do telhado juntos, vamos?’. E eu disse: ‘Mas por quê?’. E ele disse: ‘Você não entende? Depois disso nós temos que... é a única coisa que resta. Isso ou fugir’.”

Então perguntei: “O que ele quis dizer com isso? Fugir para onde?”.

“Não sei. Qualquer lugar, acho.”

“Bem, Al, você devia ter dito: ‘O.k., querida, vamos voar para Newark hoje à noite’.”

Al levava tudo aquilo muito a sério, ainda que me parecesse bastante ridículo. Eu já tinha ouvido falar daquilo desde que o conheci.

Al disse: “Bem, eu não tinha dinheiro, para começar”.

Pulei da espreguiçadeira. “Ah, você não tinha dinheiro, é? Como você espera ter dinheiro sentado? Vai trabalhar num estaleiro. Levantar parede. Você esperou quatro anos por essa brecha e agora...”.

“Olha, é que eu não tenho certeza se eu quero.”

“Não tem certeza se quer o quê?”

“Ir para algum lugar com ele agora. Tenho medo de que haja uma reação e eu não consiga fazer nada.”

Fui até a lareira e bati com a mão na madeira do aparador.

“Então você prefere esperar. Amanhã e amanhã e amanhã — esperar até morrer. Sabe o que eu acho? Acho que todo esse complexo Phillip é como o céu cristão, uma ilusão nascida de uma necessidade, flutuando em algum nada platônico, místico e nebuloso, sempre a um passo de acontecer, como a prosperidade, mas nunca *aqui* e *agora*. Você tem receio de fugir com ele, você tem receio de colocar isso à prova porque sabe que não vai dar certo.”

Al hesitou e fechou os olhos dizendo: “Não, não, não é verdade!”.

Sentei na espreguiçadeira e falei: “Mas é sério, Al. Se vocês fossem para algum lugar, você conseguiria ficar com ele. Afinal, é o que você vem querendo todos esses quatro anos”.

“Não, você não entende mesmo. Não é isso que eu realmente quero.”

Pulei de novo da espreguiçadeira, espezinhando: “Ah, quer dizer que se trata de um amor platônico, não é? Nada assim grosseiro como contato físico, não é?”.

“Não”, disse Al. “Eu quero dormir com ele. Mas quero o afeto dele mais do que qualquer outra coisa. E quero que seja para sempre.”

“Deus me dê paciência”, falei. “É de muita paciência que eu preciso.” Passei a mão na cabeça e um tufo de cabelos veio junto. Fiz uma anotação mental de ir à rua Vinte e Oito e comprar tônico capilar Buno. Contém cantárides na fórmula e não há nada igual para combater a queda.

“Agora ouça”, falei, “eu vou falar mais uma vez e não vou falar devagar: Phillip não é veado. Ele pode até dormir com você, o que eu ainda por cima duvido, mas com ele para sempre é impossível. A não ser, é claro, que você queira uma amizade.”

Andei até a janela e fiquei com as mãos juntas nas costas como um capitão na ponte de um navio de guerra.

Al disse: “Eu quero que ele me ame”.

Virei e tirei um palito de dentes do bolso da camisa e comecei a cutucar uma cavidade. “Você é louco”, eu disse.

“Eu tenho certeza que com o tempo ele vai acabar pensando como eu”, disse Al.

Espetei meu palito no peito dele. “Arrume alguma grana que ele vai acabar vindo hoje à noite mesmo.”

Al falou: “Não, não é assim que eu quero”.

“O que você quer é impossível.”

“Não vejo por que seria.”

Eu disse: “Claro, ele não liga nem um pouco para dinheiro, como você deve ter percebido, não é?”.

“Bem, ele liga, mas não deveria. Eu não quero aceitar que ele seja assim.”

Falei: “Os fatos, meu caro, é hora de encarar os fatos”. Assumi um tom de burguês *père de famille*. “Por que você não faz alguma coisa da vida, alguma coisa de que ele possa se orgulhar e almejar? Olhe só para você, parece um vagabundo.”

Ele usava um paletó de tweed inglês que parecia dormir com ele havia anos, uma camisa barata da Sixth Avenue e uma gravata Sulka puída. Parecia um personagem do Bowery.

Continuei: “Sei de fonte segura que neste exato momento há uma tremenda redução na oferta de drogas neste país por causa da guerra. Um cigarro de maconha está custando cinquenta centavos, quando antes da guerra custava dez. Por que não ganhamos algum dinheiro com a situação, arranjamós umas sementes e começamos uma plantação de maconha?”.

“Bem”, ele disse, “ora, isso me parece bom.”

“Dá para comprar a semente em lojas de pássaros. Podemos plantar em algum lugar no campo e voltar meses depois e fazer a nossa colheita. Mais para a frente, quando tivermos juntado algum no banco, podemos comprar nossa própria fazenda.”

Conversamos mais algum tempo sobre essa ideia. Al disse que ele iria sair e comprar semente no dia seguinte.

Sáímos para comer no Hamburger Mary’s e ele voltou a remoer a questão Phillip. O que Phillip quis dizer quando falou aquilo e se ele devia ligar hoje à noite ou simplesmente ir para o centro sem ligar antes, se Phillip estava mesmo apaixonado pela Barbara e, se estivesse, se ele deveria fazer alguma coisa para separá-los. Então comi minha comida e disse que sim, claro, por que não, vá em frente, e parei de escutar o que ele dizia. Como eu disse, já ouço isso há anos.

Depois do jantar dei boa-noite e caminhei até o bar onde eu trabalhava servindo bebidas.

O lugar onde eu trabalhava se chama Continental Café. Fica com a frente toda aberta no verão, com portas dobráveis. Tem mesas onde você pode sentar e ficar olhando a calçada, se quiser. Tem várias garçonetes que deixam você pagar uma bebida para elas. Dentro é o tradicional cromado, couro vermelho e luz incandescente.

Quando caminhava pelo bar reparei numa bicha, um casal de putas com dois Broadway Sams, e um punhado de recrutas. Três tiras à paisana tomavam uísque nos fundos.

Tirei o casaco e transferi tudo o que havia nele para o bolso da calça. Peguei um avental com a alça comprida, de modo que pudesse fazer uma volta e amarrar na frente. Então tomei posição atrás do balcão e disse olá para o Jimmy, que dividia o serviço comigo e que já estava lá.

Esses três tiras disseram “Olá, garoto” quando me viram. Estavam obrigando o Jimmy a fazer de tudo para eles, pediam uísque, charutos, casca de limão nas bebidas, e mais soda e mais gelo.

Fui para a outra ponta do balcão e servi dois marinheiros. A *jukebox* estava tocando “You always hurt the one you love”, e um marinheiro falou: “Ei, Jack, por que essa máquina nunca toca o que eu quero?”.

“Não sei”, respondi. “As pessoas sempre reclamam disso.”

Dava para ouvir os detetives na outra ponta do balcão falando um monte de merda para o Jimmy sobre como ele era um cara legal e como o nosso chefe era legal e que ele deveria tratar bem o chefe. Esses três estavam sempre ali, enxugando bebida grátis porque o chefe achava que eles podiam ajudar se houvesse algum problema.

Um dos marinheiros me perguntou onde estavam as mulheres desta cidade, e eu falei que estavam no Brooklyn, centenas a cada esquina. Aí comecei a explicar a eles como fazer para chegar lá, e eles eram tão burros que não entenderam, mas foram embora assim mesmo. Recolhi os copos do balcão, enfiei na água suja e estavam lavados.

Nisso entrou um homem de uns cinquenta e cinco anos usando calças frouxas, um paletó cinza-claro e um chapéu cinza. Parecia um homem de alguma inteligência e posses. Seus olhos estavam vermelhos e ele devia ter bebido um bocado, mas se mantinha sob controle. Foi até a outra ponta do balcão perto dos detetives e pediu uísque.

Eu estava limpando o balcão quando ouvi uma discussão na outra ponta. Esse cara de paletó cinza estava discutindo com uma das garçonetes, ou estava só brincando com ela, e ela estava ficando louca com isso.

Então um dos detetives foi até lá e chamou o cara de pentelho e falou para ele se mandar do bar.

O cara disse: “Quem é você?”.

Um dos tiras o empurrou e um segundo tira deu outro empurrão nele, como uma equipe de revezamento, até que o levaram para atrás da cabine telefônica. Aí o penduraram na parede e começaram a bater nele metodicamente. Devem ter batido nele umas trinta vezes e o cara nem mesmo ergueu as mãos. Os joelhos dele fraquejaram, então eles o levaram e o jogaram numa cadeira.

Alguns segundos depois, o cara começou a voltar a si e levantou as mãos como um homem tirando as cobertas do rosto. Nisso um dos tiras pressentiu o perigo e bateu nele outra vez, derrubando-o da cadeira no chão. Então os outros dois o ajudaram, ajeitaram suas roupas e acharam seu chapéu.

Um deles disse: “Meu Deus, quem bateu em você, Mac?”.

Os olhos do homem estavam esbugalhados. Parecia um caso de concussão leve para mim. Ele dirigiu seu olhar vazio para o detetive que o ajudara e disse: “Obrigado”.

O tira disse: “Conte comigo, Mac”.

O tira com o chapéu colocou-o na cabeça do cara. Agarrou o cara de costas pelo colarinho e pelo cinto. Então empurrou-o para o balcão e deu um tranco que o atirou através da calçada até um carro estacionado. Ele bateu no carro e olhou ao redor com aqueles olhos esbugalhados, depois foi cambaleando na direção da Sixth Avenue.

O tira voltou da porta rindo feito um colegial. Os outros dois tiras estavam encostados na extremidade do balcão.

“Vamos tomar outro uísque, Jimmy”, disse o tira que jogara o cara para fora. Todo mundo no bar estava rindo.

Jimmy demorou algum tempo até trazer o uísque. Eu podia ver pelo rosto dele que ele preferiria servir àqueles filhos da puta um sonífero.

Cerca de quinze minutos depois, o cara de paletó cinza voltou com um tira. Os três detetives ainda estavam lá, mas ele não saberia identificá-los. Só insistiu com o tira que havia sido espancado ali naquele bar.

Vi um dos sujeitos à paisana fazendo um sinal para o tira, e o tira falou: “Bem, o que o senhor quer que eu faça a respeito? O senhor mesmo disse que o cara não está aqui. Tem certeza que este é o lugar certo?”.

“Tenho. Absoluta. E se você não fizer nada eu vou procurar alguém que tome uma providência.”

Ele estava calmo e altivo apesar da surra que tinha levado. Estava fumando um cigarro e não tocava no queixo ou nos lábios inchados, nem chamava a atenção para seus ferimentos.

O tira falou: “Então o que o senhor quer que eu faça? O senhor bebeu muito. Por que não vai para casa e esquece isso?”.

O cara se virou e foi embora.

O dono havia descido de seu apartamento na sobreloja e os tiras estavam contando a ele o que acontecera. Ele disse: “É melhor vocês saírem daqui. Aquele porra é capaz de ainda criar problema”.

Então os três se foram, parecendo um pouco preocupados.

Logo a seguir o cara voltou, com cinco tipos à paisana. Eles pediram para ver a licença do lugar, conversaram um pouco com o dono e foram embora. Depois disso não aconteceu mais muita coisa.

Quando estava quase na hora de fechar, um bando de marinheiros passou em frente ao bar e ouvi um deles dizer: “Vamos entrar aqui e puxar uma briga”.

O chefe foi rápido e disse: “Ah, mas vocês não vão mesmo”, e bateu a porta na cara deles.

Depois que Jimmy e eu limpamos o bar e saímos na noite, vimos os marinheiros se pegando do lado de fora. Um deles estava deitado na calçada. Jimmy disse: “Olha isso”, e fomos andando até a Seventh Avenue.

Jimmy começou a falar dos tiras que espancaram o cara. “Eu já vi muita coisa nesta vida, mas não fiquei calejado o bastante para ficar só olhando e achar graça numa coisa dessas. Aqueles idiotas no bar dão risada e acham engraçado até acontecer com eles.

“Agora, se o bar fosse *meu* eu diria para aqueles tiras: ‘Escutem aqui, meus filhos, vocês cometeram um erro. Tem muito beco por aí, vocês não precisavam espancar o cara aqui dentro’. E além disso, ainda por cima, eles se levantam e vão embora sem deixar um centavo no bar. Se tivessem um pinga de caráter, eles diriam ‘Jimmy, aqui, um dólar para você’.”

4. Mike Ryko

Fiquei a tarde inteira da segunda no apartamento. Fiquei também esperando o Phillip voltar do centro, porque ele tinha ido arrumar seus documentos. Tomei um banho, abri a geladeira, sentei no aquecedor com o gato no colo ou, simplesmente, fiquei na espreguiçadeira pensando que se o Phillip conseguisse mesmo resolver tudo podíamos ir bem cedo de manhã ao sindicato e nos apresentar para embarcar.

Barbara Bennington tinha ido passar a tarde com Janie. Ela costumava ir ao apartamento da Janie entre uma aula e outra na New School for Social Research, e às vezes dormia lá em vez de voltar até sua casa em Manhasset, Long Island, sendo que ela teria aula cedo no dia seguinte.

O apartamento 32 era, ao mesmo tempo que um ponto de encontro para ela e Phillip, também o lugar aonde todos os nossos amigos iam. Janie fazia o máximo para mantê-lo arrumado, mas muita gente aparecia a qualquer hora do dia ou da noite para dar um tempo, conversar e dormir, de modo que o lugar era um caos. O chão estava sempre cheio de livros, sapatos velhos, travesseiros, garrafas vazias e copos, e o gato passeava no meio disso tudo como numa selva.

Barbara era uma espécie de garota da alta sociedade com longos cabelos pretos, uma pele muito branca e brutais olhos castanhos. Parecia um pouco a Hedy Lamarr. Ela sabia muito bem disso, e às vezes fazia um olhar distante enquanto você estava conversando diretamente com ela.

Não havia mesmo muito em comum entre Barbara e Janie, a não ser o fato de que Phillip e eu, por sermos amigos, éramos o que você pode chamar de seus homens.

Janie, embora também viesse de uma boa família, tinha mais a ver com o Oeste selvagem do que Barbara. Janie era uma loira alta e magra que andava como um homem, xingava como um homem e bebia como um homem. Dava para ver que às vezes o pudor de Barbara irritava Janie.

Elas estavam sentadas na sala da frente conversando sobre vestidos ou algo assim, e eu estava na cozinha limpando um copo sujo com uma barata morta dentro, para poder servir um pouco de leite, quando Phillip chegou. Saí da

cozinha com o leite e o sanduíche de linguiça de fígado e perguntei como tinham sido as coisas.

“Tudo pronto”, disse ele. Ele estava com uma enorme sacola azul de marinheiro cheia de roupas e livros. Colocou a sacola no chão e me mostrou seus novos documentos: uma licença da Guarda Costeira, um comunicado da Administração de Navios de Guerra e um manual da Marinha mercante. Perguntei como conseguira o dinheiro para comprar o manual do sindicato e ele disse que seu tio lhe dera, junto com sua bênção.

“Ótimo”, eu disse, “vamos nos apresentar ao sindicato logo cedo.”

Phillip sentou-se no sofá ao lado de Barbara e mostrou os documentos.

Ela falou: “Não achei que você fosse mesmo fazer isso”.

“Pobre Babsy”, disse Phillip. “Não vai ter mais ninguém para derramar Pernod na barriguinha dela.” E começou a beijá-la.

“É o que você pensa”, Janie interveio. “Esses caras pensam que podem nos abandonar assim e acham que a gente vai ficar esperando sentada? Vocês acham que mulher é idiota?”

“Vocês precisam ser fiéis aos rapazes enquanto eles estão lá fora”, disse Phil.

“Ah, é?”, disse Janie, dirigindo-me um olhar cheio de intenção.

Liguei o rádio e me estiquei no chão com um travesseiro sob a cabeça.

“Eu estou me mudando de Washington Hall”, disse Phillip. “Posso morar aqui até conseguir um navio?”

“Para mim tanto faz lá ou aqui”, disse Janie.

Phillip se levantou e jogou sua sacola de marinheiro atrás do sofá.

Nisso, James Cathcart entrou e deixou seus livros numa cadeira. Calouro, grandalhão, dezesseis anos, sempre vindo com uns diálogos de Noël Coward, Cathcart parecia uma versão hollywoodiana de um lânguido crítico teatral.

Falou: “Olá, crianças”, e então virou-se para Phillip e perguntou se ele ainda estava pensando em pegar um navio.

“Você vai me ajudar a levar minhas coisas para o meu tio”, Phil disse.

“Não é que você ainda está pensando nisso!”, comentou Cathcart.

“Lembre-se do que eu disse sobre Ramsay Allen. Ninguém pode contar nada para ele.”

Conversamos mais um pouco sobre a possibilidade de Al descobrir tudo e o que ele faria se descobrisse, e assim por diante, e então a conversa foi derivando para coisas mais genéricas.

Por fim, Phillip e Barbara começaram a discutir sobre seu assunto favorito, a sociedade final.

“Todos artistas”, ele dizia. “A sociedade final tem de ser uma sociedade inteiramente artística. Cada um desses artistas-cidadãos precisa, ao longo de sua

existência, completar seu próprio círculo espiritual.”

“Como assim, círculo espiritual?”, Barbara quis saber.

O rádio estava ligado numa novela da tarde, e um bondoso médico do interior que acabara de ajudar um jovem casal numa encrenca os aconselhava sobre a vida, com uma música de órgão ao fundo. “O que vocês precisam aprender”, ele dizia, “é que às vezes nesta vida a gente tem que fazer certas coisas que não gosta, mas que a gente tem que fazer assim mesmo.”

Phillip explicava sua teoria. “Quero dizer o círculo da vida espiritual da pessoa. Você completar o ciclo da experiência, num sentido artístico, e por meio da arte, e essa é a sua contribuição criativa individual para a sociedade.”

“Vocês sabem”, refletia o médico do interior, “eu venho praticando a medicina aqui em Elmville vai fazer quarenta e cinco anos, e em todo esse tempo aprendi uma coisa sobre o ser humano.”

“Mas como vamos chegar a essa tal sociedade?”, quis saber Cathcart.

“Não sei”, Phillip disse. “Estamos na sociedade pré-final. Não me peça detalhes.”

“O ser humano”, disse o médico do interior, fazendo uma pausa para fumar seu cachimbo, “é bom na essência. Espere, espere”, e interrompeu o herói jovem e amargo da história, “eu sei o que você vai dizer. Mas, filho, eu já estou velho. Eu vivi muito mais que você. Você está só começando na estrada da vida e pode ouvir o que eu tenho para dizer. Talvez eu não passe de um velho esquisito, mas...”

“Existem artistas na sociedade pré-final”, Phillip disse, “que são modelos contemporâneos do artista-cidadão final. Acho que como cada vez mais pessoas se tornam artistas, cada vez estamos mais perto da realização da sociedade artística final.”

“Bem”, disse Barbara, “talvez a Carta do Atlântico seja o primeiro passo em direção à sociedade final. E seguramente Roosevelt e Churchill não são artistas.”

“Às vezes”, disse o médico do interior, “às vezes está tudo difícil. A vida está dura, você desanima, não consegue seguir adiante... e de repente...”

“Olha, não sei nada sobre Roosevelt e Churchill”, disse Phillip, “a não ser que eles representam o tipo que vai querer entrar nos malditos detalhes do progresso.”

“Então, de repente”, disse o médico do interior, “alguma coisa acontece! As coisas de repente começam a caminhar a seu favor, problemas se resolvem, obstáculos na estrada da vida se transformam por um tempo num mar de rosas e você acaba percebendo...”

“Só o homem artístico encontrará a Nova Visão”, Phillip disse. Então acrescentou: “Pelo amor de Deus, desliga essa porra!”.

Levantei num salto e desliguei o rádio. Assim como quem encerra uma discussão. Cathcart entrou no banheiro e Phillip e Barbara começaram a se roçar no sofá.

“Juventude fogosa”, falei, e entrei na pequena biblioteca. Janie veio atrás e se sentou no braço da poltrona.

“Mickey”, ela disse, “não vá embora.”

“Ah, não fique assim. A gente volta em dois meses com um monte de dinheiro.”

“Mickey, não vá.”

“Bobinha”, falei.

Ela estava quase chorando. Peguei sua mão e dei uma mordida num dedo.

“Quando eu voltar”, falei, “a gente vai pra Flórida.”

“Eu te amo”, ela disse.

“Eu também.”

“Por que a gente nunca se casou?”

“Um dia a gente se casa.”

“Filho da puta, você sabe muito bem que nunca vai fazer isso.

“É claro que a gente vai. Lembra aquela carta que eu mandei de New Orleans?”

“Você só estava com tesão”, ela falou. “Você não sente nada daquilo.”

“Louca”, eu disse.

Eu a conheci um ano atrás, quando me achava o próprio Doutor Fausto, e desde então moramos juntos em Nova York quando eu não estou no mar. A razão pela qual nunca nos casamos de verdade foi dinheiro, e eu estava sempre reclamando que odiava trabalhar, então a história colou.

Voltamos para a sala da frente e Phil e Barbara ainda estavam se atracando. Phil estava em cima dela e dava para ver a coxa nua de Barbara. Eu imaginava o que afinal os impedia sempre de copular. Às vezes eles se pegavam a noite inteira no sofá sem chegar às vias de fato, às vezes até só de roupa íntima. Esse tipo de virgindade técnica era um sofrimento.

Phillip se ergueu e falou: “Vamos todos levar as minhas coisas para o meu tio”.

Eu não estava querendo muito ir até que o Phillip falou que depois haveria bebida. O tio dele depois lhe daria mais algum dinheiro. Então nos aprontamos para sair, menos a Janie, que entrou no quarto magoada.

Eu fui até ela e beijei seus cabelos. “Vem com a gente”, eu disse, mas ela nem respondeu, e até o gato fez cara feia para mim.

Então Cathcart, Phillip, Barbara e eu fomos até a outra esquina onde ficava o hotel do Phillip, o Washington Hall. Pegamos todas as suas tralhas do quarto e

descemos pelo elevador nos revezando.

Havia na parede um retrato do pai do Phillip escrito procurado embaixo. Logo à direita estava pendurado um chicote masoquista que Phillip delicadamente colocou numa caixa junto com o cartaz do pai. Havia também reproduções de pinturas, livros, discos, molduras, uma espécie de sabre, fotos pornográficas, e caixas e mais caixas de tralhas que Phillip juntava o tempo inteiro.

Finalmente conseguimos encaixotar tudo aquilo na calçada e Cathcart foi até a esquina para chamar um táxi. Ele era o tipo de pessoa que gostava de chamar táxi.

No caminho, vindo do centro, Barbara começou a falar comigo de política, e por fim chegamos à causa negra. Phillip estava conversando com Cathcart e não conseguia nos ouvir direito.

“Eu gosto dos negros”, contei a ela, “mas talvez eu sofra preconceito por conhecer muitos.”

“Bem”, disse Barbara, “o que você faria se a sua irmã se casasse com um negro?”

“Como assim!?”, berrou Phillip, e virou-se para Barbara como se nunca a tivesse visto e não gostasse do que via.

O táxi, nessa altura, passava o Carnegie Hall pela rua 57, quando um rabecão preto e reluzente emparelhou conosco. Phillip, em vez de dizer mais alguma coisa para Barbara, de repente enfiou a cabeça pela janela e berrou para o motorista do rabecão: “Ele está morto?”.

O motorista do rabecão estava todo em trajes formais, chapéu de feltro preto e tal, mas a cara que ele fez o entregou.

“Morto feito uma porta”, berrou de volta e desguiou com o rabecão por entre dois carros, resvalando no meio-fio, e seguiu pela Seventh Avenue. A cara e o estilo de dirigir dele eram típicos de um motorista de praça.

Todo mundo riu e depois fomos para Central Park South, que era onde morava o tio do Phillip.

Descarregamos toda a tralha no saguão do luxuoso edifício e Phillip fez o porteiro pagar a corrida. Eu disse a Phillip que esperaria lá embaixo e todos eles subiram. Eu não estava vestido para a ocasião, fazia dois dias que não me barbeava e estava só com uma calça de algodão e uma camiseta azul manchada de uísque.

Esperei na calçada. Havia uma longa faixa cor de laranja na rua e o Central Park estava todo perfumado, fresco e esverdeado escuro. Comecei a me sentir bem porque estava escurecendo e porque iríamos pegar um navio em poucos dias.

Cinco minutos depois eles desceram e fomos em bando até a esquina onde tinha um bar que servia coquetéis. Barbara e Cathcart se sentaram de um lado e pediram cerveja, e Phillip e eu nos sentamos do outro e pedimos martinis.

Terminamos os martinis e pedimos mais dois. Era um lugar elegante da Seventh Avenue, e o funcionário atrás do balcão não parecia gostar do modo como Phillip e eu estávamos vestidos.

Phillip começou a me falar sobre *A terceira moral* de Gerald Heard, sobre mutações biológicas, e terminou dizendo que os dinossauros que pareciam mais avançados fizeram mutação e viraram os mamíferos e que os dinossauros burgueses foram extintos.

Ele pediu um terceiro martini. Olhou para mim intensamente e segurou meu braço. “Veja”, disse. “Você é um peixe num lago. O lago está secando. Você precisa fazer mutação para se tornar anfíbio, mas alguém fica te segurando, dizendo pra você ficar no lago, que vai dar tudo certo.”

Perguntei a ele por que ele não tentava ioga então, e ele disse que o mar era mais o caso.

O homem do balcão estava com o rádio ligado. Um locutor de noticiário contava sobre um incêndio num circo e ouvi ele dizer: “E os hipopótamos foram cozidos em seus tanques até a morte”. Ele deu esses detalhes com aquela típica empostação melosa dos locutores de rádio.

Phillip se virou para Barbara e falou: “Que tal um hipopótamo cozido, Babsy?”.

Barbara disse: “Eu não acho engraçado”.

Phillip disse: “Bem, vamos comer mesmo assim”.

Sáímos do bar e fomos ao Automat na rua 57 e cada um pediu um prato de feijão cozido com uma fatia de toucinho por cima. Enquanto ficamos comendo, Phillip não deu nenhuma atenção a Barbara, e Cathcart teve que fazer companhia a ela.

Então tomamos o metrô e voltamos em direção ao centro até a Washington Square. Phillip ficou apoiado na porta observando a escuridão passar lá fora.

Cathcart e Barbara ficaram sentados, e reparei que ela começava a se mostrar impaciente com a atitude de Phillip. Quanto a Cathcart, ele parecia achar que não era de bom-tom da parte de Phillip.

Voltamos ao apartamento 32 e pegamos Janie. Ela já não estava mais chateada comigo. Então fomos todos para o Minetta’s Tavern e pedimos uma rodada de Pernods.

Durante todo esse tempo, Phillip ficou implicando com Barbara até que finalmente Cathcart falou: “Que bicho te mordeu esta noite?”.

Foi a primeira vez que vi Phillip agir assim com Barbara, e imaginei que como ele agora havia se livrado de Ramsay Allen, já não precisava dela.

Lá pelas três da manhã estávamos todos bêbados de Pernod.

5. Will Dennison

Na segunda de manhã, recebi uma carta de uma agência de detetives pedindo que me apresentasse ao trabalho. Eu havia me candidatado para o emprego fazia um mês e tinha quase esquecido. Evidentemente eles não conferiram minhas digitais e as referências falsas que eu tinha dado. Então fui lá e aceitei o emprego, e acabaram me empurrando um maço de intimações para eu despachar.

Dei uma passada no Al por volta das seis naquela noite, depois de correr o dia todo pela cidade para entregar uma intimação a um sujeito chamado Leo Levy, que é um judeu esquivo. Dê alguns sócios a um judeu nova-iorquino e ele ficará tão rico que você sempre acabará entregando papéis para algum adversário dele.

Al estava deprimido. Parece que havia telefonado para Phillip à tarde e ele havia dito: “Acho que seria melhor se você não viesse mais aqui”. Al perguntou o que ele queria dizer com aquilo e Phillip disse: “É melhor para mim”.

Perguntei: “Ele parecia estar falando sério?”, e Al respondeu: “Sim. Tudo isso ele disse num tom muito grave”.

“Bom”, falei, “por que você não deixa isso um pouco pra lá?”

Sentei-me na espreguiçadeira.

A essa altura bateram na porta e Al disse: “Quem está aí?”, e Agnes O’Rourke enfiou a cabeça pela porta. Ela entrou e sentou-se na cama ao lado de Al. Falou: “Acho que Hugh foi preso pelo FBI”.

“Sério?”, falei. “Ele me contou mesmo que estavam atrás dele. Disse que estava planejando ir lá hoje de manhã e falar com eles.”

“Eu liguei para a Casa de Detenção hoje à tarde”, Agnes disse, “e eles não iriam admitir que o prenderam. Mas tenho certeza de que ele deve estar lá, porque tínhamos combinado de ele me ligar se pudesse.”

“Você perguntou se eles tinham algum Hugh Maddox?”, perguntei.

“Eles não iriam dizer se tivessem alguém com esse nome.”

Então eu disse: “Pense bem, eu mesmo nunca soube direito se o nome dele era Madix, Madox ou Maddox, ou sei lá com quantos *dês*”.

Conversamos sobre aquilo mais um pouco até que começamos a repetir as mesmas coisas três ou quatro vezes. Por fim, Agnes levantou e saiu.

Al voltou à questão Phillip. Disse que este novo passo era uma reação óbvia à cena do telhado. Eu disse: “Vamos comer alguma coisa”, e fomos ao Center Grille na Sixth Avenue.

Bebi dois vermouths com soda antes de conseguir pensar em comida. Então pedi lagosta fria. Al se sentou com uma cara triste e pediu uma cerveja e lagosta fria. Por fim acabou falando: “Acho que vou lá hoje à noite tentar entrar pela janela do quarto dele”.

Cuspi uma garra de lagosta e olhei para ele. “Ora, ora”, eu disse, “isso é o que chamo de pegar o touro pelos chifres.”

Mas Al estava sério. Ele falou: “Não, eu só entro no quarto dele enquanto ele está dormindo e fico olhando para ele um pouco”.

“E se ele acordar? Vai achar que tem um vampiro pairando em cima dele.”

“Ah, não”, disse Al num tom resignado, “ele só vai me pedir para sair. Já aconteceu uma vez.”

“O que você faz?”, perguntei. “Apenas fica lá parado?”

“É”, ele disse. “Simplesmente fico o mais perto dele que posso sem o acordar, e fico ali até amanhecer.”

Expliquei a Al que ele provavelmente seria preso por tentativa de roubo ou, mais provável ainda, acabaria levando um tiro.

Ele disse, no mesmo tom resignado: “Bem, então terei de correr esse risco. Eu já conheço o lugar. Posso pegar o elevador até o último andar, subir no telhado pela escada de incêndio e esperar lá até três, quatro da manhã. Aí desço até a janela dele. O quarto dele é no último andar”.

Alertei: “Cuidado para não entrar no quarto errado e ficar pairando sobre a cama de um desconhecido”.

Ele disse: “Bem, eu sei qual é o quarto dele”.

Terminamos de jantar e saímos andando. Pegamos o Independent até a Washington Square e nos despedimos na porta, porque dali seguiríamos em direções opostas.

Subi a rua Bleecker e ali muitos rapazes italianos estavam jogando beisebol usando um cabo de vassoura como bastão. Eu ia pensando nos planos de Al de invadir o quarto e ficar olhando o Phillip. Isso me lembrou de um delírio que Al me contara uma vez, onde ele e o Phillip estavam numa caverna subterrânea. A caverna era revestida de veludo preto, e só havia luz suficiente para Al ver o rosto de Phillip. Eles estavam presos ali para sempre.

Quando voltei para o apartamento era cedo demais para dormir. Fiquei ali me divertindo na sala um pouco, joguei algumas rodadas de paciência e resolvi tomar morfina, coisa que eu não fazia havia várias semanas.

De modo que juntei em cima da escrivaninha um copo d'água um fogareiro a álcool, uma colher de mesa, uma garrafa de álcool dermatológico e um pouco de algodão absorvente. Procurei na gaveta da escrivaninha uma seringa hipodérmica e alguns tabletes de morfina num vidrinho com rótulo de Benzadrina. Dividi um tablete em dois com uma faca, ejetei a água da seringa na colher e pus um tablete e meio nessa água.

Segurei a colher sobre a chama do fogareiro até os tabletes estarem completamente dissolvidos. Deixei a solução esfriar, então suguei tudo para dentro da seringa hipodérmica, encaixei a agulha e comecei a procurar uma veia levantada no meu braço. Pouco depois achei uma veia e a agulha deslizou para dentro dela, o sangue subiu, e deixei que fosse sugado de volta lá para dentro. Quase imediatamente um completo relaxamento tomou conta de mim.

Deixei tudo ali, me despi e fui para a cama.

Comecei a pensar na relação de Phillip e Al, e os detalhes que eu ficara sabendo nos últimos dois anos foram se encaixando sozinhos numa narrativa coerente, sem nenhum esforço consciente da minha parte.

A relação entre eles vinha já de alguns anos, e como era o tema básico da conversa do Al, eu estava a par de todos os detalhes. Eu conhecia Al havia uns dois anos, desde que topara com ele no balcão de um bar onde eu trabalhava. Eis a história que eu montei com base nas centenas de conversas com Al.

O pai de Phillip tinha o nome de Tourian e ele era filho de pais desconhecidos de Istambul. Era um homem esguio de muito boa aparência. Sempre havia algo de duro, morto e vítreo em seus olhos e na parte superior do rosto, mas ele possuía um sorriso encantador. Tinha um jeito de virar o corpo de lado quando andava na multidão, num movimento ao mesmo tempo agressivo e gracioso.

Superadas as asperezas da primeira juventude, pouco a pouco ele se estabeleceu como uma espécie de corretor do submundo, trabalhando com droga, mulheres e bens roubados e vendidos à vista. Se alguém estava vendendo, ele arranjava quem comprasse e ficava com uma comissão dos dois. Deixava o risco para os outros. Como Phillip colocou: “O velho não é canalha, é financista”. Sua vida era uma rede complexa de transações por entre as quais ele se movia, sereno e cheio de ideias.

A mãe de Phillip era americana, de uma boa família de Boston. Depois que se formou em Smith, ela estava viajando pela Europa quando suas tendências lésbicas temporariamente ganharam ascendência sobre suas inibições e ela teve um caso com uma mulher mais velha em Paris. Esse caso afundou-a na angústia e na certeza do pecado. Uma típica puritana moderna, ela era capaz de acreditar no pecado sem acreditar em Deus. Na verdade, achava ambíguo e pecaminoso

acreditar em Deus. Ela recusava tal permissividade como uma proposta indecente.

Alguns meses depois o caso terminou. Ela foi embora de Paris, decidida a nunca mais recair em tais práticas. Mudou-se para Viena, Budapeste, e voltou finalmente a Istambul.

O Sr. Tourian a conquistou num café se apresentando como príncipe persa. Ele logo percebeu as vantagens da aliança com uma mulher de boa família e de indefectível respeitabilidade. Ela viu nele uma fuga de suas tendências ao pecado e respirou por um momento o ar livre dos fatos pura e simplesmente — onde a angústia, a inibição e as neuroses se dissolvem. Todo o poder de sua intuição sutil, canalizado nela para a autodestruição e autotortura, foi então encilhado para o autodesenvolvimento. Ela tentou incorporar essa visão de harmonia evocada pelo Sr. Tourian.

Mas o Sr. Tourian serenamente se bastava a si mesmo. Ele não precisava dela, então ela se livrou dele, e sobrou para Phillip todo o peso de sua tortuosa afeição. Arrastava-o pela Europa inteira consigo numa obsessão sem fim de passeios e ficava lhe dizendo para não ser como o pai, que era um egoísta e não se importava com os sentimentos dela.

O Sr. Tourian aceitou indiferente esse estado de coisas. Construiu uma casa grande e começou um legítimo negócio que prosperou junto com suas outras empresas, e isso absorvia cada vez mais seu tempo. Drogas, que ele usou periodicamente durante anos para aguçar os sentidos e dar-lhe o estímulo necessário para as horas longas e irregulares, tornavam-se uma necessidade. Ele começava a desmoronar, mas sem os conflitos e a desarmonia da crise ocidental. Sua calma foi virando apatia. Começou a esquecer compromissos e passava dias inteiros em termas para homossexuais e banhos turcos, estimulando-se com haxixe. O sexo lentamente se apagou na calma regressiva da morfina.

Al conheceu a Sra. Tourian no Rumplemeyer em Paris. No dia seguinte ele tomou chá com ela no Ritz e conheceu Phillip.

Al tinha trinta e cinco anos na época. Vinha de uma boa família sulista. Depois de se formar na Universidade da Virgínia, mudou-se para Nova York, que oferecia um espectro mais amplo para suas tendências sexuais. Trabalhava como redator de publicidade, leitor de originais para editoras, e muitas vezes simplesmente não trabalhava.

Al tinha um irmão mais velho ambicioso que era um trabalhador contumaz. Este sujeito ia trabalhar numa fábrica de papel da qual ficaria sócio. Então Al voltou para casa e arrumou um emprego na fábrica do irmão. Ele tinha excelentes perspectivas de ficar rico em poucos anos.

Phillip tinha doze anos na época e ficou muito lisonjeado de um homem mais velho se dar ao trabalho de visitá-lo constantemente e levá-lo ao cinema, parque de diversão e museus. A mãe de Phillip sem dúvida deve ter suspeitado, só que nada lhe importava mais senão sua doença, que pouco a pouco ia ganhando forma orgânica sob a compulsão de um desejo intenso de morrer. Ela tinha problemas cardíacos e era hipertensa.

Al tomava chá com ela quase todos os dias em Paris e ficava sugerindo que, afinal de contas, ela devia voltar para a América, agora que estava tão doente. Lá ela poderia conseguir o melhor tratamento médico, e, se o pior acontecesse, pelo menos ela estaria em seu país. Aqui ele olhava com ar inocente para o teto.

Quando ela lhe segredou que o marido era traficante de drogas e mulheres, ele disse: “Meu Deus!” e apertou sua mão. “Você é a mulher mais corajosa que eu já conheci.”

Ora, acontece que o Sr. Tourian também tinha os olhos voltados para o novo mundo. Eram tantos os seus negócios que o número de pessoas ressentidas com ele, por motivos reais ou imaginários, alcançava proporções incontroláveis. Aí ele começou a se meter com um funcionário do consulado americano. Desnecessário dizer, ele não tinha a intenção de seguir os exaustivos passos recomendados pela lei da imigração americana.

As negociações levaram mais tempo do que ele planejava. Enquanto elas aconteciam, a Sra. Tourian morreu em Istambul. Por sete dias ela ficou de cama olhando taciturnamente para o teto, como ressentida com a morte que cultivara por tantos anos. Como as pessoas que não conseguem vomitar apesar da náusea horrível, ela ficou lá deitada sem conseguir morrer, resistindo à morte como resistira à vida, congelada no ressentimento do processo e da mudança. Por fim, como definiu Phillip: “Ela ficou meio petrificada”.

Phillip veio para Nova York com o pai. O Sr. Tourian enlouquecera. Cerca de um ano depois, chegando a Nova York, foi flagrado fazendo uma venda de vinte quilos de heroína. Pegou cinco anos em Atlanta e as multas o deixaram totalmente falido.

Um parente de Tourian, um político grego, ficou com a guarda do menino. Phillip roubou um cartaz de procurado de seu pai numa agência do correio, enquadrou e pendurou em seu quarto.

Assim que Phillip chegou à América, Al passou a vir de avião de sua cidade no Sul. Os fins de semana em Nova York começavam na quinta e acabavam na terça.

Um dia, Al contou a Phillip que havia largado o emprego.

Phillip disse: “Idiota maldito, por que você foi fazer isso?”.

Al disse: “Eu queria passar meu tempo todo em Nova York com você”.

Phillip disse: “Que bobagem. Como você vai arrumar dinheiro?”.

Acordei na manhã seguinte com ressaca de morfina. Servi um copo grande de leite gelado, que é o antídoto para a morfina. Logo me senti melhor e desci até o escritório para ver meus compromissos do dia.

Calhou de eu estar na cidade por volta do meio-dia, então passei no Al e almoçamos juntos no Hamburger Mary’s. Al me contou o que tinha acontecido na noite anterior.

Quando Al chegou ao Washington Hall para velar o sono de Phillip, não deixaram ele subir até o quinto andar de elevador porque não havia ninguém em casa, o que atrapalhou seu plano de subir no telhado antes que a porta do lugar fosse trancada.

Então ele foi para a Washington Square e dormiu num banco até as duas e meia. Aí voltou e pulou a cerca dos fundos do Washington Hall e tentou agarrar num salto a escada de incêndio. Isso fez um barulho alto e agudo, e antes mesmo que Al começasse a subir o ascensorista negro enfiou a cabeça por uma das janelas e disse: “O que você está fazendo aí?”.

Al disse: “Os elevadores não estão funcionando. Eu só vou visitar um amigo meu, e pensei em subir por aqui em vez de incomodar. Que tal você me levar de elevador?”.

O ascensorista disse: “Certo. Entre”, e ajudou Al a passar pela janela.

Foi Al passar a janela, o ascensorista mostrou o pedaço de cano de aço enfiado em igual extensão de uma mangueira de borracha. Ele disse: “Você espera aqui até eu trazer o senhor Goldstein”, e agitou o tubo na frente do Al.

Al disse que esperaria, e o ascensorista foi buscar o Sr. Goldstein, o senhorio.

Al podia ter fugido de lá nessa hora, mas percebeu que, se fizesse isso, não poderia mais voltar. Então resolveu esperar e tentar se livrar na conversa, quando Goldstein chegasse.

Goldstein chegou minutos depois, num roupão sujo azul e branco com manchas de ovo e café na frente, seguido de Pat, o ascensorista.

Al disse: “Veja só, senhor Goldstein...”.

Goldstein o interrompeu com as mãos estendidas. “Aqui nós é que conduzimos a conversa”, disse com voz autoritária. “Fique de olho nele, Pat.”

Pat ficou lá balançando para a frente e para trás nos calcanhares, batucando o cano de aço na palma da mão esquerda, com um brilho esperto nos olhos.

Al continuou: “Eu só queria visitar uma pessoa que eu conheço aqui”.

Goldstein pegara o telefone e o segurava aristocraticamente. “Quem você conhece aqui?”, ele perguntou.

Al disse que conhecia James Cathcart.

Goldstein disse: “Bem, isso nós vamos ver já”. Deu um passo para o lado e tocou o interfone de Cathcart. Após um intervalo considerável, Goldstein já estava falando ao interfone com uma voz solícita.

“Senhor Cathcart”, disse, “tem alguém aqui embaixo que diz conhecê-lo. Queremos que o senhor desça e o identifique. Desculpe o incômodo, mas é muito importante.”

Pouco depois, Cathcart desceu do terceiro andar vestindo um roupão de seda. Al tentou se levantar.

“Fique sentado aí”, disse Goldstein, e virou-se para Cathcart. “Senhor Cathcart, o senhor conhece esse homem?”

“Conheço”, disse Cathcart. “Qual é o problema?”

“Nós o encontramos subindo pela escada de incêndio, e ele disse que estava subindo para visitá-lo.”

“Exatamente”, disse Cathcart com calma. “Eu planejava encontrá-lo hoje à noite, mas não me senti muito bem e fui dormir. Foi isso mesmo.”

“Bem”, Goldstein disse, “se o senhor está dizendo, senhor Cathcart.”

Al disse a Cathcart: “Bem, eu volto amanhã, James. Desculpe tirá-lo da cama”.

“O.k”, disse Cathcart. “Nos vemos amanhã então. Agora acho que vou voltar para a cama”, e com isso subiu de volta as escadas.

Al se levantou para sair.

“Um minuto!”, disse Goldstein. “Você não parece ter percebido a gravidade do caso. Se não fosse pelo senhor Cathcart, você estaria indo agora para a delegacia. Na verdade, o meu dever seria ligar para a polícia.”

“Olha”, Al disse, “eu sinto muito...”

“Ah, você *sente muito*! Bem, o fato de você sentir muito não muda nada. Por acaso, eu sou o responsável pelas vidas e pela propriedade de cada pessoa neste edifício. Você sabia que é contra a lei até para os moradores subir pela escada de incêndio?”

“Não”, Al disse, “eu não sabia disso.”

“Você não sabia disso e se acha um homem inteligente?”

Al não se achava nada. “Ah, sim, agora que o senhor disse”, Al falou em tom conciliatório, “faz sentido. Acho que simplesmente não pensei nisso.”

“Pois já está mais do que na hora de começar a pensar, não?”, Goldstein disse. “O senhor tirou o senhor Cathcart da cama, o senhor me tirou da cama...”

Al disse: “Sinto muito por ter perturbado o seu sono”.

“Bem, mas não vem ao caso! Foi um ato criminoso. Por isso, se eu fosse fazer o certo, devia ligar agora mesmo para a polícia. Você se dá conta disso?”

“Sim”, disse Al. “Eu agradeço.”

“Ora! Você agradece, não é? O único motivo de eu não chamar a polícia é o senhor Cathcart.” Aí Goldstein balançou a cabeça e pareceu rir. “Eu não consigo entender isso. Se fosse um garoto de faculdade, era diferente, mas o senhor tem quase a minha idade.”

“Eu prometo”, disse Al, “nada disso voltará a acontecer.”

“Bem, e eu prometo que se acontecer o senhor vai preso!” Goldstein balançou de novo a cabeça. “Pois bem, se o senhor Cathcart diz que tudo bem, então creio que deixaremos passar. Eu realmente deveria chamar a polícia.”

Al fez menção de sair.

“Um minuto”, disse Goldstein. “Parece que o senhor não se deu conta de que o Pat aqui, o meu ascensorista, arriscou a vida esta noite. Ele deve ser ouvido neste caso.” Goldstein se voltou para o ascensorista. “Bem, Patrick, o que você acha que devemos fazer?”

“Bem”, disse Pat, “eu não gosto de ver ninguém preso.”

Goldstein se virou para Al. “Acho que você deve desculpas ao Patrick.”

Al se virou para Pat. “Peço desculpas por essa coisa toda”, disse.

Goldstein retomou a palavra: “É muito fácil pedir desculpas. Não vou ficar aqui falando com o senhor a noite inteira. Já perdi muito do meu sono, embora para o senhor isso não signifique nada. Foi no verão passado, não foi, Patrick, que um ladrão subiu pela escada de incêndio e roubou vinte dólares do quarto de alguém?”

“Sim, senhor Goldstein, acho que foi”, Pat falou.

“Vamos esquecer isso”, continuou Goldstein. “Estou inclinado a deixar passar dessa vez.”

Al falou: “O senhor está sendo muito compreensivo e eu agradeço. Desculpe pelo incômodo que causei”.

“Eu considero muito o senhor Cathcart”, Goldstein retrucou, “e só estou fazendo isso por ele, o senhor entendeu.”

“Sim, entendi”, disse Al, e começou a contornar a mesa da recepção.

“Certo, Pat”, disse Goldstein. “Deixe-o ir embora.”

Pat se afastou. Al se virou e disse boa-noite. Goldstein ficou ali parado olhando para ele e não se dignou a responder. Então Al se virou e deu o fora pela porta e foi para casa dormir.

Na manhã seguinte, Al voltou ao Washington Hall e descobriu com o ascensorista da manhã que Phillip havia se mudado dali e estava planejando embarcar num navio.

“Eu preciso impedir”, Al me disse no almoço no Hamburger Mary’s. “Ele estava pensando em pegar um navio sem me contar nada.”

Falei: “Bem, você tem seus documentos, por que não vai também?”.
“Bem, talvez eu vá.”

6. Mike Ryko

Terça de manhã todo mundo estava de ressaca de Pernod. Barbara foi para sua aula às nove e Janie dormiu até as onze, quando Phil levantou do sofá e nos acordou. Estava um dia quente pra cachorro.

Janie foi até a cozinha e esquentou sopa para todos. Phillip pegou outra daquelas calças de algodão e uma camisa caqui da sacola de marinheiro e vestiu. Nós dois estávamos vestidos igualzinhos, só que as minhas roupas eram mais velhas e sujas.

“Olhe este lugar”, falei. “Que diabos aconteceu ontem à noite?”

Phil disse: “Cadê o gato?”.

Começamos a procurar o gato e o encontramos dormindo numa gaveta aberta da escrivaninha.

Quando terminamos a sopa, falei para Janie: “Vamos voltar mais à noite”.

Ela falou: “É melhor voltarem mesmo”, e foi para a cama.

Phillip e eu saímos e fomos ao sindicato.

O escritório fica na rua 17 Oeste, a uns dez minutos a pé da Washington Square. Comprei uma *P.M.* na esquina da 14th com a Seventh Avenue e paramos um pouco para observar um mapa militar da França.

“Eles vão sair de Cherbourg e tomarão Paris”, Phil disse. “Caen e Saint-Lô estão para cair.”

“Espero que você esteja certo”, eu disse, e fomos às pressas para o escritório da sede do sindicato. Estávamos entusiasmados porque havíamos sido mandados para o fronte.

Chegando à 17th Street, havia filas de marinheiros parados na frente do sindicato, conversando com o sorveteiro da Good Humor.

“Antes”, falei, “vamos até ali refrescar a garganta.”

Atravessamos a rua e fomos ao Anchor Bar e pedimos duas cervejas. A cerveja estava boa e gelada.

“São todos marinheiros”, eu disse a Phil. “São os tipos mais loucos do mundo, ou pelo menos eram quando embarquei pela primeira vez, em 1942, e naquela época a maioria deles era lobo do mar, garoto, principalmente no litoral de Boston.”

Havia um marinheiro que se destacava dos demais porque tinha uma barba ruiva comprida e olhos de Jesus Cristo. Ele parecia mais alguém do Village do que um marujo.

Phillip ficava olhando para ele, fascinado. Ele disse: “Aquele ali parece um artista”. Em seguida, impaciente, virou-se para mim: “Acabe logo com essa cerveja. Precisamos nos alistar”.

Então atravessamos a rua até o sindicato. O salão de entrada estava coberto de murais, um deles mostrando um marinheiro negro salvando a vida de um companheiro de navio, mostrando os músculos do seu braço marrom segurando um rosto pálido e branco. Havia uma banca que vendia livros como *Bound for Glory*, de Woody Guthrie, e o *New World AComing*, de Roi Ottley, e diversos panfletos de esquerda, e o *Daily Worker*, a *P.M.* e o jornal semanal do sindicato, que se chamava *The Pilot*.

Mostramos ao rapaz na entrada nossas cadernetas do sindicato e passamos para o saguão de embarque apinhado. É um salão de teto baixo e largo, com cadeiras dobráveis, mesas de pingue-pongue e estantes com revistas nos fundos.

Ao fundo do saguão, bem em frente, há um enorme painel ocupando toda a parede, no qual os números e as letras são colocados para dar informações sobre as empresas, os nomes e os tipos de navios, onde estão esperando ou ancorados, e por quanto tempo, quantas vagas e de que tipo estão disponíveis, bem como o aspecto geral da embarcação.

O saguão estava lotado de marinheiros, alguns de uniforme, a maioria com roupas civis. As nacionalidades eram um calidoscópio de tipos raciais que variava de porto-riquenhos azeitonados a loiros noruegueses de Minnesota.

Na outra ponta do saguão, perto das estantes de revistas, havia uma mesa com um aviso acima dela informando Comitê de Ação Política. Phillip e eu fomos olhar os panfletos e as petições na mesa.

A garota atrás da mesa nos animou a assinar uma das petições, que era sobre uma briga que vinha ocorrendo entre a Câmara e o Senado a respeito de uma nova lei de pós-guerra. Phillip e eu assinamos “Arthur Rimbaud” e “Paul Verlaine”, respectivamente.

Então fomos até a frente do painel de embarque para ver os panfletos. Não havia muitos embarques porque nenhum comboio tinha chegado recentemente, mas de qualquer forma fomos até os guichês de alistamento e esperamos na fila para nos apresentar.

Eu precisaria ainda correr muito pelos escritórios, porque estava atrasado em minhas obrigações e já havia passado alguns meses do meu prazo em terra. Um funcionário do sindicato, de chapéu, sentado à sua escrivaninha, me passou um sermão e me fez ver que eu estava atrasado com minhas obrigações, e quem

diabos eu achava que era? Concordei com a cabeça, balancei-a e olhei para o chão até que finalmente ele deixou que eu me registrasse em período de experiência. Isso dificultaria que eu ficasse no mesmo navio que Phillip.

Nesse meio-tempo, Phillip já havia se apresentado e se alistado. Pedi que ele esperasse um minuto e fui até um guichê aberto, para ver se havia algum emprego ali. Esse é o guichê aonde a pessoa deve ir quando está atrasada no cumprimento de suas obrigações, ou quando passou do prazo de embarcar, ou qualquer outra coisa contrária às regras do sindicato em emergência de guerra. Os postos disponíveis nesse guichê são o resto que nenhum outro marinheiro quis. Ali sempre é possível pegar um navio de carvão para Norfolk ou um cargueiro de mineradora até os Grandes Lagos.

Perguntei se havia algo internacional partindo, e o empregado do guichê aberto disse não.

Voltei até Phillip, nos sentamos e pegamos alguns jornais. Eu não queria contar das minhas dificuldades até pensar um pouco no assunto.

O controlador de embarque estava anunciando as vagas no microfone com um sotaque de Trinidad bonito de ouvir. Ele diria: “Barber Line Liberty na linha oito. Precisamos de dois marinheiros de primeira classe, dois ordinários, um bombeiro, três limpadores, dois ajudantes gerais. Esse navio está indo longe, para muito longe, numa longa e gelada viagem... Vocês vão precisar trazer roupas íntimas de frio”.

E depois ainda diria: “Eis aqui um emprego para um assistente de cozinha e um marujo da velha escola. Quem for chileno poderá voltar para casa”.

Ou então ele poderia dizer: “Fora da cidade, navio esperando em Norfolk, precisa de três mecânicos, a empresa paga a passagem de trem até Norfolk, começando a pagar a partir de hoje... é a chance de vocês andarem num Pullman”.

Por fim o controlador chamou toda uma tripulação de convés. Phillip tirou seu cartão de alistamento e disse: “Vamos”. Tive de explicar a ele que meu cartão não servia para aquele tipo de trabalho.

“Vai direto até a Europa”, disse o controlador ao microfone.

“Você ouviu isso?”, Phillip perguntou. “Direto. França!”

“Eu sei”, falei, “mas eu preciso esperar uma vaga de outro tipo. Se você quer ir no mesmo navio que eu, precisa pegar uma vaga no mesmo guichê.”

“Isso complica as coisas”, disse ele.

“Bom”, falei, “talvez eu possa apagar esse ‘em período de experiência’ do meu cartão. Eu mesmo posso fazer isso com solvente de tinta ou tentar amanhã reclamar com alguém para conseguir um cartão novo. Vou pensar em alguma coisa.”

Phillip começou a ficar apreensivo. “Não dá para você pagar o que deve?”, perguntou.

“São cinco meses e eu estou quebrado, você sabe. Mas não se preocupe, nós vamos conseguir embarcar juntos. Deixe comigo.”

“Allen vai ter tempo de descobrir tudo”, disse ele tristonho. “E talvez a gente nem consiga embarcar juntos.”

“Meu Deus, não se preocupe”, falei, “vamos conseguir uma vaga até o final da semana. Eu sei como funciona, já fiz cinco viagens.”

Levantei e fui ao banheiro, onde encontrei um cara com quem tinha viajado antes. “Olá, Chico”, falei. Era um ajudante de cozinha porto-riquenho. “Lembra de mim da viagem para Liverpool no *George Weems*?”

Chico deu um sorriso neutro. Havia viajado tantas vezes que não conseguia mais distinguir uma viagem da outra, ou, quem sabe, ele já não conseguisse se lembrar do que acontecia de um minuto para o outro.

“Bom, tchau, Chico”, disse eu, fechando o botão da braguilha.

“Tchau”, disse Chico.

Voltei ao saguão. Estava quase na hora de fechar. Phillip estava sentado na mesma cadeira.

Um marinheiro veio até mim e disse: “Escute, camarada, me dê uma moeda, pode ser?”. Sem perguntar nada dei-lhe a moeda. Esse cara ficava perambulando pelo saguão pedindo moedas. Imaginei que seria um daqueles velhos marinheiros que eu conhecera no litoral de Boston em 1942 e que precisava beber alguma coisa. A maioria desses lobos do mar foi torpedeada e naufragou antes que a guerra no continente começasse a esquentar.

Fiquei observando no saguão os novos tipos de marinheiros. Muitos usavam uniformes e cordões dourados comprados em lojas da Marinha e do Exército. Eram umas figuras que nem bebiam muito e passavam o tempo todo nos bares e nas cantinas de marinheiros, dando uma de rapazes da sociedade com as garotas da sociedade e as atrizes que trabalhavam lá. Então havia um grande número de inclassificáveis, figuras mais para obscuras que provavelmente vieram parar na Marinha mercante tentando sumir sem deixar rastros. Por fim reparei num terceiro grupo, um bando de jovens de todo o país, que lembravam os marinheiros adolescentes da Marinha que você vê dormindo no metrô de boca aberta e as pernas atravancando o corredor.

O saguão estava começando a esvaziar e agora um velho sueco vinha com o esfregão. O controlador tinha ido embora e a garota em frente ao painel com fones de ouvido tinha ido embora, e acho que Joe Curran tinha ido embora também. Estava cinza e denso lá fora. Phillip e eu sentamos no corredor vazio e fumamos o último cigarro.

De repente Phil disse: “Se formos à França, vamos fugir do navio e andar até Paris. Quero morar no Quartier Latin”.

“E a guerra?”, perguntei.

“Ah, provavelmente já vai ter acabado quando chegarmos lá.”

Pensei um pouco nisso.

“Olha”, falei, “eu só faria uma coisa dessas bêbado.”

“Nós bebemos no porto e escapamos no meio da noite.”

“E os soldados e as autoridades francesas e tudo o mais?”

“A gente se preocupa quando chegar a hora”, disse ele.

“Eu faria qualquer coisa se estivesse bêbado”, falei.

Sentamos ali pensando nesse novo plano, e quanto mais eu pensava, mais sua ousadia me tentava, embora no fundo eu soubesse que podia não dar certo e acabaríamos presos.

Phillip caiu numa espécie de silêncio meditativo e então comecei a puxar conversa com ele. “Você vai gostar de viajar de navio”, falei. “Rapaz, quando você chega no porto, não existe nada igual.

“Uma vez meu navio chegou num porto na Nova Escócia chamado Sydney. Tínhamos ficado ancorados num fiorde da Groenlândia por dois meses e todo mundo estava louco por uma grande bebedeira. Toda a tripulação desembarcou — umas cento e cinquenta pessoas, era um cargueiro de tamanho médio — e só cinquenta de nós conseguiram não ser presos. Um foi preso por masturbar um cavalo na rua principal. Outro foi pego andando com o pau balançando para fora porque se esqueceu de colocar de volta depois de mijar.

“Eu estava caminhando com um bando de colegas do navio e fomos até o mar e achamos uma cabana e começamos a fuçar. Dois caras entraram na cabana e ali um enfiou a cabeça por um buraco no telhado e começou a cantar. Alguns caras estavam empurrando a cabana para ver se ela saía do lugar. Saiu. Enquanto os dois estavam lá dentro, fomos empurrando até chegar na água. É um mistério eles não terem se afogado. Talvez estivessem encharcados demais para se afogar.

“Mais tarde, eu estava numa viela com uma garrafinha de uísque que um cara com seis enfiadas nos bolsos tinha me dado, quando encontrei um colega do navio inclinado sobre o corpo de um homem. O homem — parecia um vagabundo do litoral de Sydney — estava desacordado de bêbado e o meu colega estava pegando a carteira dele. ‘Você cale a porra da sua boca’, ele me disse, de pé com a carteira na mão. ‘Não tenho nada com isso, o problema é seu’, falei. Ele riu e pediu um trago, mas eu fui embora porque não gostava muito dele.

“Fazia três dias que eu estava em terra com uma licença de doze horas. No terceiro dia, à tarde, eu estava passando com um cara atrás da Associação Cristã

de Moços quando aparecem dois soldados canadenses e dois da polícia do Exército. Estavam armados e nos disseram para acompanhá-los. Meu camarada saiu correndo pela viela e eles atiraram por cima da cabeça dele, então ele voltou, dando risada. Ainda estávamos bêbados — ficamos bêbados os três dias — e não ligávamos para nada.

“O fato é que os soldados levaram esse cara e eu para uma corveta da base canadense e nos prenderam até que o barco viesse nos pegar e levar de volta ao nosso navio. Assim pudemos dormir algumas horas. Você não vai acreditar, mas eu estava tão bêbado que dormi em cima de uns cavaletes que coloquei juntos um do outro. Bêbado, resmungava comigo mesmo que não devia dormir no chão para não sujar a roupa. E me deitei ali enrolado em cima de dois cavaletes e dormi.

“Enfim acordei e estava escurecendo. Uns marinheiros ingleses jogavam beisebol com uma bola e luvas do lado de fora da cela. Pulei pela janela lateral, dei a volta na cela e comecei a jogar com eles. Eles eram desajeitados e não sabiam fazer um arremesso direito, então fiquei me exibindo para eles com a sofisticada bola de efeito ascendente de Bob Feller. Aí anoiteceu e o jogo parou. Não havia guardas por ali; imaginei que estivessem comendo o grude, então pulei a cerca que circundava a base e voltei para a cidade.

“Comecei a beber de novo. Naquela noite fui aos subúrbios de Sydney, onde era improvável que algum soldado me achasse. Era um bairro de mineiros que trabalhavam na Princess Colliery. Bebi em várias pequenas espeluncas até que por fim peguei uma índia. Fiquei quase a noite inteira com ela num chalé onde ventava muito até que ela me mandou embora. Como eu estava com sono, entrei na primeira casa que encontrei na rua e fui dormir no sofá.

“Tentava me convencer de que estava nos fundos de uma daquelas espeluncas. Mas quando o sol nasceu, descobri que havia dois outros colegas do navio dormindo no chão e que estávamos na sala de estar da casa de alguém, porque dava para ouvir a família tomando o café da manhã na cozinha no final do corredor. Por fim veio o dono da casa, um mineiro, mancando pelo corredor, com sua marmita do almoço e nos viu na sala. Ele disse: ‘Bom dia, rapazes’, e saiu. Essa foi imbatível, a coisa mais louca de todas.

“Saímos da casa e passamos por uma loja, e quando fui ver um dos marinheiros punheteiros tinha enfiado a mão pela vitrine. Corremos um para cada lado, até que por fim voltei para a cidade num bonde e entrei num bar. Tomei alguns tragos e resolvi dormir um pouco.

“Ninguém de nós ousava ir ao clube dos marinheiros, porque os soldados com certeza estariam lá atrás de nós, mas resolvi ir mesmo assim, porque eu estava cansado e já era hora de me apresentar. O engraçado é que os soldados

não estavam lá. Não havia ninguém lá, só um salão cheio de beliches vazios, todo mundo tinha ido ou se esconder ou prender o outro. Assim, fui dormir num beliche e ali tirei um bom e demorado cochilo.

“Acordei renovado e naquela noite fui para o centro e bebi de novo. Reparei, por falar nisso, que eu não tinha mais dinheiro e então subi num barco e voltei para o meu navio. Naquela noite, pegamos emprestado de todo mundo que pudemos, e eu fui um dos últimos desgarrados. Fiquei devendo cinco pratas.

“Chegamos a Boston depois de três dias em Halifax, e ali começou tudo outra vez. Ali estavam todos aqueles marinheiros que haviam recebido seus mil dólares de pagamento se mandando embriagados pela prancha, com tudo o que haviam trazido da Groenlândia: pequenos caiaques, arpões, lanças de pesca, peles fedorentas, couros, tudo. Eu tinha um arpão. Eu e alguns outros caras enfiamos todas as nossas coisas nos armários da North Station e mandamos para casa a maior parte do nosso dinheiro. Aí começou a farra.

“Era um sábado à noite, eu me lembro, de outubro. Tomei uns quarenta e cinco, cinquenta copos de cerveja aquela noite, sem brincadeira. Estávamos em South Boston, indo de bar em bar, cantando em microfones de palquinhos e tocando em baterias e tudo o mais. Então não sei como fomos parar na Scollay Square e acabamos na espelunca das espeluncas, o Imperial Café. Havia dois andares e cinco salas cheias de marinheiros, soldados e marujos, mulheres, música, uísque, cigarros e brigas.

“Foi tudo meio nebuloso para mim. Lembro que mais tarde paramos num quintal de algum bairro de Boston e o marujo que estava comigo ficou chamando alguém numa janela do segundo andar, onde supostamente morava uma prostituta. A janela se abriu e um negro enorme pôs a cabeça para fora e jogou um balde de água quente.

“Bom, por fim, quando o sol apareceu, eu estava deitado numa caixa de ferramentas da prefeitura na Atlantic Avenue, bem em frente ao mar, e havia diversas dessas sumacas ancoradas do meu lado com o sol vermelho tocando seus mastros. Fiquei olhando para aquilo um pouco, então me arrastei até a North Station para pegar minhas coisas, e depois tive que atravessar a cidade de táxi até a South Station e comprar uma passagem para Nova York. Jamais esquecerei a gloriosa volta para as nossas praias tão lindas.”

Phillip ficou sorrindo o tempo todo enquanto eu contava minha história. Estava quase escuro lá fora, tão nublado e cinzento que parecia um crepúsculo chuvoso. O velho sueco havia terminado de varrer.

“Vamos passar no Dennison”, disse Phil. “Tudo isso me dá vontade de beber e estamos sem dinheiro.”

“Por mim, tudo bem”, falei, e fomos saindo do saguão.

Estávamos nas escadas, quando de repente vi uma figura familiar descendo a 17th Street em direção ao sindicato.

“Olha quem está vindo”, falei.

Era Ramsay Allen, e ele ainda não nos vira. Vinha apressado, a passos largos e ansiosos, e a expressão em seu rosto parecia a da mãe que perdeu o filho e seguia correndo até a delegacia para ver se a criança que tinham achado era a dela. Então ele nos viu. Num instante seu rosto se iluminou de reconhecimento e alegria, depois a velha expressão afável e sofisticada se recompôs.

“Ora, ora”, disse ao se aproximar, “o que vocês estão armando pelas minhas costas?” Rimos como se estivéssemos orgulhosos de nossas conquistas individuais. Então Al olhou sério para Phillip: “Você não conseguiu um navio ainda, não é?”.

“Ainda não”, disse Phillip.

Fomos andando. Nenhum dos dois falou nada sobre coisa nenhuma de importante. Phil começou a contar a ele sobre nosso plano de fugir do navio na França e ir a Paris, e Al disse: “Mas você acha que é seguro?”.

“Não estamos preocupados com isso”, Phil disse.

Caminhamos até a casa do Dennison e ficamos na escada da frente esperando ele voltar do trabalho. Esperamos mais um pouco, aí fomos ao Chumley's, onde ele costuma comer.

7. Will Dennison

Quinta à noite encontrei Helen no Chumley's. Helen era recepcionista do Continental Café. Pedimos vermute com soda, e o primeiro eu bebi de um gole só. Estava com tanta sede de ter corrido o dia inteiro por aí que sentia como se minha boca fosse pular naquele vermute feito um desenho mexicano que eu tinha visto num museu que mostrava um cara com a boca saltando na ponta de um tubo comprido, como se a boca não pudesse esperar pelo resto do rosto. Na metade do segundo vermute, comecei a me sentir melhor e deixei minha mão pousar no joelho nu de Helen e apertei.

Ela falou: “O que é isso, senhor Dennison?”, e dei a ela um sorriso paternal.

Olhei e vi um rapaz bonito com um uniforme da Marinha mercante entrando pela porta. Levou uma fração de segundo até eu perceber que era o Phillip. Olhei bem para ele e não o reconheci. Aí vi Al e Ryko atrás dele.

Eles vieram até a mesa e nos cumprimentaram. Então o garçom arrumou duas mesas e nos sentamos juntos.

Phil disse: “Bom, Dennison, nós embarcamos amanhã. Esta pode ser a última vez que nos vemos”.

“Estou sabendo.”

Al disse: “Eles estão planejando ir para a França e fugir do navio”.

Virei para Phillip e falei: “O que vocês vão fazer na França?”.

Ele entrou numa longa elucubração. “Quando chegarmos lá, vamos desertar e começar uma caminhada pelo interior até Paris. Até lá os aliados terão atravessado Paris e talvez a guerra tenha terminado. Vamos nos passar por franceses. Como eu não tenho um francês muito fluente, vou ser uma espécie de camponês idiota. Mike, que fala bem francês, vai falar por nós. Vamos viajar no vagão do gado e dormir em montes de feno até chegarmos à Rive Gauche.”

Ouvi um pouco essa história e aí falei: “Como vocês vão fazer para comer? Está tudo racionado. Precisa de caderneta para tudo”.

Ele disse: “Ah, vamos simplesmente falar que perdemos nossas cadernetas. Diremos que somos refugiados voltando de um campo de concentração”.

“Quem vai dizer tudo isso?”

“Ryko. Ele é meio francês. Eu vou me fazer de surdo-mudo.”

Olhei em dúvida para Ryko e ele disse: “Certo, minha mãe me ensinou francês. E eu falo finlandês também”.

“Ah, então”, falei, “façam como quiserem. Estou me lixando.”

Então Al disse: “Acho que não é uma ideia nada boa”.

Falei: “Cautela não é coisa para jovens. Na verdade, pense bem, é uma boa ideia sim”.

Al lançou-me um olhar furioso que ignorei.

“França...”, eu disse, sonhador. “Bem, mandem minhas lembranças para o lugar quando chegarem — se vocês chegarem lá.”

A comida começou a chegar nessa hora. Primeiro o camarão, depois a sopa quente, que foi servida junto com mais uma rodada de coquetéis. Isso é uma coisa que sempre acontece, e o resultado é que a sopa esfria enquanto você bebe, ou você toma a sopa e estraga o gosto da bebida.

Terminamos de jantar um pouco depois e Helen disse que já ia embora para sua casa no Queens. Al me deu quatro dólares, supostamente pagando por toda a comida e as bebidas que ele, Ryko e Phillip tinham engolido, mas fiquei contente de conseguir pelo menos algum.

Saímos para a rua e começamos a andar, conversando sobre o que iríamos fazer. Al disse: “Bom, podemos ir ver a Connie”.

Phillip perguntou: “Quem é Connie?”.

“É a garota que trabalha na *P.M.*”, Al respondeu. “Aquela que eu contei pra você que ficou comigo no telhado há umas duas semanas.”

Então Ryko disse: “Certo, vamos”.

Al falou: “O único problema é que ela se mudou, e eu não peguei o endereço novo, ou perdi. Vou ter que pedir para a Agnes ou para outra pessoa”.

“Bom”, concluí, “então não podemos ir.”

Al disse: “Não, acho que não”.

Nesse momento, um menino de cabelo preto de uns doze anos passou, e Al disse: “Oi, Harry”, e o menino disse: “Oi, Al”.

Estava acontecendo uma grande jogatina de dados em frente ao Romany Marie’s, várias notas de cem dólares na calçada. Paramos um pouco para ver o jogo. Um gordo sebooso com um charutão pegou os dados e jogou cinco dólares no chão. Saiu um dez. Os jogadores ficaram em volta com o dinheiro na mão e com o dinheiro no pé, pisando nele para não voar. Começaram a apostar no lançador e um com o outro.

“Quatro para duas sem dez.”

“Cinco sem dez e onze.”

“Duas sem dez e um três.”

O lançador levou uns trinta dólares dos apostadores de dois contra um. Saiu o dez e ele ganhou de todos os lados, recolhendo as notas debaixo dos pés das pessoas e das mãos estendidas. Deixando dez no chão, ele disse: “Manda ver”. Alguém ganhou dele. Saiu um sete. Ele dobrou novamente, precisando de um vinte.

Estavam todos tensos e nervosos com aquilo. Os dados caíram e pularam, saindo um nove. Os perdedores começaram novas apostas.

“Seis a quatro sem nove.”

“Dez sem nove e um três.”

“Cinco logo na primeira.”

Não havia conversa-fiada.

Fomos andando. Al falou: “Podemos ir ver a Mary-Ann. Ela é tão bonita. O único problema é aquele marido horroroso dela, e eles nunca têm bebida”.

Phillip disse: “Vamos no George’s beber alguma coisa”.

“Que tal a Betty-Lou?”, sugeri.

“Certo, vamos lá.”

Fomos andando até a casa da Betty-Lou, que ficava bem na direção de onde tínhamos vindo, em grupos irregulares e desgarrados.

No caminho, Phillip deu um pulo e arrancou um galho de uma árvore. Al olhou para mim e disse: “Ele não é maravilhoso?”.

Betty-Lou morava num porão. Era uma garota do Sul e adepta da ciência cristã que trabalhava no rádio e acreditava muito na missão educativa do rádio no futuro. Parece que depois da guerra não vai dar para evitar toda a cultura que eles vão enfiar nas pessoas através do rádio, porque vão gravar todas as aulas de todas as faculdades e tocá-las vinte e quatro horas por dia.

Eu disse a ela que aquilo me parecia um horror, e ela me respondeu que eu era “terrivelmente cínico”.

Quando chegamos lá, Betty-Lou tinha visita. Era um homenzinho do Brooklyn com cara de taxista. Estava com um terno de frente dupla e uma gravata chamativa, apesar do tempo, e obviamente usava toda a sua melhor educação. Havia levado uma garrafa de Califórnia Burgundy e um pouco de rosbife fatiado para Betty-Lou. Phillip o cumprimentou com um aceno de mão e foi direto se servir de carne e vinho. Al fez o mesmo e ambos ignoraram o homenzinho do Brooklyn.

Ryko e eu nos sentamos e caímos num silêncio soturno. Phillip ainda comia o rosbife com uma das mãos quando começou a tirar livros da estante e virar as páginas com os dedos engordurados. Eu me recompus e fui fazer algumas perguntas sobre o rádio para a Betty-Lou.

Alguns minutos depois, o homenzinho do Brooklyn se levantou para ir embora. Apertou a mão de Ryko e a minha. Ele olhava inseguro para Al e Phillip. Phillip agora mexia nos discos e A estava sentado de pernas cruzadas no chão olhando para ele.

O homem do Brooklyn disse: “Bem, é melhor eu ir andando”.

Betty-Lou acompanhou-o até a porta e disse que voltasse outra vez.

Phillip e Al brincavam com a vitrola, conseguiram ligá-la e daí puseram uma gravação do “Lago dos cisnes”.

De repente um rato marrom enorme veio correndo da cozinha e parou no meio da sala. Ficou ali indeciso por um momento, soltou um guincho agudo e correu para o banheiro.

Betty-Lou falou: “Ai, meu santo, aquele rato velho outra vez!”.

Foi até a cozinha e passou uma pasta de veneno numa bolacha. Quebrou a bolacha e espalhou os pedaços pela cozinha e pelo banheiro. Eu sabia que isso não adiantava, porque o rato já conhece esse veneno. E, além do mais, eram tantos os buracos do apartamento que todos os ratos de Nova York conseguiriam entrar ali.

Aí chegaram dois homens e uma garota, e puxei conversa com um deles. Estávamos falando sobre a má qualidade do gim cubano e de como as bebidas estavam caras em geral. Ele disse que gostava sobretudo de uísque, eu disse que a minha bebida favorita era conhaque, mas que não estava fácil de achar. Ele falou: “Você ainda acha, sim”.

Eu disse: “Sim, mas a um dólar a dose”. Respirei fundo e continuei dizendo que aparentemente conhaque mesmo só o produzido em Cognac, na França. “Nenhum outro conhaque é tão gostoso.”

Ele pensou um pouco e disse: “O conhaque da Califórnia é horrível”.

Eu disse: “Não gosto de conhaque espanhol”.

“Bem”, disse ele, “eu não sou muito de conhaque.”

Houve uma longa pausa. Eu pedi licença e fui ao banheiro; me encostei na parede, de olho nos ratos.

Quando voltei, Al e Phillip estavam se preparando para ir comprar uma garrafa de rum com o dinheiro dos dois caras. Passei por eles e comecei a escolher discos, para evitar mais conversa. Ryko conversava com Betty-Lou, e eu só conseguia entender que estavam falando de Phillip. Parecia que Ryko estava entrando num clima com ela.

Al e Phillip finalmente chegaram com dois marinheiros franceses que encontraram no George’s. Todo mundo começou a falar um francês ruim, exceto os próprios marinheiros, que falavam um inglês ruim. Eles estavam tentando

passar que eram sujeitos respeitáveis que não estavam acostumados a sair assim com estranhos, e todo mundo ficava falando para eles que tudo bem.

Por fim, a turma debandou e nós fomos para a rua. Phillip queria comer alguma coisa, então subimos a Seventh Avenue até o Riker's.

Phillip bateu numa placa de ponto de ônibus, que balançava para a frente e para trás, então Al pulou em cima de uma estante de madeira para jornais que ficava em frente a uma loja de doces e quebrou a estante. O grego saiu correndo da loja e agarrou Al, e Al teve que lhe dar um dólar.

Mais tarde, quando estávamos sentados no balcão do Riker's comendo ovo, Ryko me disse que Betty-Lou não tinha ido com a cara do Phillip.

“Há algo de podre nele”, tinha dito ela. “Ele tem o cheiro da morte.”

“Essa vai direto para o livro”, falei.

Mais tarde, quando estávamos saindo do Riker's, Phillip me mostrou um dólar e disse que tinha roubado da bolsa de Betty-Lou.

8. Mike Ryko

Quarta acabou fazendo um dia lindo. Um daqueles dias claros e frescos de junho, quando tudo é azul e rosa e marrom-castelo. Pus a cabeça para fora da janela do quarto de Janie e olhei ao redor. Eram onze horas, mas tudo parecia vivido e nítido como de manhã bem cedo.

Janie estava irritada com Phillip e comigo por termos chegado tarde em casa, de modo que não havia levantado para nos dar café da manhã, e Barbara tinha voltado para casa em Manhasset.

Sáímos logo para o sindicato e, assim que viramos na 17th Street, lá estava Ramsay Allen nos esperando na escadaria do edifício com um enorme sorriso no rosto.

Entramos no saguão e havia todo um bando de novas vagas no painel. A primeira coisa que fiz foi voltar a um dos escritórios e começar a reclamar do meu cartão.

“Não vou conseguir embarcar com esse ‘em experiência’ no meu cartão”, contei ao oficial, “e eu teria que embarcar já, porque estou quebrado.”

“Não posso fazer nada”, disse ele seco.

Voltei até Phillip e Al. Estavam sentados numa fileira de cadeiras e Phillip estava lendo *Europa*, do Briffault, enquanto Al o observava. Contei o que o oficial tinha dito.

Al disse que conhecia uma garota do Village que trabalhava em um dos escritórios lá em cima. “Vou tentar armar alguma coisa”, disse, e subiu para vê-la.

Voltou quinze minutos depois dizendo que tinha combinado de almoçar com ela.

Phillip disse: “Como você vai pagar o almoço para ela?”.

Al disse que voltaria em meia hora com algum dinheiro, e foi embora.

“Bom”, perguntei ao Phillip, “por que será que ele está nos ajudando?”

“Provavelmente acha que eu vou deixar ele embarcar junto comigo”, disse Phil.

Eram quinze para uma quando Al voltou com cinco pratos que pegara emprestado de uns amigos do Village. Ele subiu e voltou de novo com a garota

do sindicato. Estava na cara que ela estava a fim do Al e que seria capaz de fazer qualquer coisa por ele.

Saímos para almoçar e fomos a um restaurante espanhol na Eighth Avenue. A garota disse que comia lá todo dia e que era um lugar bem “mañana”. Então ela perguntou qual era o meu problema.

“Olha”, concluí, “o motivo de eu estar atrasado com minhas obrigações e de ter passado do prazo para embarcar é que fiquei resfriado e isso me tirou do ar por duas semanas.”

“Você não explicou isso a eles?”

“Bom, achei que não fosse fazer diferença.”

“Ah, sim”, ela disse, “mesmo sendo duas semanas.”

Então comecei a me engraçar com ela e perguntei se ela conhecia fulano e sicrano no Village, ou se encontrava ainda com fulana e beltrana, dando-lhe uma lista dos meus velhos amigos de esquerda. Ela conhecia um ou outro. Aí comecei a exagerar, contando do meu passado comunista na Pennsylvania e de como fui preso uma vez em Boston como agitador. Ela ficou impressionada com tudo. Passou a me ver como um dos caras.

Então Al começou a contar histórias engraçadas, e o almoço se transformou numa festinha, que o Phillip quase estraga ao cair na risada depois que ela falou em “povão”.

Por fim Al marcou um encontro com ela na outra semana, e de certa forma isso selou o acordo. Quando terminamos, ela limpou a boca com o guardanapo de papel e disse: “Bom, acho que posso fazer algo a respeito do seu cartão, Mike”.

Então voltamos para a 17th Street e ela nos pediu que esperássemos enquanto faria alguns telefonemas para outros escritórios. “Terei a confirmação às três”, disse, e a levamos até a porta do sindicato.

No Anchor Bar, pedimos uma rodada de cervejas, e, quando Phillip foi ao banheiro, Al me disse: “Ora, Mike, quer dizer que vocês vão à França... eu adoraria poder ir junto”.

“Por que não vai?”, falei.

“Phillip não deixaria, acho que não. O que você acha?”

“Não falamos sobre isso. Por mim, eu gostaria que você fosse. Quanto mais gente, mais divertido, e com você por perto nos sairíamos melhor, imagino.”

“Isso mesmo”, Al concordou com a cabeça, “acho que nós três nos sairíamos melhor. Vocês dois são jovens e pouco experientes, não saberiam como arranjar dinheiro nem comida.”

“Faz sentido”, falei. “Sozinhos acho que morreríamos de fome.”

“Acho que você tem razão.” Al disse. Então continuou: “Mike, por que você não convence Phillip a me deixar ir junto?”.

“Bom”, eu falei, “por mim tudo bem, como eu disse. E acho que não custa tentar convencer o Phillip, ele pode deixar. Claro, vou falar com ele.”

“Use o argumento da comida e do dinheiro.”

“Certo.”

“Faça isso, Mike.”

“Vou fazer.”

Al me deu um tapa nas costas e pediu outra cerveja para mim.

Phillip voltou, e ele e Al começaram a falar outra vez sobre a Nova Visão. Phil especulava se ela não seria impossível de atingir, uma vez que dispúnhamos de um número limitado de sentidos.

Al balançou a cabeça e disse: “Interessante. Mas você vai encontrar um bocado de material interessante de ocultismo também em Yeats e na doutrina cabalística”.

“Rimbaud se achava Deus”, Phillip disse. “Talvez este seja o primeiro requisito. Na cabala o homem está no limiar da vida vegetal, e entre ele e Deus só há um véu enevado. Mas imagine que você se projete como Deus, como o sol, então o que você veria e saberia?”

“Sim”, disse Al. “Pode não haver nada lá. Mas é claro que Rimbaud acabou fracassando nessa projeção.”

Phillip cerrou o punho. “Claro que ele fracassou, e acho que sei por quê, embora eu não tenha certeza se saberia explicar de modo coerente.”

“Ora, tente de qualquer jeito”, Al o estimulou com delicadeza, franzindo as sobrancelhas.

Aí Phillip desistiu do assunto e pediu mais cerveja.

Por fim eram três da tarde e atravessamos a rua de volta ao sindicato. Liguei para a garota que trabalhava lá e ela me disse quem procurar. Agradei pelo favor e então Al pegou o telefone e começou a conversar com ela.

O funcionário do sindicato disse que ela soubera do meu caso especial por uma irmã e, devido às circunstâncias, estava disposta a me dar um novo cartão. Enquanto ele estava sendo feito, enfiei alguns cartões em branco no meu bolso para futuras emergências.

Voltei até Phillip e Al com as boas-novas. Ficamos em frente ao painel com os outros marinheiros, observando os embarques.

“Agora vamos conseguir com certeza”, Phillip disse.

“Se não hoje, amanhã”, falei. Então mostrei a Al os cartões em branco que eu roubara do escritório. Ele os tirou imediatamente da minha mão e enfiou no

bolso de seu casaco. Foi tudo tão rápido que Phillip nem chegou a notar. Olhei para Al e ele olhou para mim muito sério.

Um minuto depois, Al disse que precisava ir embora fazer um serviço de pintura na rua 52, e se foi. Phillip e eu nos sentamos num banco para esperar o chamado de trabalho das três e meia.

Às três e meia, chamaram ajudantes de convés. Mostrei meu cartão com mais quatro outros marinheiros e quase desmaiei quando consegui uma das vagas. Phillip e eu ficamos esfuziantes de satisfação, e ele acendeu meu cigarro com as mãos trêmulas.

Depois veio a chamada para os marujos comuns, e Phillip mostrou seu cartão com mais outros dez marinheiros de segunda classe. O controlador de embarque ficou repassando os cartões, procurando as datas por ordem de antecedência.

Um desses marinheiros tinha ficado esperando no guichê o dia inteiro, um garoto magrinho, cheio de espinhas, de uns dezessete anos e que parecia um imbecil. Jogavam o cartão de volta na cara dele, e foi assim o dia todo. Olhei o cartão dele e vi que estava marcado “em experiência”. Ele não tivera o bom senso de ir ao guichê das vagas em aberto, então simplesmente ficava neste outro guichê mostrando o seu cartão inútil e vendo-o ser atirado de volta naquela sua cara sorridente e soturna. Eu disse a ele o que fazer, já que ninguém mais parecia se importar, nem mesmo o controlador.

O cartão de Phillip foi recusado, mas ele perdeu a vaga por apenas algumas horas de antecedência. Voltamos para nossos assentos e eu falei: “Vai aparecer”.

O controlador de embarque falava ao microfone: “Uma daquelas vagas para marinheiro abriu de novo. Uma vaga de marinheiro em aberto”. Essa foi a minha.

“Amanhã vai ser o nosso dia”, falei. “Vamos acordar bem cedo.” Comecei a pensar no sucesso de Al com a garota do sindicato e olhei para Phillip, que tinha voltado a ler seu livro.

“Al é um sujeito extraordinário”, eu disse. “Com ele você nunca precisa se preocupar com nada.”

Phillip ergueu os olhos do livro.

Resolvi dar um basta naquilo e falei: “Por que você não deixa o Al embarcar conosco? Ele quer muito vir”.

Phillip fez uma expressão torturada. “Ei”, disse, “não. A ideia dessa viagem é justamente para escapar dele. Eu expliquei para você.”

Dei de ombros e falei: “Eu não entendo”.

“Como você não está bem inteirado dos fatos, eu não espero que entenda mesmo.”

“Certo”, eu disse, seco.

Eram cinco da tarde de novo e Phillip sugeriu que fôssemos até o Al jantar com ele. Ele achava que Al teria algum dinheiro da pintura, mas eu sabia muito bem que Al devia estar correndo a cidade atrás de um carimbo de ponto para marcar seus cartões em branco e poder viajar conosco.

Quando chegamos ao apartamento de Al, em cima de um clube de jazz na rua 52, ele ainda não estava em casa. Deitei no sofá e Phil se sentou na espreguiçadeira e ficou lendo *Europa*.

Do sofá eu via os fundos onde um velho muro de cimento trincado e coberto de videiras me pareceu belo naquela luz de fim de tarde. Eu disse a Phillip: “Olha aquele muro lá fora, e as linhas exóticas das folhas de videira. Aposto que Montmartre é assim”.

Phillip foi até à porta da sacada e ficou olhando para o muro. Logo depois peguei no sono ali no sofá.

Quando acordei, Al e Phillip estavam junto do sofá dizendo para eu me levantar. Virei de costas e comecei a pensar num sonho que eu acabara de ter. Era sobre umas colinas que eu tinha visto no Tennessee. Depois percebi como era estranho eu não estar sonhando com navios naqueles dias, porque sempre que vou para o mar sonho antes.

Pouco depois a porta se abriu alguns centímetros e Will Dennison deslizou sua sombra de dois metros de altura para dentro. Fiquei assustado porque ele entrou sem fazer nenhum som. Estava com um paletó listrado de linho e um cigarro pela metade na boca. Sentou-se na espreguiçadeira e Al e Phillip começaram a lhe contar do nosso almoço com a garota do sindicato e como tudo tinha dado certo. Ergui-me no sofá e observei a reação de Dennison.

Nunca havia muita reação no Dennison. Fazia meses que eu o conhecia e ainda não conseguia entendê-lo direito. Era de Reno, Nevada, e algo nele fazia pensar em pistas de corrida e mesas de jogo. Mas era só uma impressão externa. Ele tinha um modo de falar rude e arrastado, com um incongruente toque de refinamento. E eu sabia que ele andava envolvido em todo tipo de atividade obscura. Estava sempre recebendo telefonemas misteriosos de Chicago, e alguns caras que o visitavam em seu apartamento até pareciam simpáticos, mas havia neles algo de contido e secreto.

Constava que a velha de Will ainda morava em Reno e sempre lhe mandava pacotes de comida, e todo Natal, segundo Phillip e Al, ele fazia as malas e ia para o Oeste. Havia em Dennison algo distintamente do Oeste, e muitas vezes eu me perguntava por que ele continuava no Leste. Claro que havia aquela conversa de que a atmosfera do Oeste não era muito saudável para ele, e rumores de que deixara para trás uma série de pessoas que ficariam contentes em vê-lo de vez em quando. Evidentemente, todo ano sua viagem de Natal era segredo.

De alguma forma Dennison me lembrava um caubói. Mas não o caubói que você vê nos filmes de cavalo branco, com um Stetson cinza-perolado e uma cartucheira dupla toda enfeitada. Will é o caubói de paletó simples e um meio-Stetson, sempre sentado à mesa de carteados do saloon, tirando de fininho seu dinheiro quando o herói e o vilão começam o tiroteio.

9. Will Dennison

Quarta à noite foi a mesma história. Quando passei no Al indo para casa depois do trabalho, lá estavam Ryko e Phillip. Parece que eles foram dormir tarde e não conseguiram pegar o navio, mas amanhã com certeza, e coisa e tal. Eu já estava ficando cheio, não aguentava mais aquilo se arrastando por semanas. Saímos para jantar.

No hall encontrei Agnes. Ela tinha ficado o dia inteiro falando com pessoas na Casa de Detenção e confirmara que Hugh estava mesmo lá. No dia seguinte Agnes começou a pensar em conseguir um advogado para ele, e assim tirá-lo de lá pagando a fiança. Tinha largado o emprego para se dedicar ao caso em tempo integral. Indiquei a ela o nome de um advogado que eu sabia que havia tirado um amigo meu dois meses depois de ele ter sido pego dentro de um edifício às quatro da manhã e tendo no bolso mil e quinhentos dólares que não lhe pertenciam.

Perguntei a Agnes se ela iria jantar conosco, mas ela disse não, estava dura. Falei: “É por minha conta”, e ela ainda disse não. Ela era sempre assim. Então dei boa-noite e saí andando.

Os outros estavam de pé na rua em frente da casa.

Falei: “Agnes não vem porque está dura. Algumas pessoas têm orgulho”.

Phillip disse: “As pessoas têm ideias tolas”.

“É”, falei, “mas você é artista. Você não acredita em decência, honestidade e gratidão. Onde vamos comer?”

Phillip disse que queria ir ao Fifth Avenue Playhouse assistir *Pépé le Moko* depois de jantar, então resolvemos comer no Village. Pegamos o metrô da Seventh Avenue até a Sheridan Square e fomos comer no Chumley's. Phillip já começou pedindo Pernod e daiquiris.

Depois do jantar, andamos até o Fifth Avenue Playhouse. Phillip e Ryko pagaram meia mostrando seus documentos da Marinha mercante. Quando entramos no cinema, Phillip foi até a primeira fila e se sentou, Ryko sentou do lado dele, depois eu e por fim Al.

Durante o filme, Al ficava esticando o pescoço para olhar para Phillip, até que mudou para outro lugar da primeira fila ao lado, onde tinha uma visão livre

do perfil de Phillip.

Depois do filme, fomos à MacDonald's Tavern, que é um lugar gay, e estava lotado de bichas gritando e agitando. A todo instante alguma dava um berro esganiçado.

Atravessamos até o balcão e pedimos bebidas. As bichas mais velhas olhavam diretamente para Phillip, mas as mais jovens fingiam não reparar nele e ficavam em grupos ao redor, conversando e olhando para ele com o canto dos olhos.

Havia uns tantos marinheiros por ali e ouvi um dizer: “Cadê as mulheres desta porra de cidade?”.

Um homem elegante de meia-idade puxou conversa com Phillip sobre James Joyce e disse que não entendia nada de literatura, tentando se colocar numa posição dominante. Então pagou uma bebida para Phillip.

Um homem de cabelos pretos pequeno e magro com um sorrisinho ligeiramente insano no rosto foi até Al e pediu um cigarro. Al pegou o maço e só havia um cigarro. O homem falou: “É o último. Bom, vou aceitar”, e assim o fez.

Al lançou um olhar gelado sobre ele e virou a cabeça.

O homem começou a explicar que no Village você deve agir como um personagem. Ele era de Hartford, Connecticut, e estava atrás de uma mulher. Então reparou em duas lésbicas junto ao piano, e seus olhos brilharam.

“Mulheres!”, ele disse.

Foi até lá e ficou atrás delas, olhando para as duas com aquele sorrisinho insano.

Saímos da MacDonald's e fomos até a outra esquina, no Minetta's.

Phillip disse: “O que será que Babs e Janie vão fazer hoje à noite?”, e Ryko falou: “Ah, vamos encontrá-las mais tarde”.

Aquela variedade de personagens estúpidos de sempre estava reunida no Minetta's. Joe Gould estava numa mesa. Um homem trombou em Al e pediu desculpas.

Al disse: “Ah, tudo bem”.

O homem falou: “Eu peço desculpas porque sou um cavalheiro, mas você não sabe o que é isso”.

Al olhou para ele, e o homem continuou: “Acontece que fui campeão de boxe universitário na Universidade de Michigan”.

Ninguém disse nada e pouco depois o campeão foi incomodar outro. As pessoas nos bares sempre dizem que são pugilistas, achando que com isso não serão atacadas, como uma cobra preta vibra o rabo nas folhas para tentar se passar por cascavel.

Todo mundo bebeu um pouco. Al se sentou com uma garota bem bonita e começou a conversar com ela. Phillip estava no balcão, e eu o vi exibir os documentos de marinheiro para alguém que estava tentando mostrar a ele um documento que provava alguma coisa sobre o que tinha feito na última guerra.

Eu me sentei com Al e a garota. Era difícil conversar com ela. Al estava contando do filme e eu mencionei que tinha estado na Argélia.

Ao ouvir isso, a garota olhou para mim com enorme hostilidade e indagou: “Quando foi que você esteve na Argélia?”.

“Em 1934.”

Ela continuou a olhar para mim com uma expressão de suspeita idiota e com raiva.

Comecei a ser invadido por um sentimento muito familiar dos meus tempos de garçom, de ser a única pessoa sã num hospício. Não faz você se sentir superior, mas deprimido e assustado, porque você não pode ter contato com ninguém ali. Foi nesse exato instante que decidi ir embora para casa.

Falei: “Olha, Al, preciso acordar cedo amanhã. Acho que vou indo”. Então me levantei e tomei o caminho de casa.

Quando estava passando pelo Tony Pastor’s, vi Pat, a segurança lésbica, jogando um marinheiro bêbado pela porta no meio da rua. O marinheiro falou: “Este lugar só tem essas porras dessas bichas”. Ele voou no ar e quase caiu de cara, então foi embora mancando, resmungando sozinho.

Andei até a Seventh Avenue, depois até a rua Cristopher, para comprar o jornal da manhã. Na volta, vi uma discussão em frente ao George’s, então atravessei a rua para ver o que estava acontecendo.

O proprietário estava na porta discutindo com três pessoas que ele acabara de expulsar do lugar. Um dos homens dizia: “Eu escrevo artigos para o *Saturday Evening Post*”.

O proprietário dizia: “Não me interessa o que você faz, Jack, não quero você no meu estabelecimento. Agora some”, e partiu para cima do grupo. Eles se mandaram, mas quando o proprietário se virou para entrar, o homem que escrevia para o *Saturday Evening Post* foi para a frente de novo e todo o processo se repetiu.

Quando eu saí, o proprietário estava dizendo: “Por que vocês não vão para outro lugar? Existem muitos outros lugares em Nova York”.

Tive a sensação de que em todo o país essas discussões idiotas aconteciam nas esquinas, nos bares e restaurantes. Em todo o país as pessoas estavam tirando credenciais dos bolsos e as esfregando no nariz umas das outras para provar que tinham estado em algum lugar ou feito alguma coisa. E pensei que um dia todos neste país iam se levantar de repente e dizer: “Não aguento mais

esta merda!” e começariam a se empurrar, a se xingar e a agarrar a pessoa ao lado.

10. Mike Ryko

Às dez da manhã da quinta-feira Phillip jogou um copo d'água na minha cara e disse: “Vai, levanta”.

Eu dormia no sofá, todo vestido, e Janie no quarto. Phillip já tinha tomado banho, se penteado e estava pronto para sair.

Mesmo fortalecido por uma xícara de café e um sanduíche de churrasco grego, eu ainda me sentia meio sonado quando chegamos ao prédio do sindicato.

Estavam chamando toda uma tripulação de convés assim que entramos no edifício. Corremos até o guichê e mostrei meu cartão com mais outros seis marinheiros. Eram apenas sete cartões para nove vagas, portanto finalmente eu tinha certeza de que conseguiria uma. Mas o controlador de embarque recusou dois, e um deles era o meu.

“O que diabos há de errado com o meu cartão?”, berrei pela grade.

“É!”, outro marinheiro quis saber.

“Ontem à noite teve um encontro”, disse o controlador, “e vocês não compareceram. Da próxima vez se informem do encontro, companheiros.”

Peguei o cartão de outro candidato no guichê e olhei atrás. Estava carimbado: “Compareceu ao encontro. 26 de junho, 1944”.

Voltei ao banco para sentar e praguejar.

Phillip ficou parado na minha frente: “Bom, e o próximo passo?”, perguntou.

Olhei para ele um pouco desolado e então falei: “Precisamos bolar alguma coisa”.

Sentamos ali e ficamos pensando um pouco, então resolvi fazer algo que eu sabia que daria certo. “Vamos”, disse a Phillip, e levei-o a um dos escritórios do fundo.

Havia um funcionário do sindicato sentado ali, falando ao telefone. Apoiei as mãos na escrivaninha dele e esperei até ele prestar atenção em mim. Continuou falando mais dez minutos e só então desligou.

Eu disse: “Olha, companheiro, eu estava quase conseguindo uma vaga quando o controlador recusou o meu cartão dizendo que ele não tinha o carimbo do encontro de ontem à noite. Isso quer dizer que não vou conseguir mais embarcar?”.

“Isso quer dizer, companheiro, que você precisa ficar no guichê das vagas em aberto.”

“Bem, nenhum de nós” — eu me virei e apontei para Phillip — “poderia ter comparecido ao encontro de ontem à noite porque estávamos em Washington. Ficamos lá alguns dias em frente ao Senado e à Câmara durante os debates sobre a lei Pillsbury do pós-guerra. Você imagina, fomos beber e resolvemos ficar...”

“O que vocês acharam dos debates?”, interrompeu o funcionário.

“Puxa”, falei, virando para Phillip, “Phil e eu nunca tínhamos visto nada parecido. Ficamos indignados de ouvir aqueles democratas do Sul, reacionários filhos de uma puta, como John da Geórgia e Banken do Mississippi, fazendo discursos contra uma lei como a de Pillsbury.”

O rosto do funcionário do sindicato mostrou um breve sorriso. Eu ia dizer mais alguma coisa quando o telefone tocou. O funcionário falou por um minuto, depois desligou e retomou a conversa. “Então, como eu ia dizendo...”

“Vamos ver esses cartões”, interrompeu ele esticando a mão. Demos os cartões e ele os carimbou.

“Obrigado”, eu disse muito sério, como um companheiro que o sindicato tira da cadeia pagando a fiança após uma greve.

Sáimos andando. Olhei para os cartões. Estavam carimbados “Compareceu ao Encontro, 26 de junho, 1944”.

“Essa foi muito boa”, Phil disse.

“Psicologia”, falei, “é que eles querem ter o máximo possível de liberais nos navios, para espalhar o dogma e converter os vagabundos mais singelos em porta-vozes da classe trabalhadora. O que ele está nos dizendo na prática é ‘espalhem isso por aí, rapazes’.”

Encontramos Ramsay Allen nos procurando no saguão e contamos a ele sobre o funcionário do sindicato. Al aprovou com a cabeça. Então, enquanto Phillip estava comprando cigarro no saguão, perguntei a Al o que ele ia fazer com os cartões em branco.

“Não vou fazer nada”, ele respondeu. “Phillip disse que não me deixaria entrar no mesmo navio que ele. Não adianta.”

Dei de ombros e passei a me sentir melhor.

Phillip voltou e ficamos por ali olhando o painel de embarque.

“Já posso sentir”, eu disse a Phillip. “Entre hoje e amanhã vamos conseguir nosso navio.”

Al ficava olhando para Phillip o tempo todo, e Phillip não prestava a menor atenção nele. Por fim disse a Al: “Por que você não vai tentar arranjar dinheiro em vez de ficar aqui a tarde inteira?”.

Al disse: “Certo, é uma ideia. Eu poderia ir fazer a caiação para a senhora Burdett”.

“Pois então vá”, disse Phillip, e Al foi embora no mesmo instante.

Phil e eu almoçamos só um pouco, bebemos algumas cervejas no Anchor Bar, esperamos as vagas no sindicato, lemos, cochilamos nos bancos, e finalmente era outra vez quase hora de fechar. Deixamos passar várias vagas em navios-tanques pois queríamos um cargueiro. Os navios-tanques que iam à França ancoravam em alto-mar e não conseguiríamos fugir.

Al voltou pouco antes das cinco e nos mostrou uma nota de dez.

“Ora, ora”, Phillip disse, “não vá me dizer que você fez mesmo aquilo.”

Al nos mostrou os recibos de dois pequenos brilhantes que tinha posto no prego. Phillip quis saber onde Al havia arranjado os brilhantes.

Al disse: “Fiz um serviço de pintura para a senhora Burdett enquanto ela passeava com o cachorro, e encontrei na gaveta da penteadeira. Nenhum dos dois gatos dela estava olhando para mim”.

“Você quer dizer aquela senhora Burdett velhinha de Memphis com quem você sempre vai tomar chá quando está sem dinheiro?”

“Essa mesma”, disse Al, “é uma velha amiga da família.”

“Ora, meus parabéns”, disse Phillip. “Agora vamos gastar isso aí.”

“Nada de navio ainda?”, Al indagou animado.

Phillip disse: “Amanhã vai ser outro dia”.

Paramos antes no Anchor Bar e cada um tomou um uísque com soda. O lugar estava repleto de marujos que tinham conseguido vaga aquele dia e que estavam bebendo e se preparando para longas viagens.

Resolvemos ir assistir a um filme francês na Times Square e pegamos o metrô. Quando chegamos lá, ficamos procurando até achar um lugar de espaguete italiano e entramos.

Al e eu pedimos duas garrafas de cerveja e Phil pediu um xerez. Ele havia trazido a *P.M.* e olhava o mapa militar enquanto bebia seu xerez e conversava sobre o fronte. Aí chegou nosso espaguete. Fui até o caixa e peguei um pote grande de páprica para colocar no meu molho de carne.

Depois que terminamos de comer, Phil empurrou a páprica até Al pela mesa e disse bem alto: “Vamos lá, Allen, vamos ver se você é capaz de comer uma colherada dessa coisa que o Keats comia”.

Al disse: “Olha, não sei não”.

“Ela dá uma limpada no estômago”, Phil estava dizendo, de um modo que até as pessoas da outra mesa ouviram. “Vai ser bom para a sua úlcera. Se o Keats comia, por que você também não come?”

Então Al pegou uma colher grande dessas de comer espaguete e jogou páprica nela. Depois engoliu tudo e deixou dentro da boca. Seus olhos começaram a marejar e ele tentando sorrir.

“Aqui”, disse Phillip, “empurrando um copo d’água sobre a mesa, “engole com água. Fica pior ainda.”

Dei a Al um pouco de pão e falei: “Engole o pão, que ajuda a descer a pimenta”.

“Água piora”, Phillip insistiu. “Pão já é uma concessão.”

Então Al bebeu a água, e as lágrimas corriam por suas faces, de tanto que ele queimava. Às vezes balançava a cabeça e dizia: “Fuuuu!” e sorria para Phillip. Era muito irritante, e insisti que Al pegasse o pão.

“Isso não vai levar a nada”, falei, mas eles não ouviram.

Então Al continuou falando “Fuuuu!” e sorrindo para Phillip, como um idiota que estivesse queimando na fogueira e balançasse a cabeça, dizendo para o seu torturador: “Rapaz, isso dói”.

Por fim o incidente de certa forma passou. Nos levantamos e Al pagou a conta.

Quando estávamos saindo, Phillip pegou na vitrine um longo fio de macarrão do mostruário da cozinha e levou embora como uma bengala. Quando estávamos na calçada, colocou a ponta do fio na braguilha e ficou igualzinho a um jorro de mijo claro. Os homens que passavam naquela hora agitada ficavam olhando até perceberem que era só macarrão, e seguiam adiante sem parar. As mulheres viravam a cabeça e fingiam não notar. Phillip andou até o Apollo Theater segurando aquilo preso na braguilha e parecendo um cara que estivesse mijando enquanto andava.

Al comprou os ingressos e entramos no Apollo Theater. Subimos até o balcão para poder fumar enquanto assistíamos ao filme.

Geralmente tem um grupo de bichas no reservado à direita do balcão, metade do tempo olhando o filme e a outra metade os assentos do balcão, em busca de bons candidatos. Elas estavam ali lançando aqueles olhares de lado para nós enquanto subíamos a escada, quando Phillip correu até a caixa de areia e começou a segurar o macarrão na braguilha, mexendo-o na areia como se estivesse regando o cinzeiro com mijo. As bichas se mandaram dali feito camarões-de-água-doce.

Descemos, pegamos lugares na primeira fila do balcão e acendemos nosso cigarros.

Port of Shadows é sobre um desertor do exército francês que está no Havre, tentando fugir do país. Está tudo pronto, ele já conseguiu o passaporte e arrumou um navio, quando tem a ideia de voltar para ver sua garota mais uma vez antes

de partir. O resultado é que um gângster atira nele pelas costas e o barco vai sem ele. A última cena mostra o barco saindo de Le Havre sem ele.

Durante a exibição do filme, Al, que se sentara entre Phillip e mim, ficou muito quieto. Quando acabou, virei para ele e perguntei o que ele tinha achado.

“É o melhor filme que eu já vi”, disse, e notei seus olhos úmidos.

Sentamos para ver outro filme, um inglês, e no meio Al saiu e voltou cinco minutos depois com três caixinhas de achocolatado gelado. Phillip pegou a sua e bebeu de uma vez sem falar nada. Agradei a Al pela minha.

Depois do cinema, saímos e andamos em direção à Eighth Avenue para beber alguma coisa.

Na esquina da Eighth Avenue com a rua 42, um velho magrinho de cabelos brancos estava parado no meio da calçada olhando para o céu de mãos postas. De vez em quando, alguém parava ao lado dele e também olhava para cima. Quando viam que não havia nada lá, saíam andando sem nenhum comentário ou mudança de expressão. A maioria simplesmente passava e não reparava nele. Acho que ele estava rezando.

Entramos num bar na Eighth Avenue perto da rua 43. Havia algumas figuras sebetas e sombrias em ternos escuros, um jogador com uma gravata chamativa e um anel de diamante, várias putas, um punhado de bichas e uma multidão de soldados. Naquele cenário os jovens recrutas pareciam gritantemente deslocados, como se houvessem invadido um país estrangeiro ou alguma ruína.

Ficamos ali um pouco, bebendo cerveja porque não queríamos ficar bêbados, depois saímos e pegamos o metrô até a Washington Square. Al nessa altura ficou um pouco inquieto, pois sabia que não seria bem-vindo ao apartamento 32.

Quando chegamos lá, encontramos Janie e Barbara. Elas haviam acabado de tomar uma xícara de café na Waldorf Cafeteria, depois de horas esperando por Phillip e por mim, e agora estavam de mau humor.

“Onde diabos vocês se meteram?”, Janie quis saber.

Sentei-me na poltrona com o gato no colo, Phil ficou no sofá ao lado de Barbara, e Al no pufe branco no meio da sala, sorrindo para todo mundo. Quando Janie foi à cozinha dar comida para o gato, Al se ergueu num salto e disse: “Posso ajudar?”.

Liguei o rádio bem alto numa música dançante, porque todo mundo estava chato e tenso. Barbara estava magoada e Phillip folheava um exemplar de *Santuário*, do Faulkner. Deitei no outro sofá e comecei a tirar uma soneca.

Acordei a tempo de ouvir Janie berrando: “Vai embora!” e jogando um livro em Al. Pegou no ombro dele. Barbara já tinha ido embora e Phillip estava esticado no sofá. Janie entrou no quarto e bateu a porta.

Al olhou para Phillip sem entender.

“Vá você também”, Phillip disse.

Al disse: “Certo, boa noite”, e foi embora do apartamento.

Entrei no quarto e fechei a porta.

“Esse aí fora”, Janie disse quando comecei a tirar a roupa, “é melhor você ficar de olho.”

“Quem?”

“O senhor Phillip.”

“O que tem ele?”

“Você sabe muito bem por que ele quer ficar no mesmo navio que você, não sabe?”

Joguei as calças na poltrona e falei: “Não, por quê?”

“Porque ele é veado e está a fim de você.”

“Como é que é?”, perguntei.

“Não me venha com esse ‘como é que é’. Quando ele agarrar você uma noite no navio, aí você vai saber do que eu estou falando.”

Suspirei, balancei a cabeça, lancei a ela um olhar piedoso.

Ela disse: “Ramsay Allen conhece ele melhor do que você, então vai dando uma de sabichão”.

“Você está louca.”

“Você já está morando comigo há um ano, jurou que a gente ia se casar, eu dou dinheiro na sua mão e agora você começa a andar com um bando de bichas e não volta pra casa à noite.”

“Então é ele quem está buzinando no seu ouvido”, falei. “Ramsay Allen. Você não sabe que ele é capaz de qualquer coisa para impedir essa viagem?”

Janie começou a berrar. “Já estou vendo você daqui a pouco virar bicha. Talvez até já seja.”

Falei: “Por que você acredita no que o Al disse?”

“Você está ficando naquela puta da Helen, você dá dinheiro pra ela, mas pra mim você nunca dá coisa nenhuma.”

“De onde você tirou *isso*?”

“Você acha que sou idiota”, disse ela. “Acha que não sei o que está acontecendo aqui.”

“O quê?”

“Você vai para Reno com o Dennison, que é jogador, isso sim. Você acha que vai se livrar de mim desse jeito, mas você não vai sair dessa fácil.”

Eu disse: “Ah, pelo amor de Deus”.

Então virei depressa de lado quando ela veio com o joelho no meu saco. Ela continuou com um soco de lado no meu rosto, com os nós duros de seus dedos ossudos. Então devolvi com uma palmada.

Havia uma mesinha ao lado da cama com um cinzeiro lotado de bituca e cinza, e livros, papéis, um despertador, copos vazios, vidros de perfume, cortadores de unha, um baralho e uma lata de talco. Janie bateu na quina da mesa a caminho do chão, deslocando-a de tal modo que todo esse conteúdo caiu em cima dela. Ela estava deitada ali cuspidando bitucas de cigarro, com a cara coberta de cinza e talco e o vestido abaixo dos joelhos.

“Seu filho da puta!”, gritou. “Você acaba com a minha beleza!”

Então fui para o outro quarto.

Phillip estava sentado no sofá. “Querido”, disse ele em voz alta, “não consigo mais disfarçar o meu amor.”

Falei: “Cala essa boca, pelo amor de Deus”.

Do quarto podíamos ouvir soluços.

Pouco depois voltei para Janie. Ela ainda estava sentada no chão, então levantei-a até a cama e comecei a beijá-la.

Minutos depois ela se levantou e tratou de recompor a aparência. Voltou para a cama comigo e disse: “Quando você voltar dessa viagem, vamos arranjar outro apartamento”.

Na manhã seguinte Phillip e eu conseguimos acordar bem cedo, e Janie, agora de bem, fritou bacon e ovos para o café da manhã e nos mandou embora. Ela passaria o dia faxinando o apartamento.

Pouco antes do fim do expediente no sindicato, Phil e eu conseguimos nosso navio. Era o *S. S. Harvey West*, um navio aliado que estava ancorado em Hoboken.

“Apresentem-se amanhã cedo às oito horas”, disse o funcionário, “e tragam todas as suas coisas.”

Voltamos ao escritório e pegamos nossos contratos.

“Bem”, disse Phillip, “é isso aí.”

“É”, falei, “vamos comemorar.”

11. Will Dennison

Sexta à noite, depois do trabalho, encontrei Helen e voltamos ao meu apartamento. Mas Al, Phillip e Ryko me esperavam na porta. Disse olá para Al e olhei com desprezo para Mike e Phillip, sem dizer nada.

Phillip disse: “Então, nós embarcamos amanhã. Estamos registrados num navio e devemos nos apresentar amanhã cedo no cais do porto”.

Falei: “Posso acreditar dessa vez? Estou cansado dessas partidas abortadas”.

“Com certeza. Agora, já que vamos embora, você não quer fazer um gesto de generosidade e nos levar para jantar?”

“Se eu tivesse certeza de que vocês realmente estão indo, eu os levaria ao Colony, mas como não tenho certeza vamos fazer uma concessão e comer aqui mesmo.” Comecei a subir a escada com Helen e todos vieram atrás.

Helen sentou-se na espreguiçadeira antes que Phillip pudesse fazer isso. Fui até a escrivaninha e peguei um pedaço de papel. “Vou fazer uma lista”, disse.

“Que tal uns bifês?”, Al perguntou. “Vi uns na Bleecker Street.”

“Certo”, eu disse. “E traga uma garrafa de Dubonnet e água com gás.” Anotei todos os itens. “Um pouco de parmesão, pão italiano, manteiga, maçãs, e não se esqueça de trazer um pouco de gelo para o Dubonnet.” Dei a lista para Al.

“Que tal rum?”, sugeriu Phillip.

“Não”, falei. “Dubonnet é melhor no verão. Além disso, não quero gastar muito.”

Phillip disse: “Não seja tão burguês, Dennison. Afinal de contas, embarcamos amanhã. Talvez você não nos veja nunca mais”.

“Eu sou o Rimbaud burguês do fim da vida”, falei. “E se não voltarem mais, vou sempre lembrar de vocês assim como estão agora.”

Dei dez dólares para Al. Phillip começou a vasculhar minhas gavetas e disse que queria vestir uma bermuda.

“Isso”, disse Al, ficando de pé num salto com um rangido das articulações que deu para ouvir, “que ideia maravilhosa!”

Fiquei de olho em Phillip até que ele pescou duas bermudas que eu usava para fazer ginástica. Deu uma para Al, e os dois se trocaram ali mesmo na sala.

Helen disse: “Não se incomodem comigo, camaradas”.

Falei: “Vocês estão pensando em sair na rua vestidos assim?”.

Al disse: “Claro”.

Virei para Ryko. “É melhor você pegar os dez dólares e fazer as compras. Esses dois imbecis vão acabar presos por atentado ao pudor.”

Ryko pegou os dez dólares e a lista de compras e foram todos embora. “Não esquece o gelo”, falei quando estavam saindo.

Dediquei toda a atenção a Helen, mas ela ficou falando que eles iriam voltar logo, eu disse que eu não ligava, mas ela disse: “Eu sei que não”, toda pudica, e eu desanimei.

Phillip voltou alguns minutos depois trazendo o vinho numa sacolinha.

Eu disse: “Cadê o gelo? Cadê a água com gás? Não dá para beber isso sem água com gás e gelo”.

Phillip disse: “Ah, mandei o Al comprar o gelo. Vem em blocos grandes, você sabe. Ryko está trazendo o resto das coisas”. Ele estava bisbilhotando nas minhas gavetas. “Onde diabos está o saca-rolhas?”

Disse a ele que não tinha, que ele teria de pedir emprestado à proprietária, e então ele foi lá em cima.

Alguém chutou a porta. Fui abrir e era Ryko com sacolas nos dois braços. Ele disse: “Meu Deus, fiquei envergonhado de andar com esses dois vestidos assim. Achei que os italianos da Bleeker Street iam fazer alguma coisa. Ficaram assobiando para eles.”

Comecei a abrir as sacolas e a tirar as coisas. Vieram vários bifes bonitos e grossos, um pouco de parmesão, fresco e úmido, um saquinho de maçãs, um pão italiano grande. Tirei as maçãs e disse: “Isso vai ficar muito bom com queijo”.

Ryko estava sentado no sofá e falou: “É”.

Phillip voltou com o saca-rolhas. Eu disse: “Deixa que eu faço isso”, e pus a garrafa entre os joelhos e a abri, fazendo um barulho alto de estouro.

Phillip disse: “Al ainda não veio com o gelo? O que há de errado com ele?”.

Helen estava sentada fumando, com as pernas cruzadas de um jeito que dava para ver suas coxas. Sentei-me e passei a mão em sua perna. Phillip pediu a ela um cigarro e ela lhe deu, segurando o maço com o braço esticado. Ele pegou e disse: “Obrigado”. Ela não respondeu e virou a cabeça.

Nesse momento, Al entrou, empurrando a porta entreaberta com o ombro, correu até a pia e deixou cair um grande pedaço de gelo embrulhado em jornal. Ele ficou ali esfregando as mãos adormecidas uma na outra. Então tentou de brincadeira encostar as mãos frias em Phillip, que se esquivou.

Falei: “Cadê a água com gás?”.

Ryko se levantou e disse que ia sair e comprar. Então fui até a pia, piquei o gelo com uma faca de ponta que eu usava para tudo e coloquei gelo em cinco

copos. Depois servi uma dose de Dubonnet em cada um. Quando terminei de fazer isso, Ryko tinha voltado com a água. Completei os copos com água com gás.

“Sirvam-se”, falei e peguei para mim o copo com mais Dubonnet. Peguei também um copo para Helen. Eu estava com sede depois de trabalhar o dia inteiro, e enchi novamente meu copo antes que os outros sequer tivessem começado a beber.

Fiz uma pausa em meu segundo copo e disse: “Quem vai preparar os bifes?”.

Al disse que cozinhará. Havia um fogão a gás no corredor do andar de cima.

Phillip disse: “Mãe Allen é tão prestativa”. Então ele pegou um bife sem nenhum papel em volta e ficou acenando da porta com o bife enrolado na mão.

Al pegou os outros bifes e um pouco de manteiga e foi atrás dele.

Terminei minha bebida e me servi outra dose. Ryko estava lendo T. S. Eliot no sofá, e comecei a agarrar Helen, passando a mão em sua perna. Ela estava sem meias, mas parou a minha mão antes que eu conseguisse chegar em cima.

Alguns minutos depois, Phillip desceu e se sentou no chão com o seu *Europa*.

Falei: “Você precisa ler a cena do chicote desse livro. É a única coisa que presta”.

Ryko perguntou: “Al ficou sozinho lá em cima?”.

Phillip disse: “Como é que eu vou saber? Eu não estou lá, estou?”.

Ryko se levantou.

“Aonde você vai?”, perguntei.

Ele disse: “Acho que vou subir e ajudar”, e saiu.

Um minuto depois Phillip fechou o livro e voltou lá para cima.

Servi um pouco de Dubonnet para Helen e bastante para mim. Eu queria ter certeza de que estava bebendo muito.

Finalmente, Ryko desceu com o primeiro pedaço de carne num prato. Colocou-o no braço da poltrona e falou: “Não ficou um tesão?”, e eu disse: “Ficou”.

Não vi nenhuma faca à mão, e minha faca de ponta não é afiada o bastante para cortar nada, então rasguei um pedaço de bife para Helen e um para mim. Ryko também rasgou um pedaço, e começamos a comer. O meu estava sem sal, então fui buscar um pouco de sal em cima da geladeira.

Enquanto eu pegava o sal, desembulhei o pão e arranquei um pedaço, então ofereci o filão a Helen e Ryko com uma das mãos, enquanto mordia meu pedaço segurando com a outra. Estava me sentindo um pouco tenso e com muita fome.

Nesse instante, Al e Phillip chegaram, Al trazendo uma frigideira grande com dois bifes ainda fritando lá dentro. Colocou a frigideira sobre um prato para

esfriar. Depois preparou uma bebida para Phillip e ofereceu a ele.

Quando a frigideira esfriou, Al colocou-a no chão e ele e Phillip se sentaram de pernas cruzadas um em frente ao outro com os bifes entre si. Então Phillip começou a rosnar feito um leopardo, pegou um pedaço grande de bife e o rasgou com os dentes. Al tentou alcançar o bife de Phillip, e Phillip deu uma patada com a mão, rosnando e rangendo. O sangue do bife começou a escorrer pelo queixo deles e a pingar em suas pernas.

Falei a Ryko: “Já viu aqueles documentários da *Life*, do leão que mata o irmão por causa de um pedaço de bife? Primeiro jogam o bife na jaula, aí um deles pega com os dentes e arrasta pra um canto, aí o outro leão vai em cima e tenta pegar o bife, e o primeiro dá-lhe uma pancada na cabeça — quebra o pescoço dele. A cena final é o leão deitado com as patas para cima”, e coloquei as mãos assim no ar e balancei mostrando como o leão tinha morrido.

Ryko disse: “É mesmo? Deve ter sido ótimo”.

Agora eu via que era melhor eu entrar no jogo do leão se quisesse conseguir o meu bife, então comecei a rosnar e a ranger os dentes e arranquei um pedaço. Todo mundo, exceto Helen, estava rosnando, e acho que Phillip rosnava melhor.

O bife acabou, então eu trouxe o queijo, o pão italiano e as maçãs, o que é uma combinação maravilhosa. Em seguida nos sentamos e acendemos os cigarros e terminamos quase todo o Dubonnet.

Helen estava sentada no meu colo e comecei a ter uma ereção. Ryko ficava olhando para as pernas dela do outro lado da sala.

“Você é um doce”, eu disse no ouvido dela.

Ficamos sentados ali mais um pouco, até que Helen se levantou e disse que precisava voltar para o Queens, puxando o vestido para baixo e o ajustando com a mão para deixá-lo liso de novo.

“Deixe a porta aberta”, Al disse. “Precisamos de um pouco de ar aqui dentro.”

No corredor perguntei se Helen se encontraria comigo segunda à noite no Chumley’s, e ela disse “Sim, se você for sozinho”, e desceu a escada.

Voltei para a sala e comecei a andar em círculos. Estava com meu velho paletó listrado com um buraco no cotovelo do tamanho de uma moeda de dez centavos. Phillip de repente enfiou o indicador no buraco e o rasgou inteiro, desde o cotovelo. Então Al pulou como um chacal e começou a arrancar o paletó das minhas costas. O casaco era tão velho que rasgou feito papel. Logo virou um trapo pendurado em mim.

Então tirei o que sobrou do casaco, me sentei e comecei a ligar as peças até formar uma corda comprida. Phillip me ajudou e depois Al começou a fazer

mesmo. Fizemos uma corda comprida com o casaco inteiro e amarramos na sala como uma grinalda. Nós quatro nos sentamos ali e ficamos olhando aquilo.

Depois disso, Phillip quis sair e beber num bar. Resolvi não ir junto, porque eu sabia que a conta ia sobrar para mim. Ryko falou que queria ir à zona e Phillip disse: “Isso, Dennison, por que você não nos oferece uma putaria?”.

Falei: “O que há de errado com vocês, meus jovens camaradas? Não conseguem mulher? — todas aquelas universitárias da Washington Square com tesão melado escorrendo pelas pernas. Ora, quando eu tinha a idade de vocês eu era um touro novo. Se eu estivesse aí para isso, era capaz de contar umas histórias que iriam deixar vocês de pau duro”. Manquei como um velho, cutuquei Phillip nas costelas e cacarejei.

Então me empertiguei, parei de fazer o velho e disse a ele: “Por que você não fica com a Barbara?”.

“Não sei, não. Ela é virgem.”

Al disse: “Bem, Phillip, eu não acho que você quer ficar com ela”.

Phillip olhou para Al. “Não é isso. Ela não sabe o que ela quer. É muito confusa.”

Ryko falou do outro lado da sala: “Você já está com ela há meses. Por que simplesmente não trepa com ela?”.

Al ignorou esse comentário e olhou sério para Phillip. “Não entendo por que você tem sempre enrosocos emocionais complicados com as mulheres. Por que você não toma uma atitude mais simples com elas?”

É, pensei comigo, por que não nos livramos de uma vez das mulheres.

Em voz alta eu disse: “Al está certo, meu rapaz”. Falei com um tom de voz de Lionel Barrymore. “As mulheres, Phillip, são as raízes do mal.”

Ouvimos risos abafados no corredor, e uma nota de um dólar toda amarrotada voou pela sala, indo cair aos pés de Ryko.

“Dinheiro para as putas”, disse uma voz de menina.

Ryko falou: “E a Janie”. Ele ficou de pé num salto. “E a Barbara também.” Ele foi até a porta e ouvimos passos descendo a escada. “Aonde vocês vão?”, Ryko berrou. “Ei!”

Phillip e Al estavam de pé. Al olhava indeciso para Phillip. Ryko estava no corredor lá fora e um momento depois ouvimos ele berrar: “Ei, Phil, vamos antes que elas escapem. Elas já estão fugindo pela rua”.

Phillip se foi porta afora e Al correndo atrás dele. Levantei e me encaminhei até o começo da escada.

Phillip se esgoelava para Ryko ouvi-lo lá da porta da rua. “Está vendo as meninas?”

Ryko berrou de volta: “Não, não estou mais vendo. Elas foram para a Seventh Avenue”.

Al disse: “Bem, se elas já foram, melhor esquecer”.

Phillip se virou irritado: “Vá para o inferno, bicha velha”, disse e começou a correr escada abaixo.

Al hesitou por um momento sem olhar para mim, depois correu atrás dele saltando vários degraus de uma vez.

Voltei para a sala e fui até a janela. Ryko estava na esquina de baixo, berrando para Phillip se apressar. Então desapareceram, virando a esquina, e eu vi Al indo atrás, veloz, com seu passo largo, decidido.

Terminei o último dedo de Dubonnet, fechei a porta, e me sentei na poltrona para fumar. Estava pensando em escovar os dentes, quando a campainha tocou. Eram Phillip e Al.

Phillip disse: “Que tal você me emprestar cinco dólares?”

“Para quê?”, perguntei.

“Para eu pegar um táxi e ir atrás daquelas duas vacas.”

“Bem”, falei, “sinto muito, Phillip, mas você me pegou numa hora ruim.” Tudo aquilo me parecia uma tolice e não gostei do tom de voz dele, que foi bastante autoritário.

Ele disse: “Você tem. Vai, me dá”.

Respondi, frio e seco: “Sinto muito”.

Ele viu que eu estava falando sério e se levantou. “Bem, já que você não vai me emprestar, acho que vou ter que conseguir de algum outro jeito.”

Falei: “Provavelmente”.

Al ficara sentado ali o tempo todo sem falar nada. Phillip saiu andando, e Al me deu boa-noite da porta.

12. Mike Ryko

Phillip e Al voltaram do Dennison e Phillip disse que não conseguiu nenhum dinheiro emprestado com ele. Eu estava sentado na cama da Betty-Lou, conversando com ela e admirando sua camisola que parecia oriental. Eu vinha contando a ela como era infeliz com Janie, e a toda hora pegava em sua mão.

“Bem”, falei, “vamos voltar para o George’s. Elas podem estar lá.”

“Quem vocês querem encontrar?”, Betty-Lou perguntou.

“Umas amigas”, falei, me levantando da cama.

Al começou a conversar com Betty-Lou, e ela estava prestes a sair da cama e dar uma de anfitriã quando Phillip saiu pela porta e Al e eu o seguimos.

Encontramos Barbara vagando pela Seventh Avenue.

“Cadê a Janie?”, Phillip perguntou. “O que você está fazendo?”

Barbara estava um pouco bêbada e respondeu: “George’s”, então fomos todos ao George’s e lá estava Janie, com um marinheiro lhe pagando uísques com soda. Ambas, tanto Barbara quanto Janie, estavam usando suas melhores roupas, ambas um pouco bêbadas.

“Filho da puta”, foi a primeira coisa que Janie me disse, e depois pedimos algumas bebidas e resolvemos sair correndo para o Minetta’s.

O marinheiro ainda estava ali esperando. Ele olhava para mim: “Explica essa história”, ele disse.

“Ela é minha esposa”, falei, e saímos todos.

No caminho para o Minetta’s Al teve que andar um pouco atrás de nós porque Janie e Barbara não queriam deixar ele vir junto. De modo que ele só foi nos seguindo, em seu passo largo, galopante, feito uma sombra.

Chegamos ao Minetta’s e nos sentamos em duas mesas diferentes. Janie não queria deixar Al se sentar com ela, e Barbara tinha ficado na mesa do Joe Gould com outras cinco ou seis figuras do Minetta’s, então Al ficou numa mesa sozinho.

Phillip estava ao lado de Barbara e às vezes apoiava a cabeça em seu ombro. Então ele se cansou da conversa ali e caminhou sozinho até o balcão, deixando Barbara com Joe Gould e os outros.

Janie e eu ficamos ali sentados numa espécie de silêncio emburrado. Eu estava chateado com ela por não deixar Al ficar conosco. “Bicha maldita”, ela dizia. “E daí, ele é um ótimo sujeito”, e ela respondia: “Cala a boca, sua bicha”.

Então Phillip veio do balcão com um copo na mão e sentou-se com Janie e comigo. Al hesitou um pouco por ali e eu dei um sorriso encorajador para ele. Ele se esgueirou lentamente e começou a puxar uma cadeira para perto de Phillip.

“Ei, você, sai daí”, Janie disse, e Al recuou e foi até o balcão. Mas um minuto depois ele estava de volta, rondando nossa mesa como um garçom aflito.

Ninguém disse nada de muito especial, exceto Barbara, que parecia estar adorando ouvir Joe Gould e participar do sugestivo diálogo à sua volta.

Então Phillip quis ir para outro lugar, e Janie quis ir para casa, embora eu quisesse ficar e beber o bar inteiro. Janie estava com muito dinheiro, ela havia acabado de receber um cheque. Finalmente começamos a nos levantar, mas aí o Phillip sentou de novo, então corri para o balcão e pedi mais algumas bebidas.

Nessa altura, uns tipos saíram correndo do Minetta em bando para a alameda Minetta, e um balé começou em frente ao bar. Phillip saiu e sentou-se para assistir, de pernas cruzadas no meio da ruazinha. Al sentou-se ao lado dele cruzando as pernas do mesmo jeito para assistir também, virando-se às vezes para comentar alguma coisa com Phillip.

Enquanto isso, Janie e eu bebíamos mais, e então chegou um cara e começou a conversar com Janie sobre a arte dele. Ele encontrou uma ouvinte receptiva, porque Janie também pintava um pouco, e logo ele a estava convidando para conhecer seu estúdio e ver sua obra cubista. Ela aceitou. Aí o artista ficou muito desconcertado, porque Janie chamou Phillip, Barbara e eu para irmos juntos ao estúdio do cara.

Então a tropa seguiu para lá com Al feito uma sombra atrás de nós descendo a rua. Mais um bando de gente se juntara a nós de alguma forma, e quando chegamos ao estúdio do artista havia pelo menos dez pessoas, inclusive Joe Gould e sua bengala.

Primeiro alguém ligou o rádio e algumas pessoas começaram a dançar. Janie e eu entramos num quarto e começamos a nos agarrar numa cama, então ela disse que podíamos transar também. Mas eu não queria, porque todo mundo ficava entrando para passar para o outro quarto. Então apareceu um monte de caixas de cerveja, e Janie e eu saímos para a sala do estúdio e pegamos duas cada um.

Voltamos ao quarto e começamos a beber a cerveja. Comecei a agir feito bobo, subindo no parapeito, e logo vi Al escalando pelo lado de fora, entrando

pela janela. Ele havia saído para tentar encontrar Phillip e não conseguira entrar de novo, porque a porta estava trancada lá embaixo.

“Cadê o Phillip?”, perguntei.

“É o que eu gostaria de saber”, ele disse.

Pus a cabeça pela janela aberta para ver como Al tinha conseguido fazer aquilo: o estúdio era bem em cima do clube Swing Rendezvous, e Al havia subido pela marquise.

Nesse meio-tempo, Barbara estava no outro quarto agarrando-se com o artista, enquanto Joe Gould estava sentado numa cama com uma garota de cabelos escuros e calças largas. Ele conversava com ela apoiando o queixo no punho da bengala. Por fim Barbara saiu do quarto toda desarrumada e foi ao espelho. “Ele pediu para isso acontecer”, disse ela a Janie, “e aconteceu.”

O artista lançava olhares para Barbara, então ele veio até mim e falou: “Eis uma jovem que esteve muito perto de ser levada para a cama”.

Demonstrei o espanto apropriado e fui à sala do estúdio para olhar o trabalho do cara. Al estava abrindo todas as portas do lugar, à procura de Phillip. Abria até as portas do armário e metia a cabeça dentro.

Em toda a parede do estúdio havia pinturas penduradas do artista. Todas de cores vívidas e formas rígidas, como cubos, quadrados e círculos.

“O que você achou delas?”, perguntei a Janie, e ela disse que as cores eram boas.

Então, sabe-se lá como, Phillip reapareceu e resolvemos voltar ao Minetta’s. O artista, nesse ínterim, foi ficando muito grosso com todo mundo, até que por fim abriu a porta para todos saírem.

Começamos a fazer fila para ir embora, e conforme passávamos, o artista ia nos lançando um insulto atrás do outro. Referiu-se à barba benfeita de Barbara, chamou Al de bicha e por fim virou-se para pegar um gato que passava pelo corredor. Pegou-o pelo rabo e o atirou escada abaixo, mas o gato caiu de pé e se mandou dali. Voltei até o artista e falei: “Agora eu vou te bater por isso”, mas como ele não ouviu meu comentário, dessa vez deixei passar.

Voltamos ao Minetta’s, que estava tão lotado que mal dava para passar empurrando, e você ficava preso no meio da multidão gritando para pedir uma bebida. Até que eu me apropriei de quatro cervejas do balcão. Cathcart e alguns alunos da NYU chegaram nessa hora e comecei a ficar enjoado e cansado de todo aquele barulho e dos empurrões, então resolvi ir embora.

No caminho até o apartamento 32, cambaleei para um lado e caí sobre uns barris vazios. Rolei por cima de um deles e fui depositado na sarjeta. Então me levantei e fui andando para casa, tonto e mancando da pancada na canela.

Quando cheguei ao apartamento 32, Phil e Barbara estavam na cama do quarto da Janie, então tirei a roupa e caí no sofá. Fiquei ali deitado um pouco, andando numa bicicleta imaginária que tentava alcançar o quarto. Um minuto depois a campainha da porta tocou, e ouvi Phil berrar do quarto: “Que inferno!”.

Quando fui ver, ele já estava de pé e correndo nu pelo apartamento 32, xingando e ajeitando o tapete com o pé, enquanto a campainha continuava tocando. Então eu tive de levantar e abrir a porta.

Eram Janie e Cathcart, ambos chumbados. Tropeçaram para dentro e literalmente caíram aos meus pés enquanto Phil, louco de ódio, enfiou-se correndo no meu escritório batendo a porta atrás de si.

Agarrei Janie e joguei-a no sofá. Então Barbara saiu do quarto vestida com um lençol e foi até o Cathcart, que estava sentado bêbado no outro sofá, e se deixou cair no colo dele com um sorrisinho no rosto. Começou a beijá-lo violentamente e ele pareceu um tanto confuso.

Nesse meio-tempo Janie ficou batendo na minha cabeça com o sapato, e assim que Phillip voltou correndo do escritório para se enfiar de volta no quarto e fechar a porta atrás de si, dei um salto e apaguei a luz para que Janie não conseguisse mirar tão bem.

Depois disso foram diversos tipos de batidas de portas, ruídos, murmúrios e rangidos de assoalho, como se o apartamento 32 fosse o próprio Puteiro dos Infernos.

13. Mike Ryko

No dia seguinte, Phillip e eu acordamos ao meio-dia. Já estávamos quatro horas atrasados para nos apresentar no navio, então cada um tomou um banho frio, bebemos uma lata inteira de suco de tomate da geladeira, pegamos nossas sacolas de marinheiro, e saímos correndo do apartamento, deixando Barbara e Janie dormindo. Estava uma tarde quente lá fora.

Fomos de metrô até a rua 42 e viramos a esquina correndo até o terminal de ônibus, bem a tempo de pegarmos o ônibus para Hoboken.

Quando chegamos a Hoboken, a cidade estava toda coberta pelo dossel da fumaça quente e cinzenta de um incêndio na zona portuária. A todo instante a fuligem caía feito neve negra num céu cinza incandescente.

Precisávamos pegar outro ônibus para chegar ao nosso cais. Quando chegamos lá, a fumaça estava ainda mais espessa e nossos olhos ardiam. Atravessamos a rua até a guarita no portão e deixamos cair nossa bagagem no chão com um estrondo. Um guarda uniformizado apareceu.

“O *Harvey West*”, falei, mostrando meu documento de trabalho e a licença da Guarda Costeira.

“*Harvey West*?”, disse o guarda. “Aguarde um minuto.” Entrou na guarita e fez uma ligação. Depois voltou e disse: “O *Harvey West* mudou de doca esta manhã às sete horas. Ele agora está na altura da rua Montague, Cais número 4, Brooklyn”.

Virei para Phillip e mostrei a palma da mão.

“Bom”, disse ele, “se está no Brooklyn agora, vamos para o Brooklyn.”

Então pegamos nossa bagagem e voamos dali.

“Maldição!”, eu dizia. “Eles falam que é em Hoboken e mudam para o Brooklyn. Quando chegarmos no Brooklyn, vai estar em Manhattan. É tudo um caos. Vamos tomar uma cerveja.”

“Nosso dinheiro não dá”, disse Phil, “e não podemos perder tempo.”

Pedimos orientação para voltar para Nova York do jeito mais rápido e nos disseram para pegar a barca.

Deixamos as malas no chão e nos apoiamos na amurada da barca. Ela saiu do embarcadouro e se dirigiu a Manhattan, brilhando pelo rio. Lá longe, à esquerda,

vimos o que estava causando toda aquela fumaça em Hoboken: um galpão e um navio mercante de bandeira norueguesa pegavam fogo. Nuvens densas de fumaça cinza eram vomitadas do galpão, e uma fumaça preta saía do cargueiro. Por toda parte havia bombeiros com suas mangueirinhas de brinquedo e jatos de água. Fiquei imaginando o que teria iniciado o incêndio.

Aos poucos, fomos nos aproximando de Manhattan. Uma brisa fresca com cheiro de mar soprava da extremidade sul do rio. A barca deslizou para dentro do embarcadouro, tocou a borracha das laterais nas pilastras até fazer um gemido, e bateu água até acertar na rampa de desembarque.

Pegamos as malas e andamos para leste em direção ao centro, parando numa oficina da Tenth Avenue para tomar água. Não havia ninguém na oficina e não achamos o banheiro, então soltei uma mangueira usada para lavar carros de uma torneira grande e deixei a água escorrer em nossas bocas e em nossos rostos. Ainda não havia ninguém por perto e falei para o Phillip: “Que oficina... A gente tem que levar umas ferramentas”.

Depois andamos até a Eight Avenue e gastamos nossos últimos dez centavos para pegar o metrô até o Brooklyn. Saímos no Borough Hall, só que do lado errado, então tivemos que encarar o trânsito com nossas sacolas de marinheiro nos ombros, enquanto o sol nos comprimia feito um ferro de passar. Por fim achamos a rua Montague e fomos direto ao porto.

No fim da Montague existe um arco de pedra que atravessa a rua no ponto em que ela mergulha entre as pilastras do cais. Passamos por baixo do arco como se fôssemos dois homens da Legião Estrangeira avistando um forte após longa marcha.

Na frente do Cais número 4, perguntei ao guarda: “O *Harvey West* está aqui?”.

“Com certeza, filho.”

Mostramos nossos documentos de identidade.

“É todo seu, filho.”

Fomos andando por aquele galpão fresco, úmido e cheirando a grãos de café. Havia centenas de estivadores carregando navios dos dois lados do cais. Guindastes guinchavam, mestres e contramestres gritavam, e um caminhãozinho puxando uma corrente de vagões virou a esquina em cima de Phil e de mim e quase nos atropelou.

“É aquele ali?”, perguntou Phil, apontando para a direita.

Dava para ver o imenso casco de um cargueiro aliado, quando as portas herméticas se abriram, todas raiadas de óleo e ferrugem e soltando água pelos embornais.

“É”, falei.

“Como é grande!”, ele exclamou, deleitando os olhos com o navio enquanto nos aproximávamos da prancha de embarque.

Então ouvi alguém gritar atrás de nós e me virei e vi alguns marujos vindo em nossa direção, acenando com as mãos. Alguns carregavam suas bagagens. Reconheci alguns do sindicato.

“Vocês estão embarcando no *Harvey West*?”, um deles perguntou, soltando a sacola.

“Estamos”, respondi.

Ele disse: “Eu devo embarcar como contramestre. E vocês?”.

“Marinheiro e ordinário”, expliquei.

“Então escutem aqui”, disse o contramestre, olhando para Phil por sobre meu ombro, “praticamente toda a tripulação do convés somos nós.” Ele se virou mostrando os outros cinco caras com ele. “É o seguinte: ninguém assina nada até zarparmos.”

“O que está acontecendo?”, perguntei.

“Eu já viajei com esse mestre aí, e ele é um filho da puta, vou te contar. O trabalho nunca está bom para ele. Olha, este navio vai subir o rio até Albany para carregar e depois volta para Nova York antes de partir. Ninguém aqui precisa assinar até voltar, mas parece que eles já prepararam os papéis lá em cima. Nós aqui não pretendemos assinar nada até voltar de Albany, porque o mestre é um sacana e precisamos ficar de olho para que ele nos trate direitinho.”

“Bom”, falei, “e o que o mestre vai dizer?”

“Não tem nenhum risco para ninguém. Vocês só precisam ser discretos e não falar nada. O mestre é um sacana e nenhum de nós é obrigado a aguentar essas merdas dele.”

“Acho que pra nós tudo bem”, falei.

“Certo”, disse o contramestre, “era isso que queríamos conversar com vocês. É só ser discreto e não falar nada.”

“Certo”, falei, “você primeiro.” E dei passagem na prancha para o contramestre subir primeiro. Os cinco caras foram junto e Phil e eu ficamos por último.

Quando estávamos a bordo, peguei logo um corredor e levei Phillip a um lugar vazio no castelo de proa. “Podemos também ficar com dois beliches de baixo”, falei. “Jogue suas coisas naquele armário.”

Eu estava vendo que seria uma viagem e tanto. Problemas à vista.

“Agora”, eu disse a Phil, “vou mostrar o lugar para você.”

Levei-o até a popa e falei para ele se inclinar e ver a âncora, e depois a corrente da âncora. Mostrei o cadernal grande. “Isso deve pesar uns quarenta quilos”, eu disse, “e é só uma das engenhocas que a gente usa no convés.”

Phil deu um tapa no cadernal, que nem se abalou.

Então levei-o até a ponte de comando no convés superior e mostrei a casa do leme, depois descemos até embaixo do convés principal, onde ficava o depósito frigorífico. Não havia cadeado na porta, então entramos. Havia uma quantidade de carne assada e congelada e litros e litros de leite enlatado.

Phil tirou um pedaço de carne com os dedos. Subi ao convés para ver se conseguia uns copos e voltei um minuto depois e nos servi de um pouco daquele leite gelado e espumante das latas.

“Isso sim”, Phil disse.

Estávamos com muita sede e fome de tanto correremos embaixo daquele sol, à procura do *Harvey West*.

Depois de satisfeitos, levei Phil de volta ao nosso castelo da proa e tiramos a roupa para tomar um banho. Em seguida, nos secamos com toalhas limpas que eu conseguira com o comissário negro responsável pelo armário de roupas brancas lá embaixo do convés principal. Então escolhemos roupas limpas de trabalho em nossas sacolas de marinheiro e nos vestimos.

“Quando a gente começa a trabalhar?”, Phil quis saber, e eu disse a ele que provavelmente só no dia seguinte de manhã.

Estiquei-me no beliche e acendi a luz do tabique acima do meu travesseiro. Peguei um livro, comecei a ler e falei: “Viu? No mar, é assim que a gente faz: deita no beliche e lê”.

Phillip ergueu o braço e pegou uma máscara de gás e um capacete de aço de cima de seu armário. “Vai ser movimentado”, disse, pondo o capacete de aço.

Então resolvi que estava na hora de encontrar o mestre do navio e lhe entregar nossos papéis, aí disse a Phillip que me esperasse e antes fui dar uma espiada no refeitório. Alguns artilheiros da Marinha estavam por ali bebendo café e jogando baralho.

“Para onde este navio foi da última vez?”, perguntei.

Um deles, um marinheiro muito loiro de bermudas, disse: “Itália. E agora acho que França”.

Subi ao convés principal e fui até a cabine do mestre. Como não havia ninguém lá, voltei ao castelo e me espichei no beliche outra vez. Só então me ocorreu que Phillip havia transado com Barbara na noite anterior.

“Diga lá”, falei, “finalmente vocês transaram ontem à noite, não foi?”, comecei a parabenizá-lo, batendo palmas. Phil havia pegado alguns livros do fundo de um armário e os estava atirando no chão à medida que ia lendo os títulos.

“Hoje à noite”, continuei, “vamos sair e ver nossas pequenas de novo.”

Nessa altura, um ruivo de dois metros de altura com um quepe sujo de oficial e uniforme caqui adentrou nosso castelo.

“Seus nomes?”, berrou.

Eu disse a ele.

“Vocês já assinaram?”

“Já estão assinando?”, perguntei inocentemente.

“É, estamos assinando.”

“Bem”, falei, “o contramestre... e os outros caras... nos disseram para esperar mais um pouco... ou...”

“Ah, é?”, disse o gigante ruivo. Comecei a me dar conta de que provavelmente aquele era o mestre filho da puta.

“Saiam do navio”, ele disse.

“Por quê?”

“Se você perguntar mais uma vez”, disse ele, “eu mesmo jogo vocês dois para fora.”

“Bem...”

“Dane-se!”, ele gritou. “Quem vocês pensam que são, afinal? Quem embarca tem que assinar. Se não querem assinar, deem o fora.”

“O contramestre...”, comecei.

“Dane-se o contramestre!”, ele berrou. “Deem o fora do navio. E podem ir colocando cinquenta centavos na caixinha, pela água do banho que vocês tomaram.”

Ergui-me no beliche sem saber o que fazer.

“Vocês me ouviram? Fora!”, ele gritou. “Não quero ninguém na minha tripulação que não colabore.”

“Você é o mestre?”

“Isso, eu sou o mestre.”

“Bom”, falei, “e o resto da tripulação? Pois me fizeram acreditar que...”

“Dane-se. Fora, agora!”

Eu disse: “Certo, não esquentar”, e comecei a pegar minha camiseta. Phil estava no canto, olhando para o mestre. O mestre carrancudo me encarou mais uma vez e então saiu.

Pulei do meu beliche e fui até o armário pegar minhas coisas. “Arrume suas coisas”, eu disse. “Não vamos ficar neste maldito navio.” Peguei minhas duas sacolas de lona do armário e as atirei no convés. Então desci correndo pelo corredor até o refeitório dos oficiais.

Lá estavam eles com os papéis de embarque espalhados nas mesas, e havia muitos oficiais, alguns marujos assinando, e o comissário de embarque fumava seu cachimbo.

“Ryko e Tourian?”, o comissário latiu para mim quando dei nossos nomes. “É você?”

“Sim”, falei. “O que é que tem?”

“Não tem nada. O chefe mandou tirar vocês da lista de tripulantes.” Com isso o comissário virou a cabeça para o outro lado.

Voltei ao castelo, peguei minhas coisas e saí para o corredor. “Fodam-se vocês todos!”, gritei no corredor, e me encaminhei para a prancha de embarque com Phil atrás de mim.

O contramestre estava bem ali na prancha.

“Estão indo embora?”, perguntou.

“Que merda”, falei. “Você disse que era para esperar. O que aconteceu?”

O contramestre me olhou meio sem graça. Parecia não saber o que estava acontecendo e, evidentemente, nem desconfiava que ele mesmo havia começado tudo aquilo.

“Você assinou?”, perguntei por fim.

“Acabei de assinar”, ele disse.

Foi a gota d’água. Desci a prancha de embarque com Phillip.

O contramestre desceu conosco. “Olha”, disse-nos ele na doca, “vocês quiseram assinar e eles não deixaram, certo? Isso quer dizer que vocês podem ir ao guichê de reclamações no sindicato e requisitar o pagamento de um mês de trabalho nesta empresa. Entenderam? Pelas regras do sindicato, um marinheiro não pode ser recusado depois que foi designado para um navio. Estão me entendendo?”

“Estamos”, respondi, um pouco entediado.

E ele continuou falando tudo sobre as regras do sindicato, o mês de pagamento que teríamos direito a receber, como deveríamos reclamar e reclamar, e que o mestre não tinha como provar nada contra nós.

No final, pedi a ele dez centavos para voltarmos para casa e ele me deu vinte e cinco, dizendo: “Não deixem aquele sacana do mestre descontar nada de vocês”.

Então Phil e eu começamos a caminhar de volta pela doca.

Estivadores levavam tanques do Exército norte-americano para dentro de um cargueiro no meio do caminho, e fora do galpão um trem de carga vinha soltando fumaça, levando uma fileira de vagões com tanques, jipes e caminhões. No embarcadouro, uma barca estava ancorada, ao lado de outro navio aliado, e um imenso guindaste levava canhões antiaéreos de vinte milímetros para a plataforma na ponte volante do navio.

Phil e eu ficamos observando essas coisas um pouco, depois pegamos nossas sacolas e fomos embora.

Como ainda estava quente e fazia sol, paramos numa loja no meio do caminho, na rua Montague, para comprar uma garrafa de refrigerante de laranja. Sentamos em cima das sacolas do lado de fora da loja e bebemos o refrigerante, que estava morno e era muito doce.

“Não se preocupe”, eu disse a Phillip, que parecia desconsolado. “Segunda-feira iremos ao guichê de reclamações no sindicato e vamos conseguir outro navio.”

Ele não disse nada, então voltei para a loja, peguei o dinheiro da garrafa e fomos andando até o metrô de Borough Hall.

14. Will Dennison

No sábado, eu já estava cansado de bancar o detetive. Meu chefe era um consumado canalha que abusava do meu tempo livre me pedindo coisas para fazer no meu caminho de volta para casa que acabavam sendo do outro lado da cidade e me tomavam horas e horas.

Cheguei no Al por volta das oito da noite, após uma dessas missões que envolvia uma viagem até o Bronx. Resolvemos descer até a Washington Square e desejar *bon voyage* aos marujos.

Quando chegamos ao apartamento 32, vi Barbara e Phillip deitados no sofá. Phillip estava só com sua calça caqui da Marinha mercante e Barbara de combinação. Ficaram ali deitados imóveis. Phillip fez uma cara feia para Al e se aconchegou mais perto de Barbara.

Passei por eles e fui direto para a outra sala. Mike e Janie estavam no quarto. Mike vestiu uma calça caqui, saiu e nos cumprimentou.

Sentei e perguntei: “Que horas vocês embarcam amanhã?”.

Mike disse: “Não vamos mais. Fomos despedidos”.

Falei: “Despedidos? Nunca ouvi falar numa coisa dessas”.

“Pois foi o que aconteceu. Quando chegamos no navio, o contramestre veio nos dizer para não assinarmos nada porque o mestre era um filho da puta. Bem, descemos, bebemos leite, tomamos banho e logo aparece o mestre. Filho da puta e gigantesco, mais de dois metros de altura e ruivo. Ele diz: ‘Ouvi dizer que vocês não sabem se vão assinar ou não. Vão se foder, fora deste navio. E vou cobrar o banho’. Então fomos despedidos.”

Janie saiu do quarto. Ela disse: “Eu sabia que eles não iam embora”.

Mike falou: “Nós vamos embarcar na segunda-feira sem falta”.

Janie disse: “Ah, vão sim”.

Suspirei e disse: “Vocês já comeram?”.

Todos responderam que não, e houve uma discussão sobre se devíamos sair para comer ou trazer comida para o apartamento. Janie disse: “Vamos sair. Estou cansada de ficar neste apartamento. Nós ficamos aqui o dia inteiro”.

Todo mundo começou a se vestir.

Fomos andando até um lugar que servia almoço na Sixth Avenue. Pedi sorvete, pois eu já tinha almoçado. Mas aí mudei de ideia e pedi pimentão recheado. Os dois chegaram juntos. O pimentão estava bem ruim.

Phillip ficou do meu lado no balcão, o mais longe possível de Al, que estava na outra ponta do balcão.

Depois dessa comida horrível, pela qual paguei, já que ninguém tinha dinheiro, saímos pela Sixth Avenue e ficamos na calçada junto a uma cerca de arame farpado que rodeava o terreno de um prédio de apartamentos. Al pulou a cerca e se deitou na grama do outro lado. Barbara sentou-se num banco e Phillip deitou com a cabeça em seu colo. As pessoas passavam por nós na noite quente.

Fiquei conversando com Mike sobre a Marinha mercante e perguntei por que ele não usava sempre seu uniforme, para conseguir coisas de graça.

Ele respondeu: “Parece coisa de fura-greve”.

Falei: “Este é um mundo de fura-greve”.

Começou uma conversa sobre ir assistir a *La Grande Illusion*, mas Barbara falou que já tinha visto cinco vezes e já sabia de cor o que Erich von Stroheim iria fazer a cada instante.

Desfez-se o momento cabeça-no-colo e o jovem casal agora estava de pé. Phillip falava sobre seu pai. Ouvi que ele dizia: “O velho deve sair daqui dois anos”.

Resolvemos atravessar a rua para tomar cerveja. Pulando de volta a cerca, Al escorregou e caiu feio na calçada. Ajudei-o a se levantar e falei: “Machucou?”.

Ele disse: “Acho que torci o tornozelo”.

Phillip e Barbara já estavam no meio da rua. Fomos todos para um bar e nos sentamos numa mesa dos fundos. Al estava mancando.

Algumas pessoas dançavam bêbadas perto da *jukebox*, então pedimos uma rodada, depois Janie disse: “Vamos ao Germania beber cerveja boa”. Então pagamos e saímos.

Fui andando na frente com Phillip e Barbara. Perguntei a Phillip quando ele embarcaria, e ele disse que na segunda. Então conversamos sobre Rimbaud. Barbara caminhava sem falar nada. Pensei que estivesse chateada. Al esforçava-se para vir mancando junto, logo uns três metros atrás, mas Phillip não lhe dava a menor atenção.

Entramos no Germania. Antes da guerra era um dos lugares mais barulhentos e mais desagradáveis da cidade de Nova York. Costumava haver grandes grupos de jovens cantando músicas de faculdade, brigas no banheiro dos homens, onde universitários bêbados sofriam ilusões de perseguição homossexual. Agora mais nada distinguia o lugar de um bar qualquer.

Pegamos uma mesa comprida de madeira e pedimos cerveja, que chegou em grandes canecas de cerâmica. Phillip estava sentado em frente a Barbara e a toda hora punha a cabeça por cima da mesa e ela lhe acariciava os cabelos. Era nojento. Por fim ele se inclinou e mordeu o dedo indicador dela. O esmalte da unha estava um pouco solto e ele o descascou com os dentes.

Mike repetiu a história de como o mestre os pôs para fora do navio. Janie arrotou, e todo mundo também já estava bocejando, ou limpando as unhas, ou olhando para o lado.

Enfim Barbara disse que precisava pegar o trem para Manhasset e Phillip se levantou para ir com ela até o metrô. Al olhou para ele implorando, feito um cachorro que quer acompanhar o dono. Phillip saiu andando sem olhar para ele.

Mike estava contando sobre o naufrágio do *S. S. American Star*, um navio militar, no Atlântico Norte. Ele tinha ouvido essa história de um dos sobreviventes, num bar em Chicago.

“Foi terrível”, o sobrevivente tinha dito. “Estava tudo escuro e não dava para ver nada. Eu estava numa pequena balsa com um cozinheiro negro e podia ouvir os soldados se afogando e chamando a mãe.”

15. Will Dennison

Domingo só fui ver o Al por volta das seis da tarde, quando eu estava pronto para jantar. A verdade é que eu não estava lá muito interessado em ouvir em detalhe todos os acontecimentos da noite de sábado.

Al estava dormindo quando bati em sua porta. Ele falou para eu entrar. Encontrei-o deitado na cama, embaixo de um cobertor leve. As cortinas estavam fechadas e o quarto escuro. Perguntei se ele estava pronto para o jantar e ele disse que sim. Então fechou os olhos. Sentei-me, acendi a luz e folheei uma *New Yorker* que vi no chão.

Al empurrou o cobertor para o lado e tirou as pernas para se levantar. Estava todo vestido, exceto pelos sapatos. Bocejou e sorriu. Então foi até a pia, jogou água no rosto e penteou os cabelos.

Eu estava lendo um conto na *New Yorker*. Um sobre duas mulheres no Schrafft's.

Al pôs um sapato rasgado e fomos comprar algo para comer. Compramos alguns pães, presunto fatiado, queijo, maçãs e leite numa delicatessen na Sixth Avenue. Então voltamos ao quarto dele e começamos a comer.

Al disse: “Sabe, Dennison, essa garota tem alguma coisa de vampiresco”.

“Barbara? Ah, sim. Já reparou como os lábios dela são vermelhos e a pele pálida? Ah! Não é natural.”

Al disse: “Quando eu entrei na sala e vi os dois deitados no sofá, tive a sensação de que ela estava sugando a vida dele”.

“Com certeza não tem muito sexo na relação deles”, falei. “O que me deixa horrorizado.”

“Ele está pálido. Ele não parece nada bem.”

Comemos mais um pouco em silêncio, eu me preparando para ouvir Al falar por que será que Phillip precisava se envolver com todas essas mulheres quando ele obviamente não as amava, e por que Phillip não podia amá-lo, ou talvez ele já o amasse e nesse caso ele precisava demonstrar. Al falou de fato tudo isso, e continuei comendo.

Al prosseguiu: “Fico pensando se eu não devia embarcar afinal. Quando descobrir que estou no navio, Phil talvez fique contente”.

Eu disse: “Não sei. Faça o que achar melhor. Meu conselho é que você fique aqui e arranje algum dinheiro. Ele estará de volta em cinco ou seis semanas. Se você começar a vender maconha enquanto ele estiver fora, terá algo para oferecer a ele na volta”.

Al disse: “Não acho que o dinheiro deva ser tão importante”.

Eu não queria voltar àquele assunto outra vez, por isso não falei nada, e Al disse que então iria com certeza arranjar sementes de maconha no dia seguinte.

Terminamos nosso jantar e Al disse que iria até a Washington Square. Perguntou se eu queria ir junto e eu falei: “Não, já estive lá ontem à noite”.

Dissemos boa-noite na rua 52 e Al foi andando até a Fifth Avenue para pegar o ônibus. Caminhei até a Broadway, peguei o IRT até Sheridan Square e fui para casa.

Por volta das dez da noite, Danny Borman ligou perguntando se podia passar por lá. Falei que sim.

Quando abri a porta, ele deslizou para dentro feito um gângster nervoso que está em falta com a máfia. Bebeu de um trago uma dose de uísque e começou a contar o que tinha acontecido na noite anterior.

Ele tinha ido a um bar e um sujeito da Marinha mercante mostrou um bolo de dinheiro. Danny se apresentou, e foram até o apartamento do cara secar uma garrafa. Lá chegando, o marinheiro começou a contar a Danny que ele ainda estaria no Exército se não tivesse sido dispensado por ferimentos sofridos no Pacífico. Danny disse: “Certo, claro”. O marinheiro disse: “Ah, você não acredita que eu era do Exército? Vou lhe mostrar como eu era do Exército. Minha dispensa está por aqui”. Ele se virou e começou a remexer numa gaveta. Então Dan desceu-lhe o porrete. A cabeça do cara era tão dura que ele só balançou a cabeça e começou a berrar. Danny encaminhou-se para a porta, e nessa hora todo mundo já tinha saído para ver o que estava acontecendo na sobreloja, que no caso era o segundo andar, e conseguiu escapar, como dizem nos jornais. Mas ele jogou fora o porrete.

Perguntei: “Danny, você se interessaria em incendiar uma casa por duzentos dólares?”.

Seu rosto se iluminou e ele disse: “Isso me parece bom”.

Então contei sobre o operário de um estaleiro que eu conhecia que fora trapaceado por uma namorada e a mãe dela e queria pôr fogo na casa delas, mas não podia porque suspeitariam dele. Ele estava disposto a pagar duzentos pelo serviço, que no caso era uma casa de madeira em algum lugar de Long Island.

Danny perguntou: “Ela precisa estar na casa? Porque, se precisar, não vou querer o serviço. Duzentos não é o bastante para queimar uma pessoa viva, por pior que ela seja”.

Eu disse que não, ela não estaria em casa, e o cara me diria quando ela saísse.

Danny falou: “É sopa”.

Então eu disse: “Espere um minuto”, e liguei para o número do cara, mas ele não estava. Dei o número a Danny e falei para ele ligar mais tarde. “Só diga que o Will recomendou você para aquele serviço doméstico. Eu disse a ele que se encontrasse alguém entraria em contato.”

Danny me agradeceu e anotou o número. Falou que quando recebesse o dinheiro me compensaria.

Esfreguei as mãos e disse: “Qualquer coisa está bom. O trabalho é fácil, mas não é o meu estilo”. (O meu estilo é deixar os outros correrem os riscos, como o pai do Phillip.)

“Tenho certeza de que esse cara é gente fina”, continuei, “e eu sei onde ele mora. Não vai ser difícil receber, mas peça metade antes.”

Danny disse: “Você me conhece, Will”. Ele se levantou para sair. “Quer dizer, sinto muito pelo porrete.”

Falei: “Ah, tudo bem. Fico feliz por você não ter se metido em encrenca”.

16. Will Dennison

Eram umas sete da manhã da segunda-feira quando minha campainha tocou e me acordou. Vesti a bermuda, fui até a sala e apertei o botão que abria a porta da rua.

Perguntei: “Quem é?”.

“Sou eu.”

Era a voz de Phillip, abri a porta e ele entrou voando.

“Olha”, disse ele, “pega o meu último cigarro.”

Ele ofereceu o maço de Lucky Strike manchado de sangue. Só tinha um cigarro no maço.

“Acabei de matar o Al e deixei o corpo num galpão.”

Peguei o cigarro e segurei.

Então fui me sentar no sofá e arrastei uma cadeira para ele na minha frente. Falei: “Sente aí e me conte tudo”.

Sentou-se e disse: “Preciso de cem dólares para fugir do país. Vou para o México”.

Falei: “Mais devagar, rapazinho. Que história é essa do Al?”.

“Bem”, ele disse, “Al e eu estávamos bebendo no Minetta’s e resolvemos caminhar. Estávamos andando pela Second Avenue e não sei como fomos parar num velho galpão, que começamos a explorar. Encontrei uma machadinha e quebrei algumas janelas. Depois subimos no telhado. Al ficava falando que queria ir no navio comigo. Fiquei maluco e o empurrei. Ele quase caiu. Olhou para mim e falou: ‘Quero fazer as coisas que você faz. Escrever poesia e ir para o mar e tudo’.” Phillip parou e olhou para mim.

“Continue”, falei.

“Bom, então eu perguntei a ele: ‘Você quer morrer?’ e ele respondeu: ‘Quero’. Ele começou com graça e tentou me abraçar. Eu ainda estava com a machadinha na mão e bati com ela na testa dele. Ele caiu. Estava morto. Agora me dê os cem dólares. Preciso fugir do país.”

“Isso é ridículo. Não dá para fugir do país com cem dólares.”

“Dá, sim. Eu vou de carona.”

“Bem, você vai ser pego bem rápido.”

“Você não está acreditando em mim?”, perguntou ele. “Você sabe, não é? As coisas se arrastam por tanto tempo até que algo finalmente acontece.”

Eu disse: “Certo, Al está morto. E o que você fez depois?”.

“Bem, depois ele continuou me encarando com os olhos quase fechados. Falei para ele: ‘Agora não vai dar, você está morto’. Empurrei-o com o pé para fora do telhado. Eram uns sete andares.”

“Alguém estava olhando?”

“Não, acho que não.”

“Mas viram vocês saindo juntos do Minetta’s.” Eu estava pensando rápido, e tudo levava a uma única conclusão.

“Agora me dê os cem dólares, senão eu vou matar você também.”

Sorri para ele.

Phillip disse: “Ah, não, eu não faria isso, mas, por favor, me dê o dinheiro”.

Não respondi.

Ele tirou um lenço ensanguentado do bolso. No canto havia as iniciais: R. A. Ele enfiou o lenço bem embaixo do meu nariz.

“Você não reconhece isto?”

“Sim”, falei. “Era do Al. Suvenir, é?”

Olhou para mim com uma expressão ingênua, de menino, e estendeu a mão com o lenço em minha direção.

“Quer para você? Posso deixar aqui?”

“Meu Deus, não! Leve com você.”

Pus meu roupão e comecei a andar pela sala.

Phillip disse: “O que eu vou fazer se você não me der o dinheiro? Vou pegar cadeira elétrica”.

Fiz minha imitação de Claude Rains e fui andando até ele. “A elétrica”, ri com sarcasmo. “Você pega no máximo dois anos.”

“Sabe o que aconteceu com você, Phillip? Você foi atacado. Al atacou você. Ele tentou estuprar você. Você perdeu a cabeça. Tudo ficou preto. Você o acertou. Ele caiu para trás e despencou lá de cima. Você entrou em pânico. Só pensava em fugir dali. Arranje um bom advogado, você sai em dois anos.”

Phil olhou para mim e concordou com a cabeça. “Bom”, disse, “acho que consigo aguentar dois anos. Mas não sei. Você me empresta a sua arma? Eu vou me matar. Você tem uma arma, não tem?”

Eu disse: “É, eu tenho uma arma”.

“Mas está sem balas, não está?”

Ele sabia muito bem que eu tinha as balas. Falei: “É, está sem balas”.

Phillip se levantou para ir embora e caminhou até a porta. Fui junto e parei ao lado dele. Achei que se fosse verdade eu deveria colocar a mão em seu ombro

e dizer algo gentil para animá-lo. Mas então me lembrei que ele estava sempre tentando tirar algum dinheiro de mim.

Eu disse com frieza: “Adeus, Phillip”.

Ele disse adeus e saiu.

Fechei a porta. Peguei o maço de cigarros sangrento do chão, rasguei em pedaços, joguei os pedacinhos na privada e puxei a descarga.

Estava na hora de trabalhar, então comecei a me vestir.

17. Mike Ryko

Segunda-feira às nove da manhã eu estava de pé e pronto para ir ao sindicato conseguir outro navio, mas Phillip não estava em lugar nenhum. Olhei atrás do sofá e vi que sua sacola de marinheiro ainda estava lá. Então me sentei e esperei, imaginando que ele podia ter descido para tomar o café da manhã e que voltaria para me pegar. Fiquei ali sentado, acendi um cigarro e comecei a pensar no que precisaríamos dizer no guichê de reclamações para conseguir outro navio ainda hoje.

A campainha tocou três vezes, sinal de que alguém estava telefonando, então desci até o saguão de entrada e atendi.

“Alô”, falei.

“Mike, é o Phil.”

Era a primeira vez que eu ouvia a voz de Phil ao telefone, e sorri porque ela soava estranha.

Ele disse: “Dei um fim no velho ontem à noite”.

Falei: “O quê?”, e então, por alguma razão, entendi o que ele quis dizer no mesmo instante.

“Onde você está?”, perguntei.

Disse que estava no Anchor Bar.

“O que você está fazendo aí?”

“Sei lá. Por que você não vem pra cá?”

“Estou indo”, falei, e desliguei.

Uma mulher estava entrando no saguão com duas sacolas de compras, e tendo dificuldade para abrir a porta. Observei-a até que conseguisse abri-la e então subi de novo.

Corri atrás do sofá e pesquei a sacola de marinheiro do Phillip. Fui até o quarto e vi o gato dormindo em cima das minhas sacolas de marinheiro. Tirei o gato de lá e deitei-o na cama, ao lado de Janie. Ela estava dormindo, e uma fina camada de umidade cobria seu rosto. Já estava quente às nove.

Peguei minhas sacolas e as atirei ao lado da sacola de Phillip no chão do quarto da frente. Fiquei ali olhando para elas um minuto ou mais. Não conseguia pensar.

Então vi que não adiantava levá-las, porque agora nenhum de nós podia embarcar. Então saí do apartamento e desci a escada.

Quando cheguei lá embaixo na entrada, me virei de repente, subi a escada correndo, entrei no quarto, ajoelhei-me ao lado da cama, beijei Janie na testa.

Falei: “À noite eu volto”, ela murmurou alguma coisa e voltou a dormir. Então saí do prédio e fui andando depressa em direção ao sindicato.

Estava um sol quente e úmido e quase dava para sentir o calor respirando em toda parte. Eu estava aborrecido porque seria um dia quente. Uma mulher de idade na esquina da rua 14 com a Seventh Avenue tentou me vender flores, mas apertei o passo quando passei por ela.

Quando cheguei ao Anchor Bar, Phillip estava com um copo de uísque pela metade na mão e vários dólares e alguns trocados espalhados no balcão à sua frente. O lugar estava cheio de marinheiros conversando todos ao mesmo tempo e a *jukebox* tocava algum disco sul-americano.

Depois de nos cumprimentarmos, Phillip pediu uma bebida para mim. Fixei meus olhos num ventilador do teto e deixei que o uísque descesse pela boca, depois pedi uma cerveja.

Olhei para Phillip e disse: “Quer dizer que você deu um fim no velho ontem à noite? Cadê ele?”.

“Atrás do galpão.”

“Morto?”

“Claro.”

Olhei com atenção para Phillip. Falei: “Ora, ora”, e ele me olhou de lado e sorriu.

Então ele tirou um lenço do bolso e me mostrou. Havia manchas vermelhas no lenço e as iniciais R. A. bordadas no canto.

“É do Al?”, perguntei.

Ele concordou com a cabeça. Depois apontou para a bainha de sua calça caqui e levantou o pé. Também estava manchada de sangue. “Sangue”, ele disse.

Eu não sabia se acreditava ou não em tudo aquilo, porque ele estava muito aflito para me mostrar as provas.

“Como você fez?”, perguntei.

“Uma machadinha, bati na testa dele e ele caiu morto. Então eu o apoiei no parapeito do telhado e o empurrei.” Phillip colocou as mãos sobre os ouvidos e apertou com força. “Fiquei assim uns três segundos para não ouvir quando ele chegasse no chão.” Ele estremeceu e fez uma careta. “Mas ouvi do mesmo jeito.”

“Pode ir me contando tudo”, falei. Minhas pernas bambearam e eu tive de apoiar quase todo o peso do meu corpo no balcão. Eu disse: “Vamos nos sentar

em algum lugar. Minha perna ficou bamba. Não consigo ficar de pé”.

“Eu também”, ele disse, e pegou seu dinheiro e os cigarros do balcão.

Sáímos do Anchor Bar, atravessamos a rua e fomos subindo a rua 17. Numa quadra à direita, um pelotão de criancinhas brincava de gangorra, de amarelinha, e numa piscina debaixo daquele sol. Phillip sorriu ao ver as crianças. Eu sabia que ele estava pensando em si mesmo como um assassino.

Fomos saindo do centro pela Eight Avenue, e dei uma última olhada no grupo de marinheiros de pé em frente ao sindicato.

Encontramos um bar com ar-condicionado alguns quarteirões adiante na avenida. Havia bancos de couro vermelho ali no balcão, então nos sentamos neles e pedimos duas doses de Calvert e mais duas cervejas para acompanhar.

“Quero saber o que mais aconteceu”, falei. “Conte tudo desde a última vez em que nos vimos, ontem de manhã.”

“Passei toda a tarde de domingo com o meu tio”, Phillip disse. “Disse a ele que precisava de mais dinheiro porque íamos ter que pegar outro navio. Depois de jantar, fui ao Minetta’s e comecei a beber uísque, então Al chegou com o Cathcart. O Cathcart foi embora cedo e Al e eu bebemos mais um pouco de uísque.”

Então Phillip me contou a história que havia contado a Dennison de manhã cedo. Quando ele acabou, falei: “O que você vai fazer?”.

“Alguma sugestão?”

“Basicamente a mesma do Dennison.”

“Acho que é melhor mesmo”, Phillip disse, e pediu mais duas doses. “Eu vou pegar cadeira elétrica com certeza.”

“Não”, falei. “Isso é absurdo. Al era bicha. Ele perseguia você por toda parte. Ele fodeu com a sua vida. A polícia vai entender.”

Phil deu de ombros.

Então eu disse: “Bem, pelo menos hoje vamos ficar de porre logo cedo”. Lamentei ter dito isso, então falei: “Mas, meu Deus, por que isso foi acontecer?”.

Phillip deu de ombros outra vez.

“Ao Al mesmo assim”, acrescentei, e ergui meu copo num brinde.

Bebi meu Calvert e quando me dei conta Phillip estava olhando para o vazio e duas lágrimas escorriam em seu rosto. Fiquei constrangido, porque nunca tinha visto Phillip chorar. Queria colocar a mão em seu ombro e por fim coloquei.

“‘Há tempo para tudo na vida’”, falei, “‘até para um assassinato.’ Saroyan.”

Ele não gostou, o rosto todo molhado. “Isso parece T. S. Eliot”, disse.

“Parece?”

Rimos um pouco e depois dei a ele um cigarro. Comecei a pensar sobre quando eu ficava imaginando como seria matar alguém e eu escrevia milhares de palavras para criar esse tipo de emoção. Agora ali estava Phillip ao meu lado, e ele de fato tinha feito aquilo.

“Vou procurar meu tio e me entregar”, Phillip dizia. “Ele saberá o que fazer, ele vai conseguir os advogados. Se a polícia ainda não achou o corpo do Al, vai encontrar antes de anoitecer.”

Expliquei a Phillip o que eu achava daquilo, mas ele estava preocupado com os fatos.

“Meu tio tem muita influência política”, ele continuou, “ele vai saber escolher meus advogados.”

Conversamos mais um pouco sobre aquilo, e então Phillip disse que queria ir embora.

“Aonde você vai?”, perguntei.

“Vamos ficar algumas horas no Museu de Arte Moderna.”

“Certo”, falei, “mas vamos beber um pouco antes de ir.”

Sáímos na Eighth Avenue para pegar um táxi. As calçadas estavam lotadas de gente. Um vendedor de frutas tinha colocado seu cartaz na frente do bar e vendia maçãs. Por fim um táxi parou e o pegamos.

“Até a Times Square”, Phillip disse. Então, quando o táxi seguia o caminho, ele se virou para mim e disse em voz alta: “Tomara que não encontrem logo o corpo”.

“É”, falei bem alto, e trocamos um sorrisinho. “Ele deve estar uma poça de sangue.”

“Ah, sim”, Phillip disse. “Quando eu talhei o rosto dele com a machadinha, o sangue esguichou e encharcou todo o telhado. Deve ter muito mais sangue ainda lá nos fundos.”

“É”, eu disse, “você fez o serviço completo.”

Estávamos passando pela Times Square e Phillip disse: “Vamos descer aqui”.

O motorista parou rente ao meio-fio e virou-se para parar o taxímetro. Phillip lhe entregou o dinheiro e o motorista devolveu o sorrisinho. O motorista entendeu tudo, mas não sabia de nada.

Na calçada eu disse: “Achei que íamos ao museu”.

“Vamos dar uma olhada aqui um pouco”, Phillip disse, e começou a passear pela rua 42.

Passamos pelo Apollo Theater, que ainda estava exibindo *Port of Shadows* pelo restaurante italiano, e depois atravessamos a rua e fomos até o parquinho.

Phillip trocou vinte e cinco centavos em moedas de um e fomos jogar nas máquinas de fliperama, atirar em aviões inimigos e assistir aos filmes impróprios

que mostravam mulheres tirando a roupa em seus quartos enquanto homens de bigode entravam pela escada de incêndio. Pus uma moeda e tocou Benny Goodman, “The world is waiting for the sunrise”.

Saímos do parquinho e vagamos até a Sixth Avenue. Phil comprou amendoim torrado de um italianinho e ficamos sentados ali no parque da Biblioteca Pública de Nova York jogando amendoim para os pombos. Um homem em mangas de camisa sentou ao nosso lado, lendo um panfleto trotskista.

Phil disse: “Não importa aonde eles me mandem, eu vou conseguir fazer o que for preciso no navio”.

“Sabe”, falei, “eu sabia que não iríamos embarcar, porque eu não estava sonhando com o mar.”

“Eu vou escrever poesia”, Phillip disse.

Tinha um cinema na rua 42 quase com a Sixth Avenue passando *Four Feathers*, de Alexander Korda.

Phillip disse: “Esse é bom. Vamos assistir”. Então nós fomos e pegamos um lugar na orquestra. Algo tinha acontecido com o sistema de ar-condicionado, e lá dentro estava sufocante.

O filme começou com uma legenda falando da morte de milhares de soldados britânicos no Sudão pelas mãos dos cruéis Fuzzy Wuzzies. Phillip fez um gesto com a mão dizendo: “*Eles* podem matar milhares”.

“É”, falei.

Havia uma cena de emboscada na qual os soldados britânicos e os Fuzzy Wuzzies se retalhavam com sabres, facas e muito sangue. A maior parte do filme nos fazia lembrar de Al deitado no chão numa poça de sangue, portanto não conseguimos aproveitar muito. E um dos personagens da história se chamava Dennison.

Saímos do cinema pingando de suor, e lá fora estava ainda mais quente. Entramos num bar e bebemos algumas cervejas geladas.

“Logo vou precisar ir embora”, Phillip disse.

Falei: “E o museu?”.

“O filme foi bom”, disse Phillip, “mas me fez pensar que o meu tempo está acabando.”

Bebemos e ficamos calados.

“Bem”, disse ele por fim, “vamos ao museu.”

Saímos e pegamos um táxi.

No museu refrigerado, Phil ficou dez minutos diante do retrato de Jean Cocteau, de Modigliani. Afastei-me para ver os imensos estudos de Blume sobre a decadência e queda do Ocidente, com aquelas colunas coríntias derrubadas e sempre aqueles mesmos tipos do submundo conspirando nas catacumbas,

enquanto os padres lamentam o sacrifício e tropas de traços orientais pilham a cidade. Então paramos na frente do *Cache-Cache*, de Tchelitchev, e olhamos um pouco.

Havia uma bicha loira e alta de camisa polo listrada e calça desbotada que ficava olhando para Phil com o canto dos olhos. Quando descemos e assistimos a um filme de uma hora, a bicha ficou sentada atrás de nós.

Era um velho filme italiano de 1915 com Eleonora Duse. Phillip e eu a achamos o máximo. Havia algo viril na atitude dela diante da tragédia, como se desafiasse Deus a vir apagar o fogo que Ele mesmo havia acendido nela.

Voltamos lá para cima para ver as pinturas. Eu queria beber cerveja, mas Phillip insistiu para ficarmos até o museu fechar. Olhei para os lados para ver se o veado ainda estava seguindo Phil, mas não o vi.

Phillip retomou seu posto na frente do retrato de Modigliani e ficou olhando, com um sorriso no rosto.

Falei: “Espero você no bar da rua 53. Estou com sede”.

Phillip disse: “Certo”, e fui embora do museu. A bicha loira estava conversando com um rapaz no saguão.

No bar peguei uma mesa de canto e pedi uma garrafa de cerveja Schlitz. O garçom trouxe e depositou a garrafa sobre a toalha branca. Ele não gostou das minhas roupas, e seus modos deixaram isso um tanto evidente. Eu me perguntava por que as pessoas fazem tanto drama por causa de roupa, e enquanto pensava nessas coisas a ideia de assassinato latejava numa batida constante.

Fiquei com fome pouco depois, então pedi um hambúrguer no prato para jantar. O garçom trouxe a prataria toda, um guardanapo branco limpo e um copo d’água. O lugar tinha aquela luz ocre do East Side, dos bares de porão, e era fresco e agradável. Olhei ao redor e registrei todos os tipos que estavam lá.

Enquanto esperava meu prato de hambúrguer, pedi um bourbon duplo e bebi em dois tragos. Quando a comida chegou, comi desbragada e bestamente, como quem come depois de beber martinis demais antes do jantar.

Eu já havia acabado e estava bebendo cerveja quando Phillip chegou e me procurou. Acenei e ele veio.

“Já comi”, falei, “estava com fome.”

“Não se desculpe, seu monstro. Eu também estou com fome.”

“Certo”, falei.

Phillip pediu o mesmo prato mais uma garrafa de cerveja, e eu pedi outro bourbon duplo.

O garçom estava começando a se animar com a mesa. Começando a dizer “senhor”, e quando você ia ver ele já tinha esvaziado o cinzeiro e limpado com uma toalha úmida.

Phillip disse: “Tenho mais uns dez dólares daquele dinheiro do meu tio. Também podemos gastar tudo antes de eu me entregar”.

“Boa”, falei.

Phillip terminou de comer e pagou a conta. Saímos pela rua 53 e fomos caminhando para o leste até chegar à Third Avenue. Encontramos um boteco barato e sentamos ao balcão.

“É aqui que Don Birnam bebe em *The Lost Weekend*”, falei. “Third Avenue.”

Phillip pediu dois uísques e lá estávamos nós embarcando de novo. A porta do bar estava aberta e deixava entrar uma brisa fresca de fim de tarde.

Phillip agora estava ficando nervoso. Dizia que precisava ir cedo para casa, e eu só lembrando a ele de Boldieu e suas luvas brancas em *La Grande Illusion*.

Dois soldados estavam sentados ao nosso lado. Pareciam ter passado o inverno na campanha do Norte da África. Um deles olhava para mim, até que por fim se inclinou e quis saber se existia algum puteiro na cidade.

Anotei para ele um endereço. “Não sei se ainda está funcionando”, falei, “mas tente assim mesmo.”

O outro soldado começou a conversar com Phillip e perguntou o que ele achava da Marinha mercante.

Phillip disse que achava boa, e um minuto depois se levantou e estendeu a mão para mim.

“Bem, Mike, adeus.”

Ele me pegou de surpresa. “Adeus”, falei.

Phillip caminhou em direção à porta e eu o segui, deixando meu troco e o cigarro no balcão.

Paramos do lado de fora da entrada. Phillip estendeu novamente a mão. Tinha algumas moedas. Quando apertamos as mãos, as moedas tiniram e algumas caíram na calçada e tilintaram. Phillip abriu a mão e deixou o resto do dinheiro cair por entre seus dedos tensos, dramáticos.

“Eu pego”, avisei.

“Vá em frente. Adeus, Mike.”

“Adeus, Phil.”

Phillip foi andando em direção à rua 60 e fiquei observando-o por algum tempo. Senti vontade de correr atrás dele e me despedir de novo. Ele sumiu na esquina andando determinado, como se estivesse indo trabalhar, e voltei para o bar. Vi as moedas na calçada e tornei a sair para pegar. Então entrei de novo, pedi uma cerveja e me sentei num banco vazio.

Foi minha cerveja mais solitária.

Enfim, saí andando e lá estava eu, sozinho, parado na Third Avenue no fim de tarde. O Elevado estrondava sobre as cabeças, e grandes caminhões rugiam.

Lá estava eu, completamente só, e tudo tinha acabado.

Bem ali eu resolvi sumir e viajar de novo. Senti vontade de ver outra vez as colinas da Pennsylvania e os pinheirinhos da Carolina do Norte. Estava ali pensando nisso, quando vi Phillip voltar correndo pela Third Avenue.

“O que foi?” Eu corria ao encontro dele.

Ele tirou o lenço ensanguentado do bolso e me ofereceu.

“O que eu vou fazer com isto?”, perguntou. “Você quer?”

“Por quê?”

“É o lenço do Al.”

“Eu sei.”

“Precisamos nos livrar disto”, ele disse.

“É fácil”, falei. Peguei o lenço e joguei na sarjeta. Aí começamos a rir.

Estávamos os dois nervosos e meio loucos, um contente de ver o outro de novo.

“Vamos para um bar”, falei.

“Certo”, ele disse.

Entramos em outro boteco da Third Avenue e começamos a beber outra vez. O lugar estava cheio de tipos da Third Avenue, e no balcão quem servia era um irlandês gordo.

“Preciso ir para casa”, Phillip continuava dizendo. Então falou: “Estou cheio dessas luvas brancas”. Estendeu as mãos. “Estou fraco. As luvas estão começando a me esfolar.”

Senti tanto asco de mim mesmo que não disse nada. Estávamos só começando a entender o que havia acontecido.

“Eu vou andando com você”, disse a ele.

Pedimos mais uma ou duas bebidas e depois saímos para a rua. Eu dizia “Bem...”, e Phillip dizia “Bem...” também, e ambos tínhamos tanta coisa para dizer, mas não havia espaço, estávamos muito tensos e próximos.

Chegamos finalmente ao Central Park South, e lá estava o apartamento do tio de Phillip. Andamos até a entrada e paramos.

Phillip acenou para o porteiro e então me disse: “Ele é um neurótico. Uma figura”.

Falei: “Certo”.

Paramos e automaticamente estendemos as mãos.

“Bom”, disse Phillip, “lá vamos nós de novo. Vejo você atrás das grades.”

“Eu vou visitar você.” falei.

“Leve bons livros, essas coisas.”

“Certo.”

Apertamos as mãos, batemos no ombro um do outro e nos olhamos sorrindo com o canto do olho. Então ele disse “Adeus”, eu disse “Adeus”, ele se virou e entrou no saguão, e eu segui andando para Columbus Circle, onde havia dois caminhões grandes que me fizeram querer viajar para longe.

18. Will Dennison

O tio de Phillip arrumou tudo e fez o menino ser mandado para o manicômio estadual. Calculo que ele não vá ficar lá mais de seis meses, porque o tio conhece vários médicos na diretoria que vão colaborar.

A polícia não gostou muito de eu ter ficado sabendo do crime e ainda assim não ter corrido até o telefone mais próximo como todo bom cidadão que supostamente deve ser um dedo-duro segundo as regras oficiais. De qualquer modo, não gosto de nenhum tipo de publicidade. Então fiz uma viagem de algumas semanas a Chicago, para rever velhos conhecidos.

Esta cidade já não é a mesma. Parece que todo mundo que eu conheci lá há cinco anos ou morreu, ou está preso, ou está no Exército. Mas encontrei alguns caras que eu conhecia que ainda iam nos mesmos velhos lugares, perto de North e Halsted.

Quando voltei a Nova York, encontrei uma carta de um homem de Chicago dizendo que era amigo de Charley Anderson e gostaria de falar comigo sobre uma proposta de negócios. Haveria uma parte para mim. Parecia que ele tinha uma coisa quente e não sabia aonde levar. Havia um telefone na carta e liguei várias vezes, mas não consegui nada.

Resolvi ir até a casa do Al e ver Agnes, que tinha se mudado para o quarto dele depois do crime. Encontrei-a fazendo as malas. Ela iria embora da cidade no dia seguinte.

Parecia que a Sra. Rogers tinha comprado a casa da Sra. Frascati e estava se livrando dos inquilinos desordeiros. Chris Rivers havia sido mandado embora por ser um caloteiro crônico e um problema sanitário. “Ela vai redecorar e aumentar o aluguel”, Agnes me disse.

“O que aconteceu com o Hugh Maddox?”, perguntei.

“Ele pegou três anos, mas talvez possa servir o Exército depois. Parece que ninguém sabe direito.”

Pensamos sobre aquilo mais um pouco, então Agnes disse: “Ah, outra coisa: você sabe que eu arrumei tudo do Al e mandei para o irmão dele em Memphis. Mas o rádio sumiu. Alguém deve ter entrado no quarto e levado embora. Acho que foi a Bunny, aquela ladra grã-fina socialite de Boston”.

Falei: “É bem provável”.

Ficamos ali sentados no antigo quarto do Al, e começou a escurecer. Agnes estava contando uma história comprida sobre a Sra. Rogers, mas eu não escutei. Por fim me levantei para ir embora.

“Se você for para o Oeste, dê uma passada na minha velha”, eu disse a ela. “Pode perguntar para qualquer um onde fica o armazém da senhora Dennison.”

Agnes disse que ela passaria se fosse a Reno, então apertamos as mãos e nos despedimos na porta.

Fui ao Three G’s sozinho e jantei.

Quando eu estava voltando a pé para casa na Sheridan Square, alguém saiu de uma porta e falou: “Olá, Will”. Era Danny Borman.

Falei: “Ora, ora, Danny, como vão as coisas? A casa está pegando fogo, hein?”, mas ele não achou graça.

Voltamos ao meu quarto e ele começou a me contar o que tinha acontecido.

Ele pôs mesmo fogo na casa, mas várias outras casas também pegaram fogo, o que também não seria grande coisa se não fosse um sacana sem amor à pátria ter um monte de gasolina estocada no porão. De qualquer forma, o fogo cresceu tanto que se alastrou para uma fábrica militar e uma ala da fábrica queimou inteira. Alguém falou em sabotagem e o FBI entrou no caso.

Perguntei a Danny se ele tinha recebido, e ele disse que sim. Estava indo embora da cidade com o dinheiro. Não tive coragem de pedir uma parte, e ele tampouco tentou me forçar a receber.

Então dissemos boa-noite e boa sorte, e assim por diante. Depois Danny me perguntou o que tinha acontecido com Phillip, e contei a ele.

Danny pensou a respeito um minuto e disse: “Bom, ele pode tentar a política quando sair”.

“É” falei. “Ele se daria bem.”

FIM

Posfácio

Jack Kerouac estava bebendo e conversando na sala de sua casa, no número 217 da Sanders Avenue, em sua cidade natal, Lowell, Massachusetts, em outubro de 1967. Os jovens poetas Ted Berrigan, Aram Saroyan e Duncan McNaughton estavam sentados ali conversando com ele; eles tinham vindo gravar uma entrevista para *The Paris Review*. Depois de uma pergunta sobre seu primeiro romance, *Cidade pequena, cidade grande*, Kerouac observou: “Escrevi também outra versão [dessa história] que está escondida embaixo das tábuas do assoalho, com Burroughs. Chama-se *E os hipopótamos foram cozidos em seus tanques*”.

“Sim”, disse Berrigan, “ouvi rumores sobre esse livro. Todo mundo quer esse livro.”

Como essa conversa revela, *E os hipopótamos foram cozidos em seus tanques* já tinha ganhado estatuto de lenda quarenta anos atrás. Mas quando os dois autores escreveram o texto em 1945, eles ainda não haviam publicado nada e eram desconhecidos. *Hipopótamos* antecede em mais de uma década as obras que deram a eles a fama literária definitiva — *On the Road* em 1957 para Kerouac e *Almoço nu* em 1959 para William S. Burroughs. Esses livros, assim como *Howl and Other Poems*, de Allen Ginsberg, de 1956, são os marcos da geração Beat, e parece improvável que alguém que esteja lendo este livro os desconheça completamente.

Mesmo se tudo o que você sabe sobre o romance dos *Hipopótamos* é o que está na contracapa deste livro, é o suficiente para conhecer o texto na forma como foi escrito, por dois zés-ninguém e a respeito de pessoas de que ninguém nunca ouvira falar. Graças a uma montanha virtual de bibliografia Beat, biografias, cartas, memórias, e novas fontes de arquivos, a maior parte das pessoas em quem Kerouac e Burroughs basearam seus personagens em 1945 é hoje identificável. Para o bem ou para o mal, *Hipopótamos* chega agora a você como uma armação comercial: *O assassinato em Columbia que deu origem aos Beats! Um livro perdido de Kerouac! Um livro perdido de Burroughs!*

Hoje, sessenta e poucos anos depois de composto, o cenário dos *Hipopótamos* — a cidade de Nova York perto do fim da Segunda Guerra Mundial — faz do romance uma obra de época. Você trará para a leitura deste

texto todas as músicas do período da guerra e os carros e as modas, filmes, romances e manchetes. Mas, dependendo da versão da “história de Lucien Carr e David Kammerer” de que você dispõe, provavelmente vai querer jogar fora os preconceitos e deixar os personagens do romance, Phillip Tourian e Ramsay Allen, falarem por si mesmos.

Para alguém que acabou de chegar, o básico: a relação obsessiva entre Lucien Carr IV e David Eames Kammerer começou em Saint Louis, Missouri, em 1936, quando Lucien tinha onze anos e Dave vinte e cinco. Oito anos, cinco estados, quatro escolas preparatórias e duas faculdades depois, a conexão havia se tornado intensa demais, e as emoções muito febris; como Will Dennison escreve em *Hipopótamos*: “Quando os dois se juntam, sempre acontece alguma coisa”. Alguma coisa tinha que acontecer, até que por fim aconteceu.

Na madrugada coberta de neblina da segunda-feira 14 de agosto de 1944, na agitada Riverside Park, no Upper West Side de Nova York, Lucien e Dave estavam a sós, bêbados e brigando. Atracaram-se e lutaram na grama, e então Lucien esfaqueou Dave com seu canivete de escoteiro, duas vezes, no alto do peito. Dave apagou. Lucien achou que ele já tinha morrido e jogou o corpo inerte de Dave no rio Hudson — desacordado e sangrando, os braços amarrados com cadarços, pedras nos bolsos da calça —, onde ele morreu afogado. Passaram-se mais de vinte e quatro horas até Lucien se entregar às autoridades e mais um dia até Dave ser içado do rio na altura da West 79th Street.

Por uma semana, o assassinato foi primeira página nos jornais de Nova York, mas chocou especialmente três novos amigos que Lucien apresentara um ao outro em seu primeiro ano na Universidade de Columbia: Allen Ginsberg, dezoito anos, seu colega de Columbia que vinha de Paterson, New Jersey; Jack Kerouac, de vinte e dois, que acabara de abandonar Columbia e era de Lowell; e William S. Burroughs, trinta anos, formado em Harvard e amigo de Kammerer desde 1920, quando estudaram juntos em Saint Louis.

Para o leitor interessado, hoje existem publicadas muitas explicações disponíveis sobre a conturbada relação entre Kammerer e Carr. Em quase todas, no entanto, David é reduzido a uma caricatura patética: a do perseguidor homossexual mais velho que cada vez mais oprime a vítima heterossexual inocente, não deixando ao mais novo outra alternativa senão “defender sua honra” com violência. Essa foi, de fato, a tese da defesa de Carr que procurou ser palatável ao juiz e também à opinião pública — principalmente em 1944.

No entanto, ainda resta muito a dizer sobre a vida pregressa de Lucien Carr e sua bissexualidade na juventude, além do que já foi publicado mesmo nas mais completas e confiáveis biografias dos grandes nomes da geração Beat. Lucien teve, por exemplo, uma série de encontros sexuais com Ginsberg em 1944. E

Kammerer também: isso ficou claro com a publicação dos primeiros diários de Ginsberg em 2006, *The Book of Martyrdom and Artifice*. Mas Lucien jamais teve algum contato sexual com Dave — nem mesmo uma única ocasião, segundo o que Burroughs se lembra de Kammerer ter lhe contado várias vezes, e sem dúvida Dave teria contado a seu velho amigo Bill se alguma coisa, qualquer que fosse, tivesse acontecido.

Para quase todos que conheciam os atores dessa história, a sanitização retrospectiva da vivência sexual de Lucien para o consumo público pareceu perdoável, dadas as circunstâncias. Afinal, nem mesmo o velho amigo do morto foi contra Carr. William Burroughs foi a primeira pessoa a ouvir a confissão de Lucien, poucas horas depois do crime; ele sugeriu que Lucien arranjasse imediatamente um bom advogado e se entregasse, contando com o cenário de defesa da honra. Burroughs sentiu que não havia por que Lucien ser condenado à pena máxima.

Quando Lucien correu em seguida para contar a Jack a notícia, Kerouac foi mais ambíguo. Ele tinha muitos motivos para gostar de David Kammerer. A bissexualidade de Jack era confusa e velada, mas inegável; ele não conseguia sentir verdadeiramente nenhum desprezo por Kammerer por conta disso. E mesmo sendo amigo de Carr havia apenas seis meses, Kerouac dedicou uma lealdade a Lucien que ultrapassou seus receios.

Eles passaram o dia juntos, conversando e bebendo, indo de bar em bar, vendo pinturas, assistindo a filmes de arte, revisitando os lugares onde todo aquele drama da vida real havia recentemente ocorrido. Até que no final da tarde os rapazes viram que já haviam protelado o máximo que podiam. Relutantes, Jack e Lucien se separaram, ambos sabendo que os últimos acontecimentos iriam mudar tudo.

Depois de passar quase todo o dia 14 de agosto com Kerouac, Lucien contou tudo a sua mãe, Marion Gratz Carr, em seu apartamento da rua 57. Ela telefonou para o advogado e Lucien contou-lhe toda a história. Na manhã seguinte ele levou Lucien ao escritório do promotor público Frank S. Hogan, para se entregar. Carr foi acusado de assassinato em segundo grau e preso. Kerouac foi preso no apartamento onde morava com a namorada, Edie Parker, no apartamento 62, da West 118th Street, 421; não podendo pagar fiança, permaneceu detido como testemunha material.

Quando a polícia bateu na porta do apartamento de Burroughs, no número 69 da rua Bedford, no Greenwich Village, na quinta-feira de manhã, Bill estava do outro lado da cidade, no Hotel Lexington, trabalhando num caso de divórcio para

a agência de detetives William E. Shorten. Ele estava ali para registrar “ruídos amorosos” no quarto ao lado, que o casal suspeito reservara, mas não chegara a ocupar. Assim que Burroughs ficou sabendo que estava sendo procurado como testemunha, entrou em contato com sua família em Saint Louis. Eles imediatamente arrumaram para ele um bom advogado, que levou seu cliente ao escritório do promotor para ser interrogado e saiu de lá com ele livre sem precisar prestar serviços ao Estado.

Os advogados de Lucien, Vincent J. Malone e Kenneth Spence, ofereceram ao assistente da promotoria, Jacob Grumet, a alegação de culpa mediante uma redução da acusação para assassinato em primeiro grau. Para o tribunal e a imprensa, os advogados pintaram o quadro da bicha velha assediando um rapazinho que não era nem um pouco homossexual — como Carr pode ter parecido nas primeiras reportagens e fotos da cadeia, com sua bela cabeleira, rosto de menino, segurando um livro de poemas de Yeats. Os promotores chegaram até a sugerir que Kammerer, muito maior, tinha ameaçado Lucien fisicamente, mas não conseguiriam convencer nenhum júri de que um rapaz forte de dezenove anos só poderia ter se defendido esfaqueando David no coração... e fugido, no caso.

Lucien foi condenado a cumprir pena máxima de dez anos no reformatório de Elmira, em Nova York, no dia 15 de setembro de 1944. A biografia de Kerouac de Ann Charters^[1] diz que os amigos de Carr esperavam que ele não fosse condenado, e ficaram chocados quando ele foi enviado ao sistema correcional. Mas como Burroughs disse a Ted Morgan: “Eu estava no tribunal... Eu saí com o advogado do Lucien, que me disse ‘Acho que seria muito ruim para o caráter dele se ele tivesse simplesmente sido solto’ — quero dizer, ele não estava nem aí, ele não queria salvá-lo. Ele foi meio moralista”. (Pode ser até que o homem tivesse razão.)

Kerouac se casou com Edie Parker quando ainda estava na prisão, para que a família dela pudesse pagar sua fiança. Voltou para casa com ela até Grosse Pointe, Michigan, para prestar seus serviços ao Estado. Isso durou menos de um mês. Jack voltou para Nova York no início de outubro e começou seu período de “Self-Ultimacy” [autocentrimento], como aparece nas biografias.

Após a morte de Kammerer, Burroughs passou a ver o Dr. Paul Federn, seu psiquiatra na época, todos os dias da semana; depois foi morar com os pais em Saint Louis por várias semanas. Burroughs voltou a Nova York sem fazer alarde no final de outubro e alugou um apartamento sublocado no número 360 da Riverside Drive. Um mês depois, as conexões de Burroughs no submundo o apresentaram aos efeitos das injeções de morfina e em dezembro ele dividiria sua descoberta com Allen e Jack.

Para Burroughs, como sabemos, esse foi o início de uma luta de toda uma vida de dependência e de uma infindável série de reabilitações e curas, recaídas, outra limpeza, até em 1980 ele entrar no programa de manutenção com metadona.

Allen Ginsberg foi dos primeiros a arriscar a mão, tirando proveito literário da história de Carr e Kammerer: no final de 1944 Allen escreveu várias notas e esboços de capítulos em seus diários para uma obra que ele pensava em chamar de “The bloodsong”. Os diários agora publicados de Ginsberg incluem esses escritos, com muitas cenas vividamente descritas dele e Lucien, bem como do círculo Carr-Kammerer-Burroughs. A reconstrução feita por Ginsberg do último encontro entre Lucien e Dave naquela noite é a mais detalhada, e provavelmente a mais realista, de todas as dramatizações das horas finais de Kammerer.

Em novembro de 1944, no entanto, Ginsberg escreveu em seu diário: “Hoje o reitor chamou meu romance de ‘obsceno’”. O reitor-assistente de Columbia, Nicholas McKnight, havia convocado Allen para uma conversa depois que Harrison Ross Steeves, catedrático do departamento de inglês, contara sobre o trabalho do aluno. O reitor McKnight não queria chamar mais atenção para Columbia depois do ocorrido e desencorajara Ginsberg a continuar.

No outono de 1944, John Hollander, um amigo de Allen, estudante e poeta, já havia escrito um conto dostoievskiano sobre o crime para o *Columbia Spectator*, e os detalhes picantes se provariam irresistíveis a muitos outros escritores naqueles anos. Algumas versões do caso apareceriam em romances e memórias escritos nos anos 1940, ou depois, em obras de Chandler Brossard, William Gaddis, Alan Harrington, John Clellon Holmes, Anatole Broyard, Howard Mitcham e até mesmo James Baldwin — que, acredita-se, teria utilizado os personagens num conto que chamou de “Ignorant Armies”, uma versão anterior de seu romance de temática gay de 1956, *Giovanni’s Room*.

Outros escritores de Nova York que certamente conheciam a história incluem a amiga de Kammerer (e de Brossard) Marguerite Young, e um amigo dela, um mensageiro da *New Yorker* chamado Truman Capote, a quem Young apresentara Burroughs por volta de junho de 1945, quando o primeiro conto importante de Capote, “Miriam”, foi publicado na *Mademoiselle*. Anos mais tarde, Edie Kerouac Parker, outra testemunha ocular, escreveu suas memórias; sua versão foi finalmente publicada em 2007, como *You’ll Be Okay: My Life with Jack Kerouac*. O relato de Edie é contado da perspectiva da namorada de Jack, que na hora não entendeu por que a polícia bateu em seu apartamento e levou seu namorado preso.

E depois havia Burroughs e Kerouac. William falou longamente ao seu primeiro biógrafo, Ted Morgan, em meados da década de 1980, para seu indispensável *Literary Outlaw: The Life and Times of William S. Burroughs*.

“Kerouac e eu vínhamos falando sobre um possível livro que pudéssemos escrever juntos, e resolvemos fazer com a morte do Dave. Escrevemos capítulos alternados e lemos um para o outro. Havia uma separação clara entre os materiais que cada um escreveu. Não estávamos buscando nenhuma precisão literal, [só] algumas aproximações. Nos divertimos fazendo.

“Claro, [o que escrevemos] foi pautado pelo curso dos fatos — isto é, [Jack] sabia uma coisa e eu sabia outra. Fizemos uma ficção. [O crime] foi na verdade com um canivete, claro que não com uma machadinha. Tive que disfarçar os personagens, então fiz [do personagem Lucien] um turco.

“Kerouac não havia publicado nada [ainda], éramos completamente desconhecidos de todo mundo. Ninguém, ninguém mesmo, estava interessado em nos publicar. Fomos a uma agente [Madeline Brennan, da Ingersoll & Brennan] e ela nos disse: ‘Ah, sim, vocês têm *talento*. Vocês são *escritores!*’, esse tipo de coisa. Mas não deu em nada, nenhum editor interessado.

“E, pensando bem, não vejo por que se interessariam. Não tinha nenhuma possibilidade comercial. Não era sensacionalista o bastante [...] daquele ponto de vista, nem especialmente bem escrito ou interessante o bastante do ponto de vista puramente literário. Ficava no meio do caminho. [Fazia] muito o gênero existencialista, a moda da época, mas que não havia atingido a América ainda. Simplesmente não era um produto comercialmente viável.”

Sobre o título incomum, Burroughs explicou: “Era de uma notícia do rádio que surgiu quando estávamos escrevendo o livro. Tinha havido um incêndio num circo, e me lembro de ter ouvido esta frase no rádio: ‘E os hipopótamos foram cozidos em seus tanques!’ Então usamos como título”.

Em sua entrevista de 1967 para *The Paris Review*, Jack Kerouac lembra a origem do título desta forma: “Chama-se *E os hipopótamos foram cozidos em seus tanques*. Hipopótamos. Porque Burroughs e eu estávamos num bar uma noite e ouvimos um locutor dizer ‘... e os egípcios atacaram blá-blá-blá... e enquanto isso um grande incêndio ocorreu no zoológico de Londres e o fogo devastou o terreno e os hipopótamos foram cozidos em seus tanques! Boa noite a todos!’.

“Isso é coisa do Bill [acrescenta Kerouac], ele é que reparou nisso. Ele repara nessas coisas.”

E existe ainda outra versão, segundo a qual o incêndio foi no zoológico de Saint Louis. Mas certamente o fato está relacionado com o incêndio do circo Ringling Brothers and Barnum & Bailey em Hartford, Connecticut, em 6 de

julho de 1944, conhecido como “o dia em que os palhaços choraram”. Havia cerca de setecentas pessoas na tenda principal quando o circo foi engolido pelas chamas; três minutos mais tarde, os mastros da tenda desabaram e o resto da tenda incendiada caiu. Seis minutos depois de iniciado o incêndio, não havia mais nada além do rescaldo das cinzas. Pelo menos cento e sessenta e cinco homens, mulheres e crianças morreram, e cerca de quinhentas pessoas ficaram feridas, muitas presas durante o pânico. Mais tarde descobriu-se que a lona havia sido impermeabilizada com uma mistura de gasolina e parafina — o oposto de uma substância antifogo.

O incêndio de Hartford provavelmente ocorreu na mesma semana em que Burroughs visitou pela primeira vez o apartamento da rua 118 para se encontrar com Kerouac, no final de junho ou início de julho de 1944. Em Hartford, no entanto, cavalos, leões, elefantes e tigres foram rapidamente evacuados para longe do perigo, e não havia hipopótamos para cozinhar. Relatos dão conta de um hipopótamo-anão morto no incêndio do circo Cole Brothers em 1940, em Rochester, Indiana, assim como dezessete outros animais exóticos, como lhamas e zebras; e em Cleveland, Ohio, um incêndio na tenda onde ficavam os animais do circo Ringling Brothers, em 4 de agosto de 1942, matou mais de cem animais, duas dúzias deles com tiros de rifles da polícia, quando tentavam fugir em pânico e aterrorizados com as pelagens em chamas. Tais cenas de horror, absurdas, de um humor soturno, eram o tipo de história que Burroughs achava excruciantemente divertida. Talvez os hipopótamos cozidos fossem para ele uma piada recorrente retomada pela notícia do incêndio em Hartford.

Outros, como Allen Ginsberg, lembraram que a expressão “hipopótamos cozinhando” talvez viesse de uma das primeiras experiências de “montagem” de discursos e notícias de rádio que um amigo deles, Jerry Newman, costumava fazer em seus aparelhos de gravação de som. Newman era um estudante de Columbia aficionado por jazz que, antes de os gravadores de fitas magnéticas se tornarem comuns, já tinha um equipamento portátil de gravação de discos que ele levava a sessões de improvisação e a clubes da rua 52; suas raríssimas gravações de Art Tatum, de 1940-1, são consideradas um tesouro musical.

Em *Vanity of Duluo*, um de seus últimos romances de memórias, Kerouac descreveu sua colaboração com Burroughs no inverno de 1944-5.

Ora, o velho Bill naquela época ficava só esperando para ler o próximo monstruoso produto da caneta de seu amigo mais jovem, eu, e quando lhe mostrei ele franziu os lábios numa atitude de indagação interessada e leu. Depois de ler o que eu mostrei, ele balançou a cabeça e devolveu o produto para as mãos do autor. Quanto a mim, sentei-me ali, empoleirado num

banquinho que ficava como que aos pés daquele homem, no meu quarto ou no apartamento dele na Riverside Drive, numa atitude consciente de adoração e expectativa, e vendo meu trabalho devolvido sem mais comentários que um meneio da cabeça, eu disse, quase corando: “Você leu? Que tal?”.

Aquele Hubbard balançou a cabeça, como um Buda voltando lívido à vida, saído lá do Nirvana, o que mais ele podia fazer? Juntou os dedos resignado. Espreitando por sobre o arco das mãos respondeu: “Bom, bom”.

“Mas o que você acha mais especificamente?”

“É...”, franzindo os lábios e, olhando para longe, vendo uma parede igualmente espantada, “é, eu não acho nada sobre isso especificamente. Eu simplesmente *acho* que gosto, só isso.”

Os originais de *Hipopótamos* estavam datilografados no início da primavera. Numa carta de 14 de março de 1945 para sua irmã Caroline, Kerouac escreveu: “O livro que Burroughs e eu escrevemos está agora com a editora Simon & Schuster e eles estão lendo. O que vai acontecer, eu não sei. Pelo tipo de livro que é — um retrato do segmento ‘perdido’ da nossa geração, duro, franco e sensacionalmente real —, isso é bom, mas não sabemos se esse tipo de livro interessa no momento, apesar de que depois da guerra sem dúvida irão brotar livros da ‘geração perdida’, e o nosso nesse campo é imbatível”.

Burroughs levantara a mesma questão sobre os estilos literários que estariam na moda e seriam comerciais; como sabemos, Simon & Schuster rejeitaram o original “sensacionalmente real” de *Hipopótamos*, assim como alguns outros editores. Porém, Kerouac continuou a retrabalhar no material: no verão de 1945, sozinho, ele fez uma revisão completa da história de *Hipopótamos*, chamando o resultado ora de “O conto de Phillip Tourian”, ora de “O conto de Ryko Tourian”, ou ainda de “Eu queria ser você”. Também baseou os personagens “Michael” e “Paul” em si mesmo, e Lucien Carr em *Orpheus Emerged*, outra obra escrita por volta dessa época e publicada em 2005; esta novela inacabada apresenta também personagens baseados em Ginsberg e em Burroughs.

Depois de dois anos em Elmira, Lucien Carr foi solto. Voltou a Nova York para reconstruir sua vida do zero, disposto a impedir seu querido amigo Jack de fazer qualquer versão romantizada da tragédia que havia posto fim a sua juventude. Desestimulou qualquer outra tentativa de reescreverem ou reenviarem o texto de *Hipopótamos*, bem como de qualquer outro tratamento similar da história. Os amigos de Lucien sabiam que ele queria esquecer tudo aquilo, mas a

história era boa demais para ser deixada para trás — e eles eram escritores, ou pelo menos em breve seriam.

Nas cartas escritas de Elmira a Kerouac e Ginsberg, Carr manteve a pose de um tom despreocupado, mas era evidente para ele e para todo mundo que ele não voltaria para a Universidade de Columbia. Logo depois de sair da prisão, foi trabalhar na United Press International, onde entrou como mensageiro. Casou-se com Francesca von Hartz, teve três filhos (Simon, o romancista Caleb e Ethan) e em 1956 foi promovido a editor dos jornais noturnos na UPI.

Naquele mesmo ano, a editora City Lights, de Lawrence Ferlinghetti, publicou o inovador poema “Howl”, de Allen Ginsberg, com dedicatória a Lucien. Mas Carr, que já “desfrutara” demais de notoriedade pública, pediu a seu velho amigo Allen que não mencionasse mais seu nome nas edições seguintes. A década de 1940 era agora um capítulo encerrado na vida de Carr, ou pelo menos era o que ele compreensivelmente esperava.

Para Burroughs, tanto fazia uma coisa como a outra. Em 1946, ele estava seriamente envolvido com drogas, com o pé no primeiro degrau da escada que cinco anos depois o levaria a um círculo do inferno na Cidade do México, quando, por descuido, mas sem intenção, matou sua mulher, na época Joan Vollmer Burroughs, com um tiro na testa, tentando uma proeza numa festa de bêbados em 6 de setembro de 1951. Naquela altura ele vinha escrevendo havia dois anos, mas seu tema não era Jack Kerouac nem Lucien Carr; seu tema era a droga e os drogados — em Nova York e Lexington, Kentucky, no leste do Texas e em New Orleans, Louisiana, e por fim na Cidade do México —, em outras palavras, ele e seus camaradas de vício.

O primeiro romance publicado de Jack Kerouac, *Cidade pequena, cidade grande* (1950), era um romance de formação sobre a vinda para a cidade grande, como *As ilusões perdidas* de Balzac, mas contado como uma saga familiar, com aspectos de Jack e seus parentes recombinaados na família Martin. O livro apresenta de fato uma versão bastante modificada da história de Carr e Kammerer, com Kenneth Wood e Waldo Meister concebidos com base em Carr e Kammerer, mas com os fatos bem alterados, para que Lucien Carr não ficasse muito reconhecível.

Mas *Cidade pequena, cidade grande* não bastou para conter todo o fascínio de Kerouac pela história. Numa carta a Carl Solomon, de San Francisco, datada de 7 de abril de 1952 — depois que Solomon virou editor na Ace Books, graças a seu tio, dono da Ace, A. A. Wyn —, Jack falaria do livro *Hipopótamos*, que ele gostaria que saísse pela Ace.

“Não tenho nada contra livros mais baratos, de capa mole”, escreveu Kerouac. “O fato é que Burroughs e eu escrevemos um romance sensacional de

duzentas páginas sobre o crime do Lucien em 1945 que ‘chocou’ todos os editores e agentes literários... Allen se lembra... se vocês quiserem, é só ir até a casa da minha mãe com o Allen e procurar na barafunda de caixas e malas, está dentro de um envelope pardo, escrito eu queria ser você, e assinado Seward Lewis (que são nossos nomes do meio). O próprio Bill aprovaria se vocês fizessem isso, passamos um ano escrevendo, o Lucien ficou maluco, queria que a gente sumisse com aquilo, enterrasse embaixo das tábuas do assoalho (portanto não vão agora contar para o Lucien).”

Jack pode ter enfeitado um pouco o “fator choque”, mas estava certo quanto ao fato de nenhuma editora aceitar publicar os *Hipopótamos* — inclusive a Ace Books em 1952. (E ele ainda se lembrava dessas tábuas do assoalho quinze anos depois na entrevista a *The Paris Review*.)

Em 1959, as três obras fundamentais dos Beats já haviam sido publicadas, e cada autor rapidamente conquistara fama, leitores e vendas. A geração Beat já havia inicialmente recebido seu nome em 1952, no romance *Go*, de John Clellon Holmes (que também traz Carr e Kammerer em papéis secundários), mas a matéria da revista *Life* de novembro de 1959, “The only rebellion around”, foi provavelmente o estouro da represa para o conhecimento público dos Beats nos Estados Unidos.

Em 1959, como Gerald Nicosia aponta em sua essencial biografia *Memory Babe*, Kerouac ainda fazia esforços para reviver a história de *Hipopótamos*; ele havia travado na metade de seu romance inacabado *Desolation Angels*. Mais do que isso, havia falado sobre o assunto na frente de Lucien e de sua mulher Cessa, “deixando-a aterrorizada e perturbando Lucien profundamente... Jack parecia admirar o assassinato como um feito heroico. Embora, a pedido deles, ele tivesse concordado temporariamente em não publicar o livro, continuaria pensando na ideia de quando em quando, levando Cessa à beira da histeria”.

Em 1967 Jack finalmente cumpriu a ameaça: estava escrevendo *Vanity of Duluo: An Adventurous Education 1935-46*, um livro sobre sua vida antes de ir para a estrada com Neal Cassady, escrito como se fosse contado para sua sofrida terceira mulher, Stella Sampas Kerouac. Ele tirou o original datilografado de 1945 do armário para reler em busca de inspiração e lembranças, e quando *Vanity* foi publicado em 1968, um quinto do livro era a história de Claude de Maubris (Lucien) e Franz Mueller (Kammerer). Ele apresenta ainda o sublime Wilson Holmes “Will” Hubbard (Burroughs) numa linguagem semelhante à que encontramos em *Hipopótamos*; o processo narrativo de Kerouac em *Vanity* segue bem de perto também a estrutura de cenas de *Hipopótamos*.

O livro de Kerouac foi publicado bem a tempo, porque em 1968 as primeiras biografias Beat estavam a caminho. *Allen Ginsberg in America*, de Jane Kramer,

que saiu naquele ano, baseava-se nas séries que ela fizera sobre Allen na *New Yorker*, mas sem mencionar Lucien Carr ou Dave Kammerer; Allen talvez tenha simplesmente evitado falar sobre a história com ela.

Em seguida, sairia o livro fundamental de Ann Charters, *Kerouac: A Biography*, de 1973, que reapresenta Carr e Kammerer a um mundo que os havia esquecido — embora o editor sênior da UPI, Lou Carr, fosse muito conhecido e apreciado por todos. Charters, no entanto (e Ginsberg costumava reclamar disto na minha presença), foi obrigada a retirar da última versão do texto, e substituir com paráfrases, todas as citações de escritos de Jack Kerouac, publicados ou inéditos, porque a obra de Kerouac era de acesso exclusivo devido a um acordo com Aaron Latham, que também estava escrevendo uma biografia.

O livro de Latham foi finalizado, mas jamais publicado, talvez porque o livro de Charters houvesse saturado o mercado de biografias de Kerouac na época. No entanto, novas e importantes biografias de Kerouac seriam lançadas na década de 1970, principalmente *Jack's Book*, de Barry Gifford e Lawrence Lee, em 1978, e *Desolate Angel*, de Dennis McNally, em 1979.

O projeto de Latham teve um efeito retardante que se mostrou bastante profundo. O agente de Latham era o venerável Sterling Lord, também agente de Kerouac desde o início dos anos 1950 e, após a morte de Kerouac em outubro de 69 curador de seu espólio. Latham escrevia bastante para a revista *New York*, e o falecido Clay Felker, seu editor, concordara em publicar o primeiro capítulo do livro. O título era simplesmente “O assassinato de Columbia que deu origem aos Beats”, e foi publicado em abril de 1976, com um encarte gráfico de duas páginas e, na capa da revista, uma chamada para a matéria. O capítulo de Latham baseava-se diretamente em cenas e diálogos citados deliberadamente ou parafraseando *Vanity of Duluo* e o original datilografado de *Hipopótamos*, como se ambos os textos pudessem ser considerados relatos fiéis e literais dos fatos.

A matéria na *New York* arruinou a vida de Carr, e Lou ficou lívido. Apesar de ter trabalhado por trinta anos com alguns de seus colegas na UPI, nenhum deles sabia de seu homicídio cometido na adolescência. Ele culpou Allen por falar abertamente na entrevista a Latham sobre seus casos sexuais; achou que Allen havia entendido errado os acontecimentos de 1944, mais bem apresentados em *Vanity of Duluo*, quando Claude sussurra para o narrador (Jack), quando são presos, “Heterossexualidade até o fim da linha”. Allen não tinha mais certeza se havia mesmo falado alguma coisa a Aaron Latham ou não. De todo modo, ficou arrasado e implorou a William que aliviasse o sofrimento de Lucien.

William ficou muito indignado por causa de Lucien e, com a ajuda de seu velho advogado de direitos autorais, Eugene H. Winick, entrou com um processo contra Latham, Lord e a revista *New York* por infração da lei dos direitos autorais

sobre os capítulos escritos por Burroughs no livro *Hipopótamos*, por difamação e invasão de privacidade (isto é, uso desautorizado e indevido do nome de alguém ou de sua semelhança). O acordo no processo de Burroughs aconteceu no início dos anos 1980, com uma indenização e sem ressentimentos; o controle sobre *Hipopótamos* desde então passou a ser dividido e exercido conjuntamente. Então agora “os *Hipopótamos* estavam trancados na gaveta deles” — e assim permaneceriam por mais vinte anos.

Burroughs mudou-se de seu “bunker” de Nova York para Lawrence, Kansas, no final de 1981 e viveu e trabalhou ali em Lawrence por mais dezesseis anos, completando sua Trilogia da Luz Vermelha e criando uma obra substancial de artes visuais. Quando finalmente chegou a hora de William Burroughs fazer a viagem para o país da margem ocidental,^[2] em 2 de agosto de 1997, eu estava com ele; tive o privilégio de viver e trabalhar com William por vinte e três anos.

Logo após meu aniversário de vinte e um anos, cheguei a Nova York, vindo do Kansas, atrás do meu destino. Burroughs e os Beats foram o meu foco desde a adolescência; eu já conhecera Ginsberg no ano anterior e então, com ajuda de Allen, conheci William em meados de fevereiro de 1974. William logo me convidaria para dividir com ele o enorme loft do número 452 da Broadway. Uma noite naquela mesma primavera, era bem tarde, William e eu fomos acordados pela campainha da porta e ouvi uma voz forte e insolente berrar no interfone: “Bill! É o Lou Carr, porra, me deixe entrar”. Abri, e então ficamos sentados conversando por uma ou duas horas. Minha amizade com Lucien começou naquela noite e cresceu ao longo dos meus anos com William.

No outono de 1999 como curador do espólio de Burroughs, participei do leilão do espólio de Allen Ginsberg na Sotheby de Nova York. Depois do leilão, fui a Washington, D. C., visitar Lou por alguns dias. Lá confirmei minha velha promessa a Lucien: de que, por respeito aos sentimentos dele, eu não permitiria a publicação dos *Hipopótamos* de Kerouac e Burroughs enquanto ele vivesse.

Tive ainda a honra de privar por muitos anos da amizade de John Sampas, curador do espólio de Kerouac. John sempre foi generoso, atencioso e divertido. Foi também decididamente respeitoso com minha promessa feita a Lucien sobre *Hipopótamos*.

Todos eles se foram agora: Dave, Jack, Allen, Bill — e Lucien também, há dois anos, em 2005... de modo que aqui estão os *Hipopótamos*, finalmente prontos para ser cozidos.

Algumas palavras sobre este livro: um leitor mais íntimo dos Beats facilmente reconhecerá os personagens sob pseudônimos em *Hipopótamos*: os

autores e narradores da vida real, Jack Kerouac (Mike Ryko) e William Burroughs (Will Dennison); as trágicas figuras centrais de Lucien Carr (Phillip Tourian) e Dave Kammerer (Ramsay Allen, ou Al); a namorada e primeira mulher de Kerouac, Edie Parker (Janie); a namorada de Carr, Celine Young (Barbara “Babs” Bennington), e o calouro amigo de Carr, John Kingsland (James Cathcart).

Os acadêmicos também poderão identificar alguns personagens históricos menos conhecidos nas entrelinhas da história: os pais de Lucien, Russell Carr (Sr. Tourian/Sr. Rogers) e Marion Carr (Sra. Tourian); o tio rico Godfrey S. Rockefeller (o tio de Phillip); o futuro escritor da *New Yorker*, Chandler Brossard, que morava no número 48 da Morton Street, onde Kammerer vivia, perto do apartamento de Burroughs na Bedford Street (Brossard pode ser Chris Rivers); o estivador Neal Spollen (Hugh Maddox); o círculo de lésbicas de Barnard, com a máscula Ruth Louise McMahon (Agnes O’Rourke) e as universitárias Donna Leonard (Della) e Teresa Willard (Bunny?); a amiga de Kammerer, Patricia Goode Harrison e seu marido na época, Thomas F. Healy, um escritor irlandês (Jane Bole e Tom Sullivan, possivelmente); e o jovem bandido que Dennison conhece — baseado num certo “Hoagy” Norman, ou Norton (Danny Borman).

E, é claro, Joe Gould, o verdadeiro Professor Gaivota — como foi apelidado num conhecido perfil publicado em 1942 por Joseph Mitchell na *New Yorker* —, aparece aqui com seu nome real. Verboso, alcoólatra, na meia-idade, um homem de posses *dans la boue*, extraviado de uma árvore genealógica que tinha raízes em Boston antes da Revolução, Gould era o próprio excêntrico do Village. Assim como é retratado em *Hipopótamos*, ele passava o tempo todo na Minetta Tavern, trabalhando (dizia ele) em sua vasta obra-prima, *An Oral History of Our Time* — e, como Burroughs lembrava, fazendo “seu número da gaivota” em troca de bebida. Mas “O segredo de Joe Gould”, que Mitchell revelaria na sequência publicada em 1964, era que o interminável manuscrito da *Oral History* jamais existiu.^[3]

No ano 2000, *Joe Gould’s Secret* foi transformado em filme, dirigido por Stanley Tucci e com Ian Holm no papel de Gould. Trata-se de uma recriação visual muito benfeita daquele ambiente e do período — o Greenwich Village em meados dos anos 1940 — em que se passa a história de *Hipopótamos*, e assim o leitor pode aproveitar e assistir ao filme para ajudar a imaginar aquele cenário agora tão distante no tempo.

Em minha edição, não pretendi fazer um trabalho textual meticuloso como Oliver Harris, o eminente especialista em Burroughs, havia firmado em suas edições definitivas do texto das primeiras obras de Burroughs, *Junky* (1953) e *As*

cartas do Yage (1963). Em vez disso, tentei apresentar os escritos de acordo com as intenções dos próprios autores, na medida em que tais intenções podiam ser identificadas.

Sabemos que Kerouac e Burroughs entregaram este mesmo original datilografado, inteiro, a seu agente na primavera de 1945, para submetê-lo a editoras como Simon & Schuster e Random House. Esse fato, por si só, confirma, a meu ver, que, se *Hipopótamos* tivesse sido contratado para publicação na época, os dois teriam aceitado algumas modestas sugestões sobre organização e ortografia — principalmente porque eles tinham em mente o público comum de leitores de romance, e não o leitor de vanguarda.

Evitei ao máximo fazer alterações mesmo discretas, embora tenha feito algumas. Vírgulas foram acrescentadas onde pareceu mais necessário, e alguns solecismos foram mantidos, por serem característicos do estilo de composição dos autores. Jack Kerouac evidentemente datilografou todo o original tal como se encontra hoje, sem nenhuma página faltando; ele possuía ótima ortografia e era bom em pontuação. Minha maior liberdade foi ao acrescentar ou mudar algumas quebras de parágrafos, para aumentar a legibilidade ou a cenarização quase cinematográfica de algumas passagens — mais uma vez, como pareceu apropriado ao gênero literário da obra.

Antes de encerrar, mais adiante, uma nota sobre o texto: trata-se do resultado de uma transcrição a partir de fotocópias dos originais datilografados feita por meu amigo e colega Tom King a quem tenho o prazer de agradecer pelo auxílio atencioso. Gostaria também de agradecer a meus amigos Thomas Peschio, John Curry e James M. Smith, pelos inúmeros favores e estímulos; aos especialistas Gerald Nicosia, Oliver Harris, Dave Moore e Bill Morgan pelas sugestões e correções; a meu editor, Jamison Stoltz, pela orientação no momento preciso; à companheira de Lucien, Kathleen Silvassy, pela hospitalidade deles comigo anos atrás; a meu velho amigo Gene Winick, pela vida inteira de auxílios a William e seu legado, e também ao agente de Kerouac, Sterling Lord, pelas seis décadas em que alimentou o legado de Jack (e por sua postura magnânima diante do processo ocorrido há trinta anos); a meu amigo e colega John Sampas, por seu equilíbrio e sagacidade burroughsiana a meus agentes Andrew Wylie e Jeff Posternak, por tantos anos acreditando em mim ao longo das minhas vicissitudes; a meu querido e estimado amigo Ira Silverberg por tudo isso que disse acima e muito mais; mas sobretudo agradeço a minha mãe, tão amada, Selda Paulk Grauerholz, que faleceu no dia 13 de março de 2008, ainda me perguntando se eu já tinha terminado os *Hipopótamos* — a ela, agradeço por tudo, sempre, e quem dera eu pudesse dizer-lhe isso agora.

Lou Carr tornou-se um consumado e dedicado homem de imprensa. Foi promovido a diretor de jornalismo da UPI na década de 1970 e quando a United Press mudou-se para Washington, D. C., em 1983, mudou-se para lá, deixando Nova York. Lucien permaneceu na agência por quarenta e sete anos, até se aposentar em 1993 com sessenta e oito anos. Morreu aos setenta e nove, em 28 de janeiro de 2005.

Num tributo no National Press Club, em Washington, D. C., no dia 4 de março de 2005, mais de cento e sessenta colegas de Lucien Carr compareceram para lembrá-lo. Como noticiou o *Times* de Londres em seu obituário: “A história da empresa [United Press], *Unipress* (2003), contou sobre Carr que ele era: a alma dos noticiários. Alto, magro, egresso da geração Beat, ele reescreveu, corrigiu, difundiu e reviveu mais histórias no principal circuito dos jornais da UPI, o *A-wire*, do que qualquer um antes dele. Inspirou muita admiração e afeto de seus colegas”.

“O assassinato que deu origem aos Beats” virou uma história recorrente, mas não foi a morte de Kammerer que embalou o berço dos Beats; foi a força vital, intelectual e sexual do adolescente Lucien Carr, a quem o próprio Kammerer ajudara a criar desde a puberdade com uma dieta de excessos poéticos — a divina inspiração de Baudelaire; os *actes gratuits* de Gide; e a relação apaixonada de Verlaine e Rimbaud. E então Dave e Lucien mergulharam na loucura, encenando os papéis malditos em suas próprias vidas.

Em *Hipopótamos*, Jack e Bill retrataram um caso trágico de relação mestre-discípulo que deu errado e da natural crueldade da juventude. No entanto, a dificuldade no caso de *Hipopótamos* sempre foi a morte de Kammerer não ter sido o fim de uma história, mas o começo. Com Kammerer morto e Carr preso, sobraram três deles: Burroughs, Kerouac e Ginsberg... e embora nenhum deles fosse ver a obra publicada mais de uma década após a morte de David, seriam eles os destinados ao reconhecimento literário e do público em geral.

O momento de Lucien Carr sob os refletores, como jovem e despreocupada estrela polar dos Beats — o brilhante e carismático Claude de Maubris, o celebrante sacrificial deles, estimulando-os a *Plonger au fond du gouffre/Enfer ou Ciel, qu’importe?*”^[4] —, aqueles dias tranquilos tinham terminado havia muito tempo, numa noite quente de verão durante a guerra, quando Lucien tirou, ou recebeu, a vida de seu mentor submisso, seu perseguidor e brinquedo em suas mãos, seu criador e destruidor, David Eames Kammerer.

James W. Grauerholz
Junho de 2008

JACK KEROUAC nasceu em 1922 em Lowell, Massachusetts. Um dos fundadores da *beat generation* nos Estados Unidos, é autor do melhor relato sobre esse estilo de vida geracional: o romance *On the Road*, editado em 1957. Publicou também, entre outros, *Os subterrâneos*, *Os vagabundos do Dharma* e *Satori em Paris*. Morreu em 1969, de hemorragia provocada pelo alcoolismo, na Flórida.

WILLIAM SEWARD BURROUGHS II nasceu em 1914, em Saint Louis, Missouri. Outro *beat* de primeira hora, junto com Kerouac e o poeta Allen Ginsberg foi dependente de heroína, de forma intermitente, por muitos anos. Estreou com *Junky*, sobre o *bas-fond* da droga pesada nos Estados Unidos e no México. Sua obra mais importante é *Almoço nu*, de 1959, mescla de delírios sádicos, homossexuais e paranoicos induzidos pela heroína. Morreu em 1997.

Copyright © 2008 by espólio de William S. Burroughs e espólio de Jack Kerouac Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original And the hippos were boiled in their tanks *Capa* Elisa von Randow *Foto de capa* Ferenc Kalmandy/ EPA Corbis/ LatinStock *Preparação* Maria Cecília Caropreso *Revisão* Ana Maria Barbosa Carmen S. da Costa Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Burroughs, William S.

E os hipopótamos foram cozidos em seus tanques / William S. Burroughs e Jack Kerouac ; tradução Alexandre Barbosa de Souza. — São Paulo : Companhia das Letras, 2009.

Título original: And the hippos were boiled in their tanks ISBN 978-85-359-1450-4

1. Ficção norte-americana I. Kerouac, Jack. II. Título

09-03527

CDD-813

Índice para catálogo sistemático 1. Ficção : Literatura norte-americana 813

[2009]

Todos os direitos desta edição reservados a EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

[1] *Kerouac: uma biografia*. São Paulo: Campus, 1990, tradução de Sônia Coutinho. (N. T.) [2] Alusão ao título do romance de Burroughs, *The Western Lands* (1987), inspirado na mitologia egípcia. (N. T.) [3] Em 2003 a Companhia das Letras publicou *O segredo de Joe Gould*, reunião dos textos de Mitchell sobre Gould escritos para a *New Yorker*. (N. E.) [4] Versos do final do poema “Le voyage”, de *As flores do mal*, de Charles Baudelaire: “Mergulhar no fundo do abismo,/ Inferno ou Céu, o que importa?” (N. T.)

Digitalização e revisão

Virgínia Vendramini